



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM HISTÓRIA**



UALISSON PEREIRA FREITAS

A traição do sexo: testemunhos da perseguição aos homossexuais em Cuba na obra de Reinaldo Arenas (1959-1990)

**ITUIUTABA-MG
2020**

UALISSON PEREIRA FREITAS

A traição do sexo: testemunhos da perseguição aos homossexuais em Cuba na obra de Reinaldo Arenas (1959-1990)

Monografia, apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História Licenciatura e Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Giliard da Silva Prado

Banca examinadora

Prof. Dr. Giliard da Silva Prado (Orientador) - (UFU)

Prof.^a Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa (UFMG)

Prof.^a Dra. Angela Aparecida Teles (UFU)

Ituiutaba-MG, 02 de outubro de 2020

Aos meus avós, Raimunda e Lázaro, que, com sensibilidade e dedicação, possibilitaram-me algo melhor do que o sonho: a vida.

AGRADECIMENTOS

Nesta página expresso meu reconhecimento àqueles que, no período de minha graduação, contribuíram para meu crescimento pessoal e intelectual ou que, através de um incondicional apoio, possibilitaram minha formação. Agradeço:

Ao professor Giliard da Silva Prado, pela primorosa orientação, mas por antes disso ter me dado a chance de expressar em sala minhas “dúvidas e questionamentos, angústias e anseios”. Obrigado por mostrar que, além de educador, o professor pode ser um colega e que, entre os mais diversos desafios, a profissão docente “vale a pena”!

À professora Angela Aparecida Teles, por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora, pelo zeloso trabalho de ensino dos complexos Métodos e Técnicas de Pesquisa em História e por ter me instruído a olhar os objetos de ângulos diferentes. Afinal, às vezes a luz revela uma construção e às vezes sai de uma *pared medianera*!

À professora Adriane Aparecida Vidal Costa, que também se dispôs a participar da banca examinadora e a transmitir suas valiosas críticas e sugestões. Obrigado por, em poucas horas muito agradáveis, possibilitar o desenvolvimento de tanto aprendizado!

Ao professor Newman Di Carlo Caldeira, pelas inúmeras lições sobre a imprevisibilidade e liberdade do ser humano, que, com certeza, influenciaram vigorosamente nesse trabalho.

Aos professores, Sandra Alves Fiuza e Astrogildo Fernandes da Silva Jr., pelos temas sempre pertinentes, pelas abordagens sempre interessantes, pelas aulas que, além de criativas, sempre foram extremamente produtivas. Foi um prazer aprender com vocês!

A professora Dalva Maria de Oliveira Silva, por ter possibilitado em suas aulas a prática da análise de obras literárias, fundamental para essa pesquisa, e, não menos importante, pelas singulares palavras de tolerância e união, que talvez não fiquem na História, mas com certeza já ficaram na Memória.

Agradeço ainda à toda a equipe da Universidade Federal de Uberlândia, ao corpo docente, técnicos e secretários; aos profissionais da coordenação, da administração e da direção; e àqueles que realizam a manutenção do espaço. Obrigado por oportunizarem o desenvolvimento de admiráveis aulas, programas, laboratórios e centros – entre eles: PET,

CEPDOMP, LAPEH, LAPAMI e LAHISD –, todos produtos de um ensino público, gratuito e de qualidade!

Agradeço aos meus avós, Raimunda Pereira da Cruz e Lázaro Américo Pereira, por, desde muito cedo, terem se dedicado a mim e a mais cinco netos. Obrigado pela incansável disposição e cuidado!

À minha tia Rúbia Cristina Pereira Santos, a quem tenho grande carinho, por ter acompanhado toda a minha trajetória, da escola à universidade, oferecendo os mais preciosos conselhos pedagógicos.

À minha tia Núbia Viviane Pereira, que durante toda minha vida incentivou os meus estudos e me deu exemplos de força e dedicação.

Aos meus irmãos, Camilla Hellen Pereira Santos, Robson Uiliam Pereira Freitas e Vitor Gabriel Rosa, pelos momentos de descontração que me proporcionaram um respiro na cansativa, mas também gratificante, rotina de estudo e pesquisa.

Aos meus pais, Aparecida Freitas Silva e Robson Uiliam Pereira, por depositarem confiança em mim e nos meus projetos, incentivando que eu fizesse minhas próprias escolhas.

À Rislene Custódio de Oliveira e Vitória Soares Vieira, amigas de sempre e para sempre, por todo apreço, cuidado e diversão. Saibam que, “na distância mais precisa”, me ensinaram o verdadeiro significado de afeto: “nunca perdido, sempre reencontrado”!

Aos artistas e também meus amigos, Miguel Ângelo Medeiros de Souza e Eras Eduardo Gondim, pelas agradáveis divagações filosóficas e pelas bianuais tardes de café, nas quais mesmo em momentos de silêncio me sinto completo e feliz. Obrigado por esses encontros, tão especiais quanto raros!

À Jordi Faria, matemático por excelência, parceiro das conversas sinceras e prazerosas, cujo senso de humor peculiar beira o infortúnio, mas acaba atingindo a perfeição. Obrigado pelos momentos exatos de imaginação e criatividade.

À Felipe Fressatti, Victoria Melo, Francielle Rodrigues, Marília Resende, Bianca Oliveira e Amanda Gomes, pelo encorajamento e cumplicidade e a todos outros amigos cujos nomes não estão aqui assinalados.

Por fim, um agradecimento especial ao meu companheiro, Gustavo de Souza Rubbi, com quem durante quatro anos divido todas as minhas felicidades e meus dilemas. Obrigado pela ajuda, pelo carinho e por nosso bom “amor prestante”!

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que
ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada
constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente
certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos
seres,
Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos
brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada
de nada. [...]

Fernando Pessoa

(PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa:
Ática, 1944.)

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: Homossexualidade, perseguição institucional e resistência: testemunhos e representações de Arenas na Cuba revolucionária (1959-1980).....	20
1.1 O ideal de <i>homem novo</i> e a institucionalização da perseguição aos homossexuais ..	23
1.2 O vivido e o indizível: a dissidência e a resistência homossexual	32
1.3 Entre <i>maricones</i> e <i>bugarrones</i> : a hierarquização da repressão e a manutenção de um modelo tradicional de relações de gênero	40
1.4 Ante as frias grades as almejadas flores: disputas políticas e busca pela liberdade em território estrangeiro	46
Capítulo 2: Liberdade condicionada e fragmentação identitária: a experiência de Reinaldo Arenas do outro lado do campo simbólico (1980-1990)	59
2.1 Experiências exílicas: alternância intelectual entre o trauma e a inexistência	61
2.2 A criação irreverente: literatura como vingança e salvação	66
2.3 Além da vingança, a negociação do “Eu”: a construção da oposição política nos escritos exílicos de Arenas	74
2.4 Da repressão à omissão: embates narrativos no campo da memória.....	78
Considerações finais	84
Fontes.....	87
Referência bibliográfica.....	89
Anexos.....	93

RESUMO

Cenário complexo e ainda controverso no que concerne à temática da homossexualidade, a Cuba revolucionária tem sido objeto de um número crescente de pesquisas acerca das políticas de repressão aos homossexuais. Com o objetivo de contribuir com as pesquisas históricas nesse campo de estudo, este trabalho analisa os testemunhos do intelectual cubano Reinaldo Arenas, evidenciando suas experiências entre os anos de 1959 e 1990, período que contempla tanto suas vivências no país caribenho quanto a época de seu exílio nos Estados Unidos. O procedimento metodológico da pesquisa conta com a análise da obra autobiográfica *Antes que anoiteça*, que consiste em uma literatura de testemunho, bem como de cartas redigidas por Reinaldo Arenas. São utilizados, principalmente, as categorias de análise *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, de Koselleck; as definições a respeito de *memória*, de Pollak; e o conceito de *representação*, de Chartier. Em um procedimento de análise qualitativo, o trabalho investiga as formas de limitação da liberdade individual dos homossexuais empreendidas pelo Estado e como estas são percebidas e representadas pelo intelectual. Evidencia-se a difusão do ideal de *homem novo* em Cuba e as formas de perseguição postas em prática após o triunfo revolucionário, as resistências dos dissidentes e os significados construídos por Arenas acerca das sexualidades desviantes. Conclui-se que, em função da manutenção de uma tradição intolerante, a ideologia do *homem novo* foi utilizada como justificativa e meio para a repressão aos homossexuais e que os representantes deste grupo foram enérgicos no enfrentamento do clima autoritário e opressivo, desenvolvendo estratégias para exercer e reivindicar a liberdade de expressão e sexual.

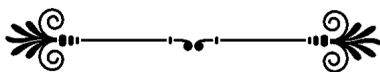
Palavras-chave: Literatura de testemunho. Homossexual. Reinaldo Arenas. Cuba. Revolução.

RESUMEN

La Cuba revolucionaria ha sido objeto de un creciente número de investigaciones acerca de las políticas de represión de los homosexuales ya que presenta un escenario complejo y todavía polémico en el asunto de la homosexualidad. Con el propósito de contribuir a la investigación histórica en esta área de estudio, este trabajo analiza los testimonios del intelectual cubano Reinaldo Arenas, enfatizando las experiencias del escritor entre 1959 y 1990, período que abarca tanto las experiencias de Arenas en el país caribeño como en el exilio estadounidense. El procedimiento metodológico de la investigación incluye el análisis de la literatura testimonial *Antes que anochezca*, y análisis de cartas escritas por el literato. Se utilizan principalmente las categorías analíticas *espacio de experiencia* y *horizonte de expectativa*, de Koselleck; las definiciones acerca de la *memoria*, de Pollak; y el concepto de *representación*, de Chartier. En un procedimiento de análisis cualitativo, el trabajo investiga la limitación de la libertad homosexual por parte del Estado y cómo ésta es percibida y representada por el intelectual. Resalta la difusión del ideal del *hombre nuevo* en Cuba y los tipos de persecución puestos en práctica después del triunfo revolucionario, la resistencia de los disidentes y los significados contruidos por Arenas sobre las sexualidades desviadas. Se concluyó que, debido al mantenimiento de una tradición intolerante, la ideología del hombre nuevo fue utilizada como justificación y medio para la represión de los homosexuales y que los representantes de este grupo se mostraron enérgicos para enfrentar el clima autoritario y opresivo, desarrollando estrategias para ejercer y reclamar la libertad de expresión y sexual.

Palabras clave: Literatura testimonial. Homosexual. Reinaldo Arenas. Cuba. Revolución.

Introdução



Atualmente, é possível visualizar através dos diferentes meios de comunicação, vários tipos de perseguição sofridas pelos homossexuais. Em diferentes partes do mundo as notícias veiculam atrocidades cometidas contra essa parcela da população cujos integrantes têm sua liberdade roubada e seus direitos cotidianamente minimizados. Estigmatizados socialmente como sujeitos imorais, essa comunidade sofre sucessivos ataques – verbais e não verbais, pessoais e institucionais – por desviarem de um padrão criado e estabelecido. Tudo isso revela uma cultura de intolerância à diversidade e às práticas sexuais que não são heteronormativas.

Ao se observar as diversas produções historiográficas que tratam da questão homossexual, os estudos demonstram uma trajetória de exclusão deste grupo historicamente marginalizado e uma luta empreendida para a afirmação de suas memórias. Entre os países ocidentais, Cuba tem sido objeto de pesquisas e questionamentos por apresentar um cenário complexo, e ainda controverso, no que concerne à temática da homossexualidade. No que se refere à Revolução Cubana, estudiosos problematizam uma experiência revolucionária que, apesar de propor justiça social, arraiga-se a determinados valores tradicionais, fazendo perpetuar preconceitos.

É neste contexto que se insere este trabalho. Por meio da análise da obra *Antes que anoiteça*, do escritor cubano Reinaldo Arenas, e de outras fontes auxiliares como suas cartas enviadas a Margarita e Jorge Camacho¹, compreende-se a experiência do escritor na Cuba revolucionária e no exílio, entre os anos de 1959 e 1990, que correspondem, respectivamente, ao triunfo da Revolução e à morte do intelectual. A fim de contribuir com as discussões já existentes, este estudo investiga nos testemunhos literários de Arenas as representações construídas pelo escritor acerca da política de repressão aos homossexuais, evidenciando a limitação da liberdade individual, as perseguições e censuras sofridas, as formas de resistência e de oposição política.

¹ Margarita e Jorge Camacho eram um casal de amigos de Reinaldo Arenas residentes na França. Eles receberam a correspondência do escritor entre os anos 1967 e 1990. Estas cartas foram enviadas clandestinamente até 1980, ano em que Arenas é exilado de Cuba. O escritor os conheceu na exposição artística do Salão de Maio de Paris, ocorrido na cidade de Havana em 1967. ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 147.

A historiografia referente à homossexualidade em Cuba, no contexto da Revolução Cubana é ainda bastante reduzida. Apesar de haver alguns estudos de cunho historiográfico que dizem respeito a este objeto de pesquisa, nota-se que grande parte da produção corresponde à área da linguística. Nesse campo de conhecimento, as pesquisas de Guido Vieira Arosa apresentam contribuições importantes ao abordar as produções de escritores cubanos como literaturas de testemunho que veiculam relatos marginalizados e evidências de perseguições viabilizadas pelo sistema vigente. Expondo a literatura de testemunho como a tentativa de narrar o real traumático o autor aponta a inenarrabilidade dos acontecidos de forma integral pelo traumatizado, uma vez que estes sujeitos estão envolvidos pelo constante rememorar e esquecer, querer contar e não conseguir.²

Entre os estudos realizados por historiadores, o trabalho de Rickley Leandro Marques chama bastante atenção, ao abordar a luta por reconhecimento social empreendida pelos integrantes da *Geração Mariel*³. Ao evidenciar as memórias subterrâneas na ilha caribenha o autor estuda as censuras impostas aos intelectuais homossexuais cubanos, como a proibição de publicações de temas eróticos e perseguições por condutas consideradas impróprias. Problematisa assim uma revolução que propõe promover justiça social e uma nova ordem, mas se ancora em valores morais tradicionais.⁴

No que se refere a essa censura, Sílvia Cezar Miskulin expõe o aumento do controle da produção artística e intelectual a partir da década de 1970 e como este acontecimento interfere na vida privada e nas publicações dos residentes da ilha. A autora demonstra que nesse período houve uma institucionalização da homofobia através da instauração de leis como as do Congresso de Educação e Cultura de 1971, responsáveis por promover rejeição e exclusão dos

² AROSA, Guido Vieira. Pierre Seel e Reinaldo Arenas: homossexualidade e cânone da literatura de testemunho. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 172-188, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35002>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

³ Essa expressão faz referência ao Êxodo de Mariel, que consiste em uma emigração em massa de cubanos ocorrida na década de 1980. Nesse episódio muitos cubanos partiram do Porto de Mariel em direção, principalmente, aos Estados Unidos. Em decorrência disso, foram descritos pelo governo de Cuba como desqualificados e estigmatizados por revistas e jornais cubanos como selvagens, traidores, vermes, antissociais, delinquentes e afeminados. Ver mais em: MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel*: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 2009. 276 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009, p. 170. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4253/1/2009_RickleyLeandroMarques.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

⁴ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit.

homossexuais das universidades, das forças armadas, do Partido Comunista de Cuba, de cargos de governo, dos trabalhos artísticos e educacionais de jovens e crianças. Tais leis estavam amparadas pelo ideal de *homem novo*^{5, 6}

Adriane Aparecida Vidal Costa, evidencia que após a formação de uma rede intelectual latino-americana de esquerda em torno de Cuba – com grande impacto no campo literário entre as décadas de 1960 e 1980 – houve uma ruptura de diversos intelectuais com o regime revolucionário. Essa ruptura deu-se, principalmente, pelo fato desses intelectuais se oporem à ocorrência de casos de perseguição direcionados a homossexuais e outros opositores políticos.⁷

Caroline Maria Ferreira Drummond complementa a discussão ao analisar a *Revista de Literatura y Arte Mariel* fundada em 1983 por escritores cubanos exilados nos Estados Unidos. Evidenciando os relatos dos expatriados como denúncias contra a violência revolucionária, apresenta que o projeto editorial, composto também por intelectuais homossexuais, tinha um caráter oposicionista, anticomunista, antitotalitário e defensor da democracia e das liberdades individuais.⁸

Há ainda estudos historiográficos que tratam especificamente dos escritos dissidentes de Arenas. As pesquisas de Jorge Luiz Teixeira Ribas apontam as formas encontradas pelo intelectual cubano para expressar sua autonomia crítica e defender a liberdade sexual diante do autoritarismo. Desse modo, Ribas problematiza a partir dos escritos epistolares de Arenas e de

⁵ O ideal de *homem novo* foi difundido a partir da década de 1960 em Cuba e estava ligado a um sistema de incentivos morais, por meio dos quais se desenvolveria uma consciência comunista. No entanto, muitos daqueles que não se encaixavam no padrão de *homem novo* foram “depurados” das universidades, considerados “antissociais”, e no caso dos homossexuais “imorais”. Ver mais em: MISKULIN, Silvia Cezar. O ministro Che Guevara e a gestão econômica e empresarial em Cuba. *Novos Rumos*, São Paulo, n. 45, p. 48, 2006. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2126>>. Acesso em: 28 abril 2020.

⁶ MISKULIN, Silvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba: o caso de Virgílio Piñera. In: COSTA, Adriane Vidal e BARBO, Daniel (Orgs.) *História, literatura e homossexualidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 129-153.

⁷ COSTA, Adriane Aparecida Vidal. Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre a revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005). 2009. 413 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/VCSA-9NBHUX>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

⁸ DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel - Revista de Literatura y Arte" (1983-1985)*. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9BHNZ>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

sua ficção literária *El mundo Alucinante* a complexa relação entre a revolução, a intelectualidade e homossexualidade entre 1959 e 1980.⁹ Tarcio Vancim de Azevedo, por sua vez, oferece importantes contribuições sobre a homossexualidade e intelectualidade em Cuba. O autor entende a autobiografia de Arenas e a obra *La Mala Memoria* de Heberto Padilla como manifestos pela redemocratização cubana, as quais forneceria elementos para pensar em uma crítica de esquerda ao Castrismo.¹⁰

Considerando as contribuições da produção acadêmica acerca do tema, que evidenciam a ampla aplicação social de uma ideologia cujo propósito levou à exclusão e expatriação dos homossexuais, busca-se responder às seguintes questões: quais formas de perseguição foram direcionadas aos homossexuais após triunfo da Revolução? Quais as formas de resistência? Qual a relação entre o ideal de *homem novo* e a limitação da liberdade individual dos homossexuais? Ao considerar que as subjetividades de Arenas também são importantes para o entendimento do contexto da Revolução, questiona-se ainda: como ocorreu o processo de seu exílio? Como o intelectual representa os revolucionários e os dissidentes? Quais as suas deliberações a respeito das sexualidades desviantes? Quais os embates estabelecidos entre a sua memória e a memória oficial? Como ele constrói seu “eu dissidente”?

Para tanto, é necessário delimitar um enquadramento teórico que possibilite a investigação e que permita estabelecer bases para o estudo através de conceitos e categorias de análise.

O texto autobiográfico selecionado como fonte para esta pesquisa é entendido aqui, a exemplo do que é exposto por Valeria de Marco e Seligmann Silva, como *literatura de testemunho*. Para Seligmann Silva está intrínseca nos testemunhos uma relação entre opressor e oprimido. O primeiro, geralmente tenta impedir as demais narrativas negando os feitos, enquanto o segundo vive um sentimento paradoxal de culpa que produz a sensação de irre realidade do vivido. À vista disso, é natural que na busca pelas representações de Arenas acerca do

⁹ RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. *Reinaldo Arenas: revolução, nação e homossexualidade em Cuba (1959-1980)*. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNIMONTES, Montes Claros, 2018. Disponível em: <<https://www.posgraduacao.unimontes.br/ppgh/2018/06/13/defesa-de-dissertacao-jorge-luiz-ribas/>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

¹⁰ AZEVEDO, Tarcio Vancim de. *Reinaldo Arenas e Heberto Padilla: memórias dissidentes à Revolução Cubana no ocaso do Socialismo Soviético*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Franca, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/121964>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

contexto revolucionário nos deparemos com “impossibilidades de reconstrução da harmonia perdida, a destruição de parâmetros de estruturação social, a perda de referências de identidade e a perda da confiança no mundo”.¹¹

De forma complementar, Valeria de Marco evidencia que quando há no testemunho a relação do “outro” como opressor, o oprimido não pode nunca ser considerado vítima excluída dos espaços produtores de conhecimento. Nesse sentido, os escritos de Arenas representam neste estudo, mais do que relatos de subalternidade e marginalização, um produto da oposição política do autor com relação ao governo revolucionário cubano.¹²

Considerando que determinados escritos analisados foram redigidos em período posterior ao fato ocorrido, implicando em reconstrução do passado através da lembrança, e que a literatura de testemunho do intelectual evidencia narrativas diferentes da oficial, utiliza-se também das contribuições dos estudos no campo da *memória*. Esse processo de lembrar, entendido por Michael Pollak como fenômeno individual e coletivo submetido a modificações constantes, permite pensar em uma ligação estreita entre a memória de Arenas e a sua identidade.¹³ Desse modo, é imprescindível observar a quais memórias Arenas vai recorrer na representação dos acontecimentos e na legitimação das suas ações literárias, e quais suas relações com as memórias dos revolucionários cubanos.¹⁴

Pelo fato de esses relatos construídos a partir da rememoração apresentarem uma sensação de impotência frente à perseguição, rancores e desejos de vingança, é utilizado ainda

¹¹ SELIGMANN-SILVA, Marcio. O local do testemunho. *Tempo e argumento*. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894/1532> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

¹² MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

¹³ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

¹⁴ Ao abordar as contradições entre as construções de Arenas sobre a Revolução e uma história oficial, este estudo trabalha com uma noção de contramemória. Ao reinserir memórias iniciais em uma temporalidade, desmistificando-as através da criticidade, o historiador faz da própria história uma contramemória. No entanto, entende-se que o fazer histórico lida também com uma competição de memórias pré-estabelecidas, para a partir delas reconstruir o passado. Nesse sentido a História ocupa uma posição “entre” a memória e a contramemória e o historiador torna-se não apenas um opositor ao mito, mas um expositor das relações entre a construção do mito e o lembrar. Ver mais em: NICOLAZZI, Fernando. História: memória e contramemória. *Metis: História & Cultura*, v. 2, n. 3, p.231-232, 2003. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1050/716> >. Acesso em: 19 out. 2020.

o conceito de *ressentimento*, desenvolvido por Pierre Ansart.¹⁵ Ao lidar com a dicotomia entre razão e emoção, extremamente presente em criações literárias, este trabalho aborda um campo de relações humanas composto por hostilidades e por suas consequências psicológicas. Nesse sentido, a mágoa de Arenas é discutida como uma propulsora das reações do intelectual às situações repressivas, sendo entendida, portanto, como mais uma força motriz da história.

Além disso, ao se considerar na análise também os termos utilizados nas obras para se referir aos homossexuais, como por exemplo “traidores” e a relação destes termos com as práticas sexuais, faz-se imprescindível estabelecer correlações com a categoria de *gênero*.¹⁶ Segundo Joan Wallach Scott, essa categoria torna-se útil para analisar a multiplicidade da formação identitária dos sujeitos, de forma a possibilitar o aprofundamento nos sentidos construídos sobre o masculino e o feminino, transformando o espectro desses gêneros em campos multi-interpretativos e multi-significativos.¹⁷

Como categorias de análise adequadas para lidar com o tempo histórico, o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa* são definidos, respectivamente, por Koselleck como o passado atual – onde os acontecimentos incorporados podem ser lembrados – e o futuro presente – que se volta ao não experimentado.¹⁸ Permitem, assim, não só estudar as elaborações racionais e as formas inconscientes do comportamento de Arenas, como também abordar suas esperanças, medos e vontades com relação a um possível futuro, a uma possível vivência no exílio, a uma possível Cuba sem Fidel.

¹⁵ ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: Stella Bresciani; Marcia Naxara (orgs.). *Memória (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-36.

¹⁶ Em sua obra autobiográfica, Arenas apresenta que em Cuba os homossexuais foram vistos como indignos da Revolução. A ideia que permeava o imaginário da população era a de que se um homossexual poderia trair algo tão orgânico quanto o próprio sexo, esses sujeitos não deveriam ser merecedores de confiança. Por outro lado, os posicionamentos de Arenas não só contrariam essa noção preconceituosa, de que o desejo sexual por pessoas do mesmo sexo consiste em uma forma de traição do biológico, como também inverte a acusação, afirmando que, ao proporem justiça social a todos os cubanos e continuarem perseguindo os homossexuais, os revolucionários que haviam se tornado traidores.

¹⁷ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/71721/40667> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

¹⁸ KOSSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado*: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

Entre o arcabouço teórico-metodológico também se destaca o conceito de *representação* de Roger Chartier. Segundo o autor, a *representação* é o instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social. É um processo de significação intencional, carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente ou grupo.¹⁹ Por meio desse conceito, os discursos de Arenas são abordados não apenas como uma prática cultural, mas sobretudo, sociopolítica. Longe de considerar tais discursos neutros, o presente trabalho investiga as intencionalidades e interesses do intelectual na construção de seus escritos, de forma a evidenciar as disputas e contradições entre suas representações e as do governo revolucionário.

Os auxílios teórico e metodológico apresentados permitem a análise e investigação em diferentes fontes. No entanto, as documentações selecionadas possuem tipologias diversas e por isso devem ser estudadas de acordo com suas especificidades. A fonte principal trata-se do livro *Antes que anoiteça* do escritor cubano Reinaldo Arenas, publicado inicialmente em 1992. Esta obra apresenta, principalmente, a experiência revolucionária do intelectual entre os anos de 1957 e 1990 dentro e fora de Cuba. Entre as fontes complementares destacam-se: as edições 1 a 8 da revista *Mariel* (1983-1985), da qual Arenas foi editor chefe, e ainda o livro *Cartas a Margarita y Jorge Camacho* (1967- 1990).

A análise dos testemunhos literários baseia-se no uso de uma estratégia hermenêutica para a interpretação dos escritos e análise das intencionalidades do autor, sendo pautada ainda, a exemplo do que é destacado por Antoine Prost, por uma não rigidez na distinção entre testemunhos voluntários e involuntários.²⁰ Este método permite investigar, não só as denúncias de Arenas a respeito das formas de violência aos homossexuais evidenciadas em sua obra pelas prisões em centros de trabalhos forçados, espancamentos e expulsões de escolas politécnicas, mas também as formas de resistência daqueles que, segundo o escritor, juntavam-se para ler em reuniões secretas as poesias proibidas pelo regime, e que publicavam e veiculavam obras clandestinas dentro de Cuba.

¹⁹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

²⁰ PROST, Antoine. Os fatos e a crítica histórica. In: *Doze lições sobre a história*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 60.

Nesse sentido, o trabalho apresenta a fecundidade da literatura como fonte histórica. Sevcenko expõe que o estudo da literatura consiste em uma ótima estratégia para avaliação de forças e níveis de tensão existentes numa sociedade, uma vez que “a palavra organizada em discurso incorpora em si [...] toda a sorte de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos as estruturas sociais de que emanam”.²¹ Dessa forma, sem deixar de expor a necessidade de preservação da riqueza estética da obra, evidencia-se que o foco deste estudo se direciona aos significados condensados na dimensão social da produção discursiva. Logo, a obra de Arenas é observada não como expressão da verdade, mas como objeto privilegiado no estudo das lutas políticas e do contexto analisado.

Os testemunhos no livro *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967- 1990)* são estudados considerando seu gênero epistolar. Enviadas clandestinamente entre 1967 e 1980, estas cartas apresentam os conflitos do processo revolucionário e as percepções de Arenas a respeito dos acontecimentos daquela época, seus posicionamentos políticos e suas subjetividades, bem como os sentidos que construiu sobre a Revolução. As cartas enviadas entre 1980 e 1990 possibilitam a problematização do intelectual, que enquanto permanecia em Cuba almejava a fuga como liberdade, mas que ao sair da ilha caribenha diz ter “deixado de existir”. Portanto, essa tipologia textual é abordada como prática discursiva e permite a investigação das consciências de Arenas acerca de si e do mundo através da revelação de sua vida privada. A partir do conjunto de dados e informações dispostos nesses documentos são reconstruídos e reinterpretados diferentes aspectos da luta entre homossexuais e as ideologias adotadas pelo governo revolucionário. Por reportar a conhecimentos de segmentos sociais geralmente não contemplados pela história tradicional, esse meio de comunicação à distância, que, de acordo com as pesquisadoras Gloria Hintze e María Antonia Zandanel, é resultante de uma sólida tradição na cultura ocidental, é utilizado como ferramenta de investigação histórica.²²

Os periódicos, por sua vez, são abordados a partir de uma perspectiva crítica sobre a imprensa, como espaço de interesses e de intervenção na vida social, não consistindo em

²¹ SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 27-33.

²² HINTZE, Gloria; ZANDANEL, María Antonia. Algunas nociones sobre el género epistolar a propósito de las cartas de Francisco Romero. *Cuyo*. v.29, n. 2, p. 13-33, 2012. Disponível em: <<https://bdigital.uncu.edu.ar/app/na-vegador/?idobjeto=5585>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

transmissores imparciais de conhecimento. São observadas as narrativas, a escolha dos temas veiculados e posicionamentos político-ideológicos publicados. O procedimento consiste inicialmente em caracterização geral do periódico e posteriormente na análise de conteúdo do discurso.²³ Estes periódicos, produzidos após o exílio de Arenas, sob sua direção, possibilitam entender as concepções do intelectual a respeito da homossexualidade e do processo revolucionário.

É necessário explicitar também que, em função das múltiplas temporalidades presentes nos escritos de Reinaldo Arenas, redigidos tanto em Cuba quanto no exílio, faz-se necessária a análise sistemática de documentos dispersos, produzidos em diferentes contextos. O procedimento de análise é qualitativo, ao passo que o objetivo primeiro da utilização das fontes é a interpretação dos conteúdos, não considerando essencialmente a quantidade de livros, cartas ou periódicos.

Delimitados já o arcabouço teórico metodológico e as fontes a serem utilizadas, estrutura-se o trabalho em dois capítulos a partir de um critério temporal. No primeiro capítulo são analisadas a aplicação social da ideologia do homem novo, as formas de perseguição e resistência dos homossexuais, as representações de Arenas sobre sexualidade e seu processo de expatriação. Dessa forma, as experiências e expectativas de Arenas auxiliam no entendimento do período compreendido entre 1959 e 1980, que correspondem, respectivamente, ao ano do triunfo da Revolução e ao momento em que o intelectual parte para o exílio. No segundo capítulo são discutidas a experiência exílica de Arenas e suas representações no tocante às questões de liberdade e identidade, bem como as construções de sua memória e de seu eu dissidente nos escritos criados no desterro. Abrange, portanto, os anos entre 1980 e 1990.

É considerando que as questões históricas surgem a partir dos questionamentos atuais e que os historiadores são movidos pelos acontecimentos próprios de seu tempo, que se justifica o desenvolvimento deste estudo, alicerçado sobretudo nas dimensões sociais, culturais e políticas. Inicialmente, as questões elaboradas nesta pesquisa foram motivadas pela observação das constantes manifestações de preconceito aos homossexuais, não só no Brasil, mas nos diversos países do ocidente. Ao observar em produções científicas que na sociedade cubana os

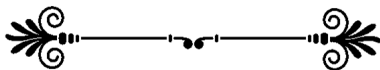
²³ BARATA ZICMAN, Renée. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 4, p. 89-102, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

homossexuais tornaram-se dissidentes em função de uma negação coletiva de suas identidades e práticas, intensifica-se o interesse em abordar o questionamento aqui formulado sobre a limitação da liberdade individual das pessoas representativas deste grupo.

Para além de minhas motivações pessoais, a pertinência desta pesquisa para a área da História consiste na valorização dos homossexuais como sujeitos ativos nos processos de transformação social, bem como na articulação dos entendimentos radicados sobre a Revolução Cubana, de modo a apresentá-los sob novas perspectivas. Ao abordar as expectativas e experiências revolucionárias de Arenas e ao investigar em sua obra as práticas e resistências dos homossexuais nesse contexto, busca-se ampliar o conhecimento acerca desses indivíduos e contribuir com as discussões referentes a sexualidade e gênero na historiografia.

Capítulo 1:

Homossexualidade, perseguição institucional e resistência: testemunhos e representações de Arenas na Cuba revolucionária (1959-1980)



*O povo cubano perdeu uma de suas poucas possibilidades de sobrevivência; ao lhe tirarem o riso tiraram-lhe também o mais profundo sentido das coisas.*²⁴

Reinaldo Arenas

O escritor Reinaldo Arenas, nascido em 1943 na província de Holguín, expõe entre as várias faces da Revolução os seus aspectos mais atrozes. Através de sua autobiografia, intitulada *Antes que anoiteça*, e de diversas outras obras evidencia a grande exclusão social e a violência sofrida pelos homossexuais em Cuba. Nesse sentido, o intelectual busca construir através de seus escritos uma espécie de contramemória do processo revolucionário. No entanto, antes de analisar seus testemunhos, é necessário que se apresente a trajetória de vida do intelectual.

Oriundo de família humilde, o escritor passou a infância em uma aldeia chamada Perronales, onde frequentou a partir de 1949 uma escola rural. Nesse ambiente, Arenas teve contato com outros estudantes do sexo masculino, pelos quais, segundo ele, já sentia atração.²⁵ Após o golpe militar de Fulgencio Batista²⁶, ocorrido em 10 de março de 1952, agrava-se a situação econômica de sua família, composta por seus avós maternos, tias e mãe. Resolvem então vender o sítio em que moravam e se mudar para Holguín: local em que, segundo Arenas, respirava-se um ambiente machista, caracterizado por valores que sua família compartilhava e no qual havia sido educado.²⁷

²⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 270.

²⁵ Ibidem, p. 27.

²⁶ Fulgencio Batista Zaldívar foi um militar cubano que exerceu dois mandatos na ilha caribenha. O primeiro foi constitucional e se efetivou entre os anos de 1940 e 1944. O segundo ocorre a partir de um golpe militar e perdura de 10 de março de 1952 até 1º de janeiro de 1959. Ver mais em: PRADO, Giliard S. *A construção da memória da Revolução Cubana*: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários. Curitiba: Appris, 2018, p. 41-43.

²⁷ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 56-59.

Em 1958, Arenas junta-se à luta insurrecional²⁸ contra os soldados de Batista, momento em que o escritor relata ter visto os primeiros casos de injustiça relacionados à Revolução. Afirma que pelo simples fato de serem denunciados como *chivatos*²⁹, os considerados traidores eram fuzilados pelos rebeldes em “tribunais revolucionários” que consistiam em verdadeiros espetáculos públicos. Esse tipo de julgamento e sentenciamento ficou conhecido como *el paredón*.³⁰

Em 1960, já após o triunfo da Revolução, Arenas passa a estudar em uma escola politécnica chamada *La Pantoja* em um curso de Contabilidade Agrícola incentivado financeiramente pelo governo. Os estudantes que se formassem na área se tornariam responsáveis pela administração do espaço rural de Cuba. Segundo Arenas, esse ambiente escolar era marcado por uma virilidade militante, de forma a combater severamente a homossexualidade.³¹ Posteriormente, foi aprovado para um curso de Planificação, oferecido a contadores agrícolas na Universidade de Havana, onde recebeu aulas de economia política, trigonometria, matemática e planejamento. Nesse momento de sua vida o intelectual expõe que, apesar de temer que descobrissem sua homossexualidade, não verificava uma vigilância social excessiva. Alguns de seus amigos eram abertamente homossexuais, mas Arenas se negava a ter uma vida homossexual pública.³²

Em 1963, os estudantes do curso de Planificação foram levados a trabalhar como contadores no INRA³³, e Arenas começa a frequentar a Biblioteca Nacional José Martí nos

²⁸ A luta insurrecional inicia-se em 26 de julho de 1953 quando rebeldes tentam assaltar o Quartel Moncada com a intenção de entregar as armas do exército ao povo e posteriormente promover uma mobilização nacional que culminaria na queda do governo de Fulgencio Batista. Essa luta persiste até 1º de janeiro de 1959, quando triunfa o movimento revolucionário. Ver mais em: PRADO, Giliard S. *A construção da memória da Revolução Cubana...*, op. cit., p. 41-43.

²⁹ O termo *Chivato* tem sentido pejorativo e é usado na língua espanhola para nomear aqueles que delataram ou traíram determinadas pessoas ou causas. Pode ser traduzida como “informante”. Ver em: Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/espanhol-ingles/chivato>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

³⁰ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 65-69.

³¹ Ibidem, p. 72-74.

³² Ibidem, p. 94-99.

³³ O Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) de Cuba foi criado pela Revolução Cubana em 1959 para executar políticas econômicas e sociais. Por meio dele foi implementada a primeira lei de reforma agrária de Cuba, promulgada em 17 de maio de 1959. A lei era uma medida reformista e popular através da qual camponeses,

horários ociosos. Ao participar de um concurso de contos consegue transferência de setor através de muitos trâmites burocráticos e solicitações da diretora María Teresa Freyre. Passando a trabalhar na biblioteca, teve as leituras orientadas por Cintio Vitier e Eliseo Diego, considerados por Arenas uma espécie de aristocracia culta. A partir deste contato Arenas escreve novelas como *Celestino antes del alba* e *El mundo alucinante*, ambas premiadas pela UNEAC³⁴ entre 1964 e 1966. Inicia-se assim, de modo imprevisível, sua carreira de escritor.

No entanto, esse mesmo período também marca o aumento da perseguição, não só aos homossexuais, mas também aos intelectuais. A Biblioteca Nacional passa a ser tachada de centro de corrupção ideológica, e recebe uma série de ataques. A diretora é destituída após ser acusada de lesbianismo e de ser contrarrevolucionária. Os livros que podiam ser considerados “diversionismo ideológico” são retirados das estantes, assim como os livros que abordavam assuntos relacionados a desvios sexuais. Em âmbito nacional os jovens também passam a ser perseguidos por usar cabelos compridos ou calças muito justas.³⁵

Ao abordar estas e outras formas de repressão, direcionadas tanto à homossexualidade quanto à intelectualidade dissidente, a obra de Arenas apresenta relatos importantes para compreender o período estudado. Ao contrariar a ideia de que a Revolução era sinônimo de justiça social, Reinaldo Arenas evidencia que os homossexuais – assim como os demais grupos considerados contrarrevolucionários – sofreram repressões físicas e simbólicas relacionadas diretamente a determinadas políticas do governo revolucionário cubano. Expulsões e espancamentos em escolas politécnicas; torturas; fuzilamentos; prisões em centros de trabalhos forçados; leis que impediam os homossexuais de exercer a função de escritores e os demitiam de cargos públicos são algumas das arbitrariedades verificadas nos testemunhos literários de Arenas.

Diante do exposto, estrutura-se este capítulo em quatro partes. Na primeira parte, intitulada *O ideal de homem novo e a institucionalização da perseguição aos homossexuais*,

arrendatários e colonos passaram a adquirir gratuitamente seu espaço de terra. Ver mais em: MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 35.

³⁴ A União dos Escritores e Artistas Cubanos (UNEAC) é uma organização cultural com fins culturais e artísticos. Foi criada no Primeiro Congresso de Artistas e Escritores de Cuba em 1961 e se tornou um órgão responsável por controlar o material cultural produzido. Ver mais em: Ibidem, p. 107.

³⁵ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 100-105.

analisam-se as representações de Arenas acerca da Revolução, no que concerne sobretudo às ações repressivas. Em vista disso, são debatidas as seguintes questões: quais formas de perseguição foram direcionadas aos homossexuais após o triunfo da Revolução? Como o ideal de homem novo influenciou na repressão aos homossexuais?

Na segunda parte, intitulada *O vivido e o indizível: a dissidência e a resistência homossexual*, exploram-se as resistências dos representantes desse grupo como forma de oposição política. Desse modo, questiona-se: como Arenas e outros homossexuais enfrentaram as imposições autoritárias do Estado cubano? Quais as estratégias utilizadas por esse grupo?

Na terceira parte, denominada *Entre maricones e bugarrones: a hierarquização da repressão e a manutenção de um modelo tradicional de relações de gênero*, problematiza-se a concepção de homossexualidade na sociedade cubana. A partir disso, analisa-se: como Arenas apresenta os homossexuais? Quais as percepções a respeito das sexualidades desviantes encontradas em sua obra?

Na quarta parte, nomeada de *Ante as frias grades as almejadas flores: disputas políticas e busca pela liberdade em território estrangeiro*, investiga-se nos testemunhos de Arenas o seu processo de expatriação no êxodo massivo do Porto de Mariel. As questões que norteiam este subcapítulo são: quais acontecimentos levam Arenas a almejar o exílio? A quais planos e táticas o intelectual recorre na tentativa de fuga da ilha? O que Arenas buscava no desterro?

É importante ressaltar ainda, que apesar de o presente trabalho examinar outros documentos como entrevistas, discursos e cartas, a proposta deste capítulo é centrar a análise nos testemunhos da obra *Antes que anoiteça*. Além das questões referentes a homossexualidade também são abordados aspectos da intelectualidade por entender que a condição de escritor dissidente está intrínseca à figura de Arenas.

1.1 O ideal de *homem novo* e a institucionalização da perseguição aos homossexuais

*O clima da revolução não permitia discrepâncias; imperavam o fanatismo e a fé num futuro luminoso como repetiam incessantemente seus líderes [...]*³⁶

Reinaldo Arenas

³⁶ Ibidem, p. 86.

Segundo Marques, o *homem novo* cubano consistia em uma estratégia governamental a partir da qual seria incorporado um novo código ético à maioria dos cidadãos da ilha caribenha. Como vital ferramenta pedagógica para a formação das novas gerações, a concepção de *homem novo* tinha o objetivo de perpetuar a Revolução por meio de um delineamento ideológico que lhe conferiria sentido e legitimidade. Serviria, portanto, para a criação de uma hegemonia política e para edificação de uma nova sociedade.³⁷

De forma complementar, Luiz Bernardo Pericás expõe que apesar de adotado pelos líderes cubanos no início da década de 1960, o conceito de *homem novo* foi construído em momento muito anterior à Revolução Cubana, tendo sido ponderado por diversos intelectuais marxistas, entre eles o próprio Marx. Afirma ainda que, ao ser apropriada pelos líderes revolucionários visou o êxito na transição do sistema capitalista ao socialista em um método de substituição de estímulos materiais – vistos por Che Guevara como agravantes do egoísmo capitalista – por estímulos morais.³⁸

Observa-se assim, que a instituição de incentivos morais, a rivalidade fraternal e o trabalho voluntário foram elementos básicos para a construção de um *homem novo*, que além de colaborar com o desenvolvimento de uma consciência comunista serviria para assegurar os ganhos da Revolução mantendo viva sua chama.³⁹ Sob a premissa de que os cubanos deveriam ser moldados para exercer um papel social de perpetuação da revolução, delimita-se um perfil para esse grupo que constituiria o futuro de Cuba. No entanto, os testemunhos de Arenas demonstram uma maior complexidade na adoção dessa ideologia pelos revolucionários. Seus relatos oferecem sinais da abrangência e dinâmica do ideal de *homem novo*, permitindo refletir acerca de seus efeitos práticos e sociais, e possibilitando investigar suas possíveis ligações com a perseguição aos homossexuais.

Ao longo da obra *Antes que anoiteça*⁴⁰, são destacadas três formas predominantes de perseguição aos homossexuais em Cuba: aquelas realizadas pelas diretorias escolares; as ações do aparato policial; e as resoluções dos órgãos culturais.

³⁷ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 69

³⁸ MISKULIN, Silvia Cezar. O ministro Che Guevara..., op. cit., p. 45-48.

³⁹ Ibidem, p. 48.

⁴⁰ O título da obra tem um sentido dúbio por ter sido significada em 1974 e ressignificada em 1990. Inicialmente, quando começou a redigir a autobiografia, o intelectual encontrava-se foragido do aparato policial cubano no

No que diz respeito às instituições de ensino, observa-se nos testemunhos a expulsão de estudantes de escolas politécnicas por “prática de homossexualismo” no início da década de 1960. Segundo o intelectual, essas escolas – que durante a ditadura de Batista consistiam em acampamentos militares – tinham sido modificadas pelos revolucionários com a intenção de formar contadores agrícolas. Denunciando uma intensa repressão, o escritor expõe que:

Os rapazes que eram apanhados em pleno ato tinham que desfilar com sua cama e todos os pertences até o almoxarifado, onde, por ordem da direção, deviam devolver tudo. Os outros colegas tinham que sair dos alojamentos para apedrejá-los e enchê-los de socos. [...] Existia ainda um documento que perseguiria aquele jovem durante toda a sua vida impedindo-o de estudar em outra escola do Estado.⁴¹

Arenas denota, também, que quando os atos de homossexualidade eram coletivos e se tornavam públicos, as ações dos diretores alternavam entre a realização de discursos ameaçadores e a reprodução de películas cujo tema era a conduta moral. Com medo das punições e das depurações que, mais do que a humilhação pública, chegavam a ataques físicos, muitos dos estudantes ocultaram sua homossexualidade enquanto tantos outros negaram a própria condição. Ao apresentar que nesses ambientes “também se alimentavam e eram educados gratuitamente”⁴², o escritor revela um conflito para os jovens homossexuais cubanos: a escolha entre ser fiel à própria condição ou seguir as práticas revolucionárias. Observa-se, dessa forma, que essas instituições são evidenciadas como espaços voltados para a manutenção de uma vanguarda apegada aos ideais de virilidade e masculinidade, bem como a uma moralidade preconceituosa.

É certo que a educação cubana sofreu grandes modificações com a Revolução. Os revolucionários conseguiram de maneira extraordinária declarar Cuba livre do analfabetismo em dezembro de 1961, justamente através de reformas educacionais como a relatada por Reinaldo Arenas. As transformações no ensino pré-escolar, geral, técnico e profissional possibilitaram a superação de uma taxa de analfabetismo que chegava a 23,6% em uma população de 5,5 milhões de habitantes. Todo esse êxito foi possível por meio da adoção do

parque Lenin em Havana/Cuba. Nesse ambiente começou a escrever suas memórias até que a noite caísse e ficasse sem iluminação. Quando termina sua autobiografia, já bastante debilitado pela AIDS o escritor expõe que “a noite se aproximava novamente, agora de uma forma mais iminente”. Ver em: ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 12.

⁴¹ Ibidem, p. 72.

⁴² Ibidem, p. 76.

pensamento martiano, cuja premissa era a educação como única via para a liberdade plena, bem como do delineamento da política educacional pautada nos discursos dos dirigentes da revolução.⁴³ No entanto, como pode ser observado nos relatos de Arenas, essa revolução no ensino também foi marcada pela exclusão dos homossexuais. Uma exclusão que posiciona os indivíduos desse grupo em local de luta e resistência quando a eles são negados os direitos que aos outros são garantidos.

Outros testemunhos do escritor denunciavam não os processos discriminatórios das instituições educacionais, mas as ações discriminatórias do aparato policial revolucionário que passou a recrutar a população, sobretudo os jovens, para realização de trabalhos agrícolas. Arenas evidencia que na segunda metade da década de 1960 o trabalho forçado tornou-se frequente, sendo impossível conseguir um final de semana livre por serem levados a participar constantemente de mutirões agrícolas.⁴⁴ Os indivíduos recrutados podiam ser inclusive presos caso abandonassem as plantações de cana. Segundo Arenas:

[...] os rapazes de dezesseis ou dezessete anos, tratados como burros de carga, não tinham nenhum futuro pela frente e nenhum passado para trás. Muitos cortavam a própria perna ou o dedo com facão e faziam qualquer barbaridade para serem dispensados dos serviços, onde [...] a cada quinze dias tinham direito a três ou quatro horas livres para descansar e lavar o uniforme.⁴⁵

Os estudos a respeito do tema demonstram que esses serviços obrigatórios foram instituídos em 1963 para homens de 16 a 45 anos e eram encarados pelos revolucionários como processo essencial na formação do revolucionário ideal.⁴⁶ Tinham de acordo com a ideologia do *homem novo* um valor pedagógico. No entanto, é possível observar nos relatos de Arenas que se para os jovens heterossexuais os trabalhos consistiam em formação e dever social por favorecer o desenvolvimento da ilha caribenha, para os homossexuais e outros dissidentes esses campos tinham significações diferentes.

⁴³ RODRIGUEZ, Justo Alberto Chávez. A educação em Cuba entre 1959 e 2010. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 45-46, Aug. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2020.

⁴⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 158.

⁴⁵ Ibidem, p. 161.

⁴⁶ Ver, por exemplo: MISKULIN, Silvia Cezar. O ministro Che Guevara..., op. cit., p. 48.

Entre outros exemplos, Arenas apresenta o caso do diretor teatral Roberto Blanco que após passar por um julgamento público humilhante no próprio teatro, teve a cabeça raspada e foi obrigado a se arrepender de sua homossexualidade publicamente. Explicita ainda que após serem algemados pelas forças policiais, os homossexuais eram levados aos campos de cana como forma de se purificar de suas fraquezas. Nota-se a partir disso que eram transportados não como heróis revolucionários em potencial, mas como fracassados em suas funções sociais.⁴⁷ Para estes prisioneiros ideológicos, o serviço era mais corretivo do que pedagógico.

Em consonância com os relatos coletados na obra de Arenas, Sílvia Cezar Miskulin expõe que as arbitrariedades realizadas pelas forças policiais revolucionárias se intensificam em 1965 com as *Unidades Militares de Ajuda à Produção*. Diretamente vinculadas à difusão do ideal de *homem novo*, as UMAP's foram inicialmente criadas para apoiar os processos de produção, mas serviram depois para aprisionar aqueles considerados diversionistas ideológicos. Segundo a autora:

Com o objetivo de “reeducar os jovens” por meio do trabalho agrícola, foram presos e enviados às UMAPs todos aqueles que eram considerados desviados ideológicos ou sexuais, ou possuíam uma conduta imprópria: homossexuais, dissidentes, hippies, religiosos (seminaristas católicos, ministros protestantes, testemunhas de Jeová e praticantes das religiões afro-cubanas), jovens que queriam sair do país, estudantes “depurados” das universidades, camponeses que se recusavam a integrar-se às cooperativas e proprietários de pequenos negócios urbanos.⁴⁸

Verifica-se assim que, a princípio o trabalho é concebido como um instrumento da pedagogia revolucionária aos diversos cidadãos cubanos, mas de forma gradual, ele passa a ser uma consequência de um ideal punitivo. A participação programada e periódica dos cubanos em atividades produtivas, foi sendo substituída por uma espécie de condenação àqueles que, de acordo com os preceitos revolucionários, necessitavam de uma urgente educação moral.

Além dessas ações realizadas pelas diretorias escolares e pelo aparato policial, Arenas apresenta ainda as iniciativas e resoluções repressivas de órgãos culturais. E é através delas que observamos que a perseguição aos homossexuais, adotada pela Revolução, também foi intensificada durante determinados períodos.

⁴⁷ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 172.

⁴⁸ MISKULIN, Sílvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba: o caso de Virgílio Piñera. In: COSTA, Adriane Vidal e BARBO, Daniel (Orgs.) *História, literatura e homossexualidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 142.

Dentre esses órgãos, pode-se citar a UNEAC. Segundo o escritor, a instituição que havia premiado suas novelas entre 1964 e 1966, passa em 1969 a organizar leituras com escritores oficiais, de forma a sondar o panorama cultural da época. Subordinada ao Estado revolucionário cubano, a UNEAC tinha a função de garantir que os escritos de exaltação à Revolução fossem publicados, enquanto os escritos críticos ou considerados imorais seriam censurados.

No entanto, o caso mais representativo dessas ações repressivas ocorre não em 1969, mas no ano de 1971. Arenas evidencia que no I Congresso de Educação e Cultura⁴⁹ uma perseguição violenta foi dirigida aos homossexuais. Foram lidos textos rotulando o homossexualismo como um caso patológico e dizia-se que todo homossexual ocupando um cargo em órgãos culturais seria imediatamente exonerado. Depois de as práticas consideradas contrárias à Revolução terem sido representadas como aberrações extravagantes, determinou-se que era necessário o confronto direto para sua eliminação.⁵⁰ Arenas apresenta ainda que a partir desse congresso inicia-se a *parametrage*, processo no qual os escritores, artistas e dramaturgos homossexuais recebiam um telegrama informando que não reuniam os parâmetros políticos e morais para o bom desempenho do cargo que ocupava.⁵¹ Esses relatos mostram que, se antes já havia em diversos segmentos da sociedade cubana a exclusão dos homossexuais, a partir de 1971 essa perseguição passa a ser institucionalizada através de uma regulamentação jurídica formal.

Essas três formas de perseguição, evocadas por Arenas no decorrer de sua autobiografia, evidenciam uma política repressiva adotada pela Revolução e intensificada através de sua institucionalização. Entende-se que essas ações são resultado do apego dos agentes sociais a uma tradição preconceituosa, advinda de uma herança católica que considera a homossexualidade um desvio moral e do culto à masculinidade que relaciona o feminino ao ordinário.⁵² No entanto, o que os relatos mostram, para além da tradição discriminatória, é que

⁴⁹ O Primeiro Congresso de Educação e Cultura foi realizado em Havana-Cuba nos dias 23 a 30 de abril de 1971. Suas resoluções eram explícitas com relação ao homossexual. Afirmavam que não poderia deixar que os homossexuais interferissem na formação da juventude e sugeriam que fossem retirados dos diversos organismos da frente cultural. Ver em: *Ibidem*, p. 143.

⁵⁰ Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura. São Paulo: ed. Livramento, 1980, p. 22.

⁵¹ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967- 1990)*. Sevilla: Point de lunettes, 2010, p. 171.

⁵² De acordo com Miskulin “Diversos fatores contribuíram para a institucionalização da política homofóbica em Cuba, que buscava coibir a homossexualidade: além da moral religiosa ocidental e dos componentes de

o aumento desenfreado da perseguição aos homossexuais só foi possível a partir da apropriação das bases da ideologia do *homem novo* pelos revolucionários.

Nas instituições escolares, por exemplo, observa-se que as “depurações” aos homossexuais se efetivaram, sobretudo, pelo fato de as práticas desses indivíduos serem consideradas incompatíveis com o novo padrão de homem estabelecido. Um padrão de virilidade e masculinidade que já era vigente antes da Revolução, mas que no contexto revolucionário foi exacerbado e considerado o modelo inexorável.⁵³ Arenas relata, por exemplo, que durante a formação para contador agrícola, o estudante era levado a “subir seis vezes até o Pico Turquino, e quem não conseguisse subir [...] era considerado um frouxo que não podia formar-se”⁵⁴. Há nesse sentido uma denúncia à exaltação das características consideradas como próprias do homem e conseqüentemente uma negação das características consideradas femininas.⁵⁵ A violência – acusação de incapacidade de formação pela falta do atributo da força –, nessa situação, direciona-se a uma questão de gênero e independe da sexualidade. Dessa forma, é possível pensar que o padrão de masculinidade instituído afligiu até mesmo homens heteros que tinham as práticas lidas socialmente como femininas. No entanto aos homossexuais essa violência se acentua porque além de apresentarem práticas e representações que “não se conformam às normas de gênero [...] pelas quais as pessoas são definidas”⁵⁶ também são prontamente excluídos por uma determinada “coerência dos gêneros, que exige uma

puritanismo e machismo que já existiam na sociedade e cultura cubana anterior a Revolução, agregaram-se as teorias stalinistas elaboradas na União Soviética, que viam nos homossexuais ‘a decadência da sociedade burguesa’”. Ver mais em: MISKULIN, Sílvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba..., op. cit., p. 143.

⁵³ De acordo com Drummond “aos olhos do regime revolucionário, a homossexualidade representava uma cultura sexual que se expressava em indivíduos hedonistas e indulgentes, associados à burguesia e ao capitalismo, que não poderia contribuir apropriadamente para a Revolução, visto que não representava o ‘homem novo’ altruísta, diligente e viril. Além disso, a ‘moralidade revolucionária’ se apoiava em expressões da sexualidade e de gênero heteronormativas, como a masculinidade masculina”. Ver mais em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 106.

⁵⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 73.

⁵⁵ É importante ressaltar que essa delimitação que diferencia o que é próprio do homem e próprio da mulher “é produzida [...] pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes”. Não se considera, portanto, que características como a falta de força física, a fragilidade e a intolerância à dor, sejam próprias de uma “verdade” do sexo feminino. Pelo contrário, entende-se que essas características são produzidas por discursos que naturalizam o binário e ao mesmo tempo legitimam o patriarcado. Ver mais em: BUTLER, Judith. Identidade, sexo e metafísica da substância. In: *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 37.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 38

heterossexualidade estável e oposicional”⁵⁷. Desse modo, a partir da instituição do padrão de *homem novo*, os homossexuais foram considerados “incoerentes” e “descontínuos” não só para as relações sociais cotidianas, mas também para a Revolução:

Muchos de esos pepillos⁵⁸ vagos, hijos de burgueses, andan por ahí con unos pantaloncitos demasiado estrechos (RISAS); algunos de ellos con una guitarrita en actitudes “elvispreslianas”, y que han llevado su libertinaje a extremos de querer ir a algunos sitios de concurrencia pública a organizar sus shows feminoides por la libre.⁵⁹

Observa-se no trecho acima que ocorre uma associação da figura do contrarrevolucionário – prevista na ideologia do homem novo – à figura do afeminado, tradicionalmente excluída. Ao se considerar o caráter socialista da Revolução, bem como seu ideal anti-imperialista, nota-se que a ideia do outro (capitalista, burguês) é criada e reforçada pelo governo constantemente, sendo papel do revolucionário evitá-lo, criticá-lo e denunciá-lo. Concomitantemente, a homossexualidade é associada a este outro, transformando-a também em inimiga da Revolução. Essa associação é feita por aproximarem os vícios e a prostituição – vistos como herança do passado capitalista a ser abominado – aos homossexuais. Assim, a delimitação dos papéis morais somada a exclusão dos homossexuais pela tradição discriminatória causaram, em larga escala, a expulsão desses indivíduos das instituições escolares.

Essa mesma definição dos papéis a serem cumpridos pela população cubana, é o que também ocasiona a demissão dos homossexuais de seus cargos culturais, artísticos e educacionais após o I Congresso de Educação e Cultura. Os parâmetros políticos e morais instituídos no congresso estavam claramente arraigados a um profundo preconceito às

⁵⁷ De acordo com Judith Butler “a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’. Ver mais em: Ibidem, p. 38-39.

⁵⁸ Pepillos é uma expressão popular que, quando utilizada de forma elogiosa, significa “bem vestido”, “elegante”. Quando utilizada de forma pejorativa, serve para designar homens que se vestem de forma vista como afeminada.

⁵⁹ CUBA. Primeiro Ministro (1959-1976: Fidel Castro). Discurso pronunciado para comemorar o VI aniversário do assalto ao palácio presidencial. Universidade de Havana, 13 mar. 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/fl130363e.html>>. Acesso em: 05 dez 2019. Tradução nossa: Muitos destes afeminados preguiçosos, filhos de burgueses, andam por aí com calças extremamente apertadas (RISOS); alguns deles com uma guitarra em atitudes elvispreslianas e que têm levado sua libertinagem a extremos de querer ir a alguns lugares de atendimento público para organizar seus shows feminoides de graça.

sexualidades desviantes. Ministros, governantes, orientadores, professores e alunos apresentados como representantes da nação revolucionária, resolvem:

Os meios culturais não podem servir de ambiente à proliferação de falsos intelectuais que pretendem converter o esnobismo, a extravagância, o homossexualismo e outras aberrações sociais em expressões da arte revolucionária, distantes das massas e do espírito de nossa revolução.⁶⁰

O congresso que buscava otimizar o ensino através de uma “progressiva transformação e criação de um homem novo”⁶¹ estabeleceu na seção *Moda, costumes e extravagancias* “a necessidade de manter a unidade ideológica do povo cubano e de combater a qualquer forma de desvio [...]”⁶². Instituiu-se assim, penas severas àqueles que chamaram de corruptores de menores, depravados reincidentes e elementos antissociais incorrigíveis.⁶³

A aproximação entre a ideologia do *homem novo* e a repressão do aparato policial, por sua vez, ocorre não só a partir da concepção de homem revolucionário ideal, mas também se alicerça na ideia do trabalho edificante. Os relatos mostram que aqueles que representavam qualquer perigo à hegemonia da Revolução foram presos sob circunstâncias de intolerância e levados às UMAPs para os setores agrícolas. Ao expor que “a humilhação pública foi um dos métodos mais utilizados pela Revolução”⁶⁴, os testemunhos de Arenas revelam como o aparato policial muitas vezes lidava com os homossexuais, acusando-os e prendendo-os em campos de trabalho forçado, não por seus deveres revolucionários, mas pela negação de suas identidades e práticas. Logo, “[...] se para setores da juventude rebelde esse momento significou o cerceamento das liberdades civis, para os homossexuais consistiu também em um cerceamento da liberdade sexual”⁶⁵.

Nesse sentido, as declarações de Arenas expressam que os homossexuais não se encaixavam na categoria de homem cubano ideal. Seus testemunhos possibilitam entender que as ideias de delimitação de um papel moral e de trabalho voluntário – próprias da ideologia do

⁶⁰ Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura..., op. cit., p. 33.

⁶¹ Ibidem, p. 13.

⁶² Ibidem, p. 21.

⁶³ Ibidem, p. 29

⁶⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 172.

⁶⁵ MISKULIN, Sílvia Cezar. *História, literatura e homossexualidade em Cuba...*, op. cit., p. 142.

homem novo –, quando aliadas à tradição de intolerância, passaram a ser utilizadas como justificativa e meio para a perseguição aos homossexuais. Inaugurou-se assim, nesse contexto, uma configuração de repressão institucionalizada e foi evidenciado um momento de ruptura no processo revolucionário, por meio da adoção e intensificação do preconceito. De modo a expor a incoerência dessa repressão com os desígnios da Revolução, Arenas tenta “no plano literário, [...] encontrar a frase justa e a imagem adequada, sobre o poder de expressão da palavra, para traduzir o vivido e dizer o indizível”⁶⁶

1.2 O vivido e o indizível: a dissidência e a resistência homossexual

*A beleza sob um sistema ditatorial é sempre dissidente, porque toda ditadura é por si mesma antiestética e grotesca.*⁶⁷

Reinaldo Arenas

Segundo Valeria de Marco, a literatura de testemunho impõe à cadeia língua, nação e tradição literária uma fratura irrecuperável, pois, por ser ela proveniente da zona de exclusão criada pela violência de Estado racionalmente administrada, expõe a radical ausência de qualquer abrigo.⁶⁸ Diante disso, nota-se que a própria autobiografia de Arenas consiste em uma forma de resistência, uma maneira de o escritor se abrigar e se colocar no mundo após as investidas repressivas do Estado cubano.

Seligmann-Silva evidencia que na relação entre testemunha e opressor, geralmente ocorre uma negação do feito pelo opressor, que tenta impedir as narrativas, apagando as marcas do crime. As vítimas, por sua vez, vivem um sentimento paradoxal de culpa da sobrevivência, provocando nestas o sentimento de irreabilidade do vivido. Segundo o autor:

Para o sobrevivente, sempre restará este estranhamento do mundo, que lhe vem do fato de ele ter morado como que “do outro lado” do campo simbólico. O testemunho funciona para ele como uma ponte para fora da sobrevida e de entrada (volta) na vida. Neste testemunho, misturam-se fragmentos, como que estilhaços (metonímias) do seu

⁶⁶ MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado..., op. cit., p. 57.

⁶⁷ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*..., op. cit., p. 117.

⁶⁸ MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado..., op. cit., p. 63.

passado traumático, a uma narrativa instável e normalmente imprecisa, mas que permite criar o referido “volume” e, portanto, um novo local fértil para a vida.⁶⁹

Nesse sentido, entende-se que a obra autobiográfica de Arenas busca reconstruir o passado da Revolução Cubana de acordo com a própria experiência, de modo a deslegitimar a memória oficial. Ao usar a literatura como forma de reconstrução da harmonia perdida e reestabelecimento de parâmetros da estruturação social, o intelectual faz de seus próprios escritos um enunciado de resistência. Nesse processo de escrita, Arenas rememora e reúne em sua autobiografia as atitudes transgressoras, realizadas por ele mesmo e por outros representantes do grupo homossexual. Lembra e testemunha casos e situações de embate contra os revolucionários ao passo que confere aos dissidentes um lugar de destaque, apresentando suas estratégias de sobrevivência e suas oposições às investidas repressivas.

Uma das estratégias verificadas na obra de Arenas é a aliança matrimonial entre homossexuais e mulheres. Expondo que moradias só eram concedidas pelo Estado a necessitados se estes fossem casados, o intelectual relata que combina uma cerimônia com uma mulher chamada Ingrávida Félix. Segundo o escritor, ela era em uma atriz de grande talento, divorciada, que havia sido “parametrada” e despedida de seu trabalho por ter relações com vários homens. O acordo entre os dois beneficiaria a ambos, uma vez que Arenas conseguiria a casa e cederia auxílio financeiro para alimentar os dois filhos da mulher. No entanto, ainda assim, não receberam o quarto, o que levou Arenas a supor que os revolucionários julgavam inferiores a mulher e o homossexual.⁷⁰

Todavia, é importante lembrar que, apesar do extremo preconceito e da representação – da mulher como inferior – verificados no testemunho de Arenas, o período revolucionário consiste em um grande marco na luta pelos direitos das mulheres cubanas. Com o novo projeto social instalado em Cuba após o triunfo revolucionário surge também a Federação de Mulheres Cubanas (FMC) em 23 de agosto de 1960. Com essa organização, dirigida por Vilma Espin⁷¹, pretendia-se promover a participação feminina nos diversos âmbitos econômicos, políticos,

⁶⁹ SELIGMANN-SILVA, Marcio. O local do testemunho..., op. cit., p. 11.

⁷⁰ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 185.

⁷¹ Foi uma Engenheira química industrial e revolucionária cubana engajada nas causas das mulheres. Mãe de Mariela Castro e esposa de Raúl Castro.

sociais e culturais da ilha caribenha.⁷² A partir desse momento, muitas das mulheres que eram analfabetas e completamente dependentes de seus maridos, passaram a investir em uma formação e a trabalhar em setores da educação, da saúde e em postos financeiros.⁷³

Inclusive, na sessão da *Asamblea Nacional del Poder Popular de la República de Cuba*⁷⁴, realizada de 28 a 30 de dezembro de 1978, é possível notar que as mulheres tiveram direitos resguardados, sobretudo a partir do Artigo 349. No *Título IX* ou *Delitos contra los derechos individuales*⁷⁵, estabeleceu-se a punição com privação de liberdade por seis meses a três anos àqueles que cometessem discriminação por sexo. Os outros artigos referentes à proteção da mulher faziam alusão à violência sexual e à gestação. Os homossexuais, por sua vez, foram mencionados no *Título XI* ou *Delitos contra el normal desarrollo de las relaciones sexuales y contra la familia, la infancia y la juventud*⁷⁶. Neste campo estabeleceu-se no Artigo 359 punições de três a nove meses de prisão a quem: fizesse ostentação pública de seu status homossexual; realizasse atos homossexuais em local público ou privado (involuntariamente visto por terceiros); ofendesse os bons costumes com exhibições insolentes ou qualquer outro ato de escândalo público; produzisse ou veiculasse publicações, gravuras, gravações, fotografias ou outros objetos obscenos, tendendo a perverter e degradar costumes. Havia ainda na seção *Corrupción de menores*⁷⁷ a pena de oito anos destinada àqueles que “induzissem menores a exercer a homossexualidade”.

Diante disso, nota-se que a afirmação de Arenas – de que a mulher e o homossexual são considerados no sistema castrista seres inferiores⁷⁸ – torna-se um tanto generalizante, e

⁷² SERRANO LORENZO, Yanesy de la Caridad. La Federación de Mujeres Cubanas y su labor con las familias. *Trab. soc.*, Bogotá, v. 20, n. 2, p. 59-60, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2256-54932018000200055&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2020.

⁷³ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5, p. 13. Primavera 1984. Disponível em: <<http://americaee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

⁷⁴ Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba, Ley No. 21 - Código Penal. G.O.Ord. No.3 (1-3-79). Disponível em: <<http://www.parlamentocubano.gob.cu/index.php/documento/codigo-penal/>>. Acesso em: 01 jul. 2020. Tradução nossa: Assembleia Nacional do Poder Popular da República de Cuba.

⁷⁵ Idem. Tradução nossa: Crimes contra os direitos individuais.

⁷⁶ Idem. Tradução nossa: Crimes contra o desenvolvimento normal das relações sexuais e contra a família, infância e juventude.

⁷⁷ Idem. Tradução nossa: Corrupção de menores.

⁷⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 185.

provavelmente marcada pela necessidade de o intelectual somar outras lutas às suas. Pela dificuldade e impossibilidade de narrar os acontecimentos do real traumático, os testemunhos de Arenas como *superstes*⁷⁹ recorrem a uma equivalência entre a situação das mulheres e dos homossexuais em Cuba. Mais do que essa correspondência, o que se pode verificar é que enquanto a experiência feminina na Revolução é marcada pelas arbitrariedades advindas de um distanciamento entre as proposições governamentais a respeito da importância da mulher e a permanência do preconceito nas práticas cotidianas, para os homossexuais não houve a intenção de quebra de paradigma. Enquanto as mulheres foram assimiladas pela revolução como indispensáveis, os homossexuais são vistos como a herança de um passado vergonhoso a ser esquecido.

Se, por um lado, parece ser questionável a afirmação de que as mulheres foram consideradas inferiores pela ideologia revolucionária, é incontestável que elas tenham sido atingidas pelas tradições depreciativas do machismo no que diz respeito ao feminino. As punições verificadas como o afastamento das mulheres de seus serviços por ter relações sexuais com mais de um homem e a ausência desse parâmetro monogâmico para aqueles do sexo masculino reafirmam uma sociedade alicerçada em preconceitos de gênero. Novamente, nota-se que Cuba no período da Revolução não estava desassociada do contexto ocidental, uma vez que ainda nos dias de hoje nos vários países do Ocidente, a mulher é muito mais julgada socialmente por suas relações sexuais que o homem. O estigma do feminino como fraco e inferior ainda hoje representa um desafio social que exclui e marginaliza as mulheres e os homossexuais.

Constata-se que, por meio dessas alianças matrimoniais, as mulheres buscavam enfrentar um machismo estrutural arraigado à sociedade por uma tradição discriminatória com relação ao feminino. Em contrapartida, os homossexuais desafiavam o agravamento dessa tradição discriminatória, evidenciado por uma visível perseguição política. Dito de outro modo, as hostilidades do machismo inclinaram-se, naquela configuração, de forma mais direta àqueles que carregavam os estigmas relacionados ao feminino do que às mulheres de fato.

⁷⁹ Diferente de *Testis*, que assiste ao fato como um terceiro (visual) e que transita com facilidade entre o tempo da cena histórica e o tempo em que se escreve a história, o *superstes* mantém-se no fato como sobrevivente (auricular) e se caracteriza pela impossibilidade de narrar e ao mesmo tempo pela necessidade de expor o evento traumático. Ver mais em: SELIGMANN-SILVA, Marcio. O local do testemunho..., op. cit., p. 5.

Essa determinação deve, no entanto, ser complexificada ao considerar a situação das mulheres homossexuais no contexto da Revolução Cubana. Há relatos de que, além de serem excluídas da FMC, também eram vigiadas e denunciadas a essa organização. Muitas utilizavam maquiagem para serem percebidas como mais femininas e saíam com homens de modo a evitar serem vistas com outras mulheres. De acordo com testemunhos veiculados na edição número cinco da Revista Mariel “[...] *para las lesbianas casi no hay posibilidades de llevar una vida marginal, en una subcultura, como hacen los hombres homosexuales, que se encuentran en parques y en urinarios*”⁸⁰. Sofriam, por conseguinte, uma dupla discriminação: por ser mulher e por ser homossexual.⁸¹

Além das alianças matrimoniais, Arenas evidencia que no final da década de 1960 os intelectuais organizavam encontros culturais em casas abandonadas e parques onde liam os textos de grandes escritores: “Líamos em voz alta para a satisfação de todos. Minha geração lia os poemas de Jorge Luiz Borges, proibidos pelo regime de Fidel Castro, e recitávamos de cor os poemas de Octavio Paz.”⁸², inclusive as poesias homossexuais. Além disso, escreviam textos e poesias contra o regime: “Isto nos mantinha a salvo da loucura e não nos deixava cair na esterilidade que já acometera outros escritores cubanos”.⁸³ Arenas evidencia:

Naquela época, em 1969, eu sofria uma perseguição constante por parte do Estado, e temia sempre pelos escritos que eu produzia incessantemente. Pus todos os textos originais – poemas e novelas que ainda não haviam sido mandados para o exterior – num saco de cimento vazio e visitava todos os meus amigos a fim de achar alguém que os escondesse sem levantar suspeitas da polícia. Não era fácil encontrar quem aceitasse essa tarefa; de fato a pessoa corria o risco, se fosse encontrada com meus manuscritos, de passar anos em cana.⁸⁴

Nota-se que, mesmo sob a possibilidade de serem presos ou acusados de diversionismo, continuavam suas ações literárias como forma de fazer frente às repressões culturais que sofriam. O direcionamento da arte por meio de parâmetros do realismo socialista provocou um

⁸⁰ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5, op. cit., p. 13. Tradução nossa: [...] para lésbicas, quase não há possibilidades de levar uma vida marginal, em uma subcultura, como fazem os homens homossexuais, encontrando-se em parques e mictórios.

⁸¹ A Revista Mariel será mais bem contextualizada e explorada na segunda parte do Capítulo 2, intitulada *A criação irreverente: literatura como vingança e salvação*.

⁸² ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 118.

⁸³ Ibidem, p. 174.

⁸⁴ Ibidem, p. 145.

cerceamento da liberdade de expressão e uma restrição da criação artística e intelectual em Cuba.⁸⁵ Em decorrência dessas atribuições, diversos intelectuais e homossexuais foram perseguidos por terem suas obras condenadas como imorais, libertinas ou como penetrações culturais imperialistas. Em atitude de embate a essas medidas implementadas, homossexuais e intelectuais insistiram em suas práticas e criações e tentaram salvar suas produções, escondendo os manuscritos ou publicando no exterior.

Em 1971, a partir do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, ocorre o agravamento deste cerceamento às atividades culturais. A arte e a literatura não revolucionárias passam a sofrer ataques ainda maiores em Cuba e àqueles que são seus produtores tornam-se alvos eminentes. Na seção *A atividade cultural* veiculada nas resoluções do congresso, encontra-se:

O desenvolvimento das atividades artísticas e literárias de nosso país deve basear-se na consolidação e incentivo ao movimento de aficionados, tendo como critério o amplo desenvolvimento cultural das massas e a negação das tendências de elite. O socialismo cria as condições objetivas e subjetivas para a autêntica liberdade de criação. Por isso, são condenáveis e inadmissíveis as tendências que, baseadas num critério de libertinagem, buscam mascarar o veneno contrarrevolucionário de obras que conspiram contra a ideologia revolucionária.⁸⁶

Ao apresentarem a ameaça de agressão militar imperialista – presente durante o processo revolucionário – e a necessidade de continuarem livres das amarras do poder estadunidense, delibera-se ainda:

A arte é uma arma da revolução, um produto da decisão de luta do nosso povo, um instrumento contra a infiltração do inimigo. [...] Nossa arte e nossa literatura serão importantes meios para a formação da juventude e da moral revolucionária, que exclui o egoísmo e outras deformações típicas da cultura burguesa.⁸⁷

Observa-se que apesar de estabelecerem a liberdade de criação, contraditoriamente, o socialismo é utilizado como fator condicionante. A arte atribuída como arma revolucionária implica também na negação das demais obras que não se direcionam à estética da Revolução. Origina-se a partir de então o período que ficou conhecido como *Quinquênio Gris*⁸⁸, e que

⁸⁵ MISKULIN, Sílvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba..., op. cit., p. 142.

⁸⁶ Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura..., op. cit., p. 32-33.

⁸⁷ Ibidem, p. 36-37.

⁸⁸ O *Quinquênio Gris* consistiu em um agravamento da luta ideológica entre 1971 e 1975 em decorrência das resoluções do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura. A partir deste foram formuladas leis que

corresponde na autobiografia de Arenas ao período em que mais perseguição ele sofreu. Surgem, por efeito deste momento, novas formas de repressão e novas estratégias dos dissidentes.

Em 1973, Arenas foi acusado de cometer um delito homossexual, o que levou à sua prisão e à abertura de um processo. Solto, sob fiança, relata que contratou um advogado para cuidar de seu caso. Em pouco tempo o delito do qual havia sido acusado havia se transformado em um crime de atividade contrarrevolucionária. Com provas de que Arenas tinha publicado fora do país sem licença da UNEAC e com descrições dos conteúdos de seus textos com teor crítico à Revolução, a situação do escritor passou de um escândalo público para um caso de propaganda contra o regime. Arenas é preso novamente, foge, e com a ajuda de amigos vive foragido por três meses no parque Lenin em Havana, onde finalmente é pego e levado para *Castillo del Morro*.⁸⁹

A partir de sua experiência na prisão, entre 1974 e 1976, o escritor evidencia que quando os homossexuais eram condenados ocupavam as piores celas, geralmente subterrâneas e que eram inundadas quando a maré subia. Não havia sequer banheiro para usarem, eram sempre os últimos a comer e apanhavam cruelmente por qualquer motivo. No entanto, nota-se que ainda nesses espaços conseguiam manter o humor e criavam maneiras para performar a feminilidade: “Com os próprios lençóis faziam saias; pediam graxa de sapato a seus familiares e com isso se maquiavam, fazendo sombras nos olhos. Usavam até a própria cal das paredes para se pintar”.⁹⁰ Quando saíam para tomar sol – o que era permitido uma vez por mês ou de forma quinzenal – os homossexuais “se embelezavam para a ocasião: usavam perucas feitas de corda [...] e saltos altos feitos de pedaços de madeira”.⁹¹ Nota-se assim como esses indivíduos que foram

impediam os homossexuais de exercerem funções em cargos públicos e artísticos, e os demitiam de cargos educacionais. Os intelectuais também foram atacados e condenados ao ostracismo por uma política de direcionamento da arte e da literatura cubana. Ver mais em: MESA, Sergio Chaple. A literatura cubana na época da Revolução. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 136, Aug. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2020.

⁸⁹ O Castillo de los Tres Reyes Magos del Morro é uma fortaleza que foi projetada nas últimas décadas do século XVI pelo engenheiro militar Bautista Antonelli com a função de defesa da cidade de San Cristóbal de La Habana. A sua posição estratégica, à entrada do canal que dá acesso ao porto, permitia-lhe vigiar o oceano e a cidade, comunicando com as demais fortificações. Logo após o triunfo da Revolução Cubana, a estrutura serviu como cadeia para os considerados contrarrevolucionários. Ver *Anexo I*.

⁹⁰ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 213.

⁹¹ *Ibidem*, p. 214.

reprimidos e explorados, se impõem aos processos históricos na experimentação e exposição de suas multiplicidades.⁹²

Arenas relata, ainda, que, durante o tempo em que esteve preso, foi retirado diversas vezes da prisão de *El Morro* e levado para *Villa Marista*, onde ocorriam sessões de interrogatório. Nessas sessões, questionavam como o intelectual conseguia enviar seus manuscritos e comunicados para fora de Cuba e quais os nomes daqueles que o haviam ajudado.⁹³ Quando não cediam as informações exigidas, Arenas e outros presos políticos, eram enviados para suas celas, onde havia um tubo utilizado como forma de coagi-los e torturá-los:

Era um cano através do qual injetavam vapor nas celas dos presos, a qual, completamente trancada, se transformava em uma verdadeira sauna. [...] Vez por outra entrava um médico para verificar a pressão e a frequência cardíaca. Dizia então “Podem continuar mais um pouco”. O vapor recomeçava, tornava-se mais forte, e quando o preso já estava a ponto de infartar, tiravam-no da cela e o levavam para mais um interrogatório.⁹⁴

Após meses nesse ambiente repressivo o intelectual assina uma confissão em que falava sobre sua condição de homossexualidade, renegando-a; e no fato de ter se transformado em um contrarrevolucionário:

Falava [...] de minhas fraquezas ideológicas e de meus livros malditos, que eu nunca voltaria a escrever; na verdade, renegava toda a minha vida, salvando apenas a possibilidade futura de pegar o trem da Revolução e trabalhar para ela dia e noite. [...] Enquanto eu redigia a confissão tinham insistido para que eu declarasse ter corrompido dois menores, [...] prometia também, corrigir-me sexualmente. [...] Na confissão, porém, não citei o nome de ninguém que pudesse ser prejudicado em Cuba, nem dos meus amigos no exterior. [...] Escrevi os nomes de todos os agentes da Segurança do Estado que me tinham delatado, nomes esses que eu lera na lista que o advogado me mostrara.⁹⁵

Apesar de os testemunhos de Arenas exporem que sua prisão ocorreu principalmente devido a seus escritos dissidentes publicados clandestinamente dentro e fora da ilha, entende-se que seu encarceramento também não foi desvinculado de sua condição de homossexual, uma vez que seus embates com a polícia cubana ficaram frequentes após sua primeira detenção, na

⁹² SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, p. 297-325, 1998. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

⁹³ O intelectual cita em sua autobiografia que foram publicadas notícias a respeito de seu desaparecimento no jornal francês *Le Figaro*. Ver em: ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 230.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 235.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 236-244.

qual foi acusado de homossexualismo e que esta denúncia , inclusive, foi o que conduziu o seu julgamento. Dessa forma, Arenas expõe uma realidade árdua em que os homossexuais muitas vezes eram processados pela própria sexualidade e que quando estavam empenhados em trabalhos intelectuais deslegitimadores do processo revolucionário cubano eram ainda mais perseguidos.

Observa-se, por meio destes relatos, que foram diversas as formas de resistência, não só da intelectualidade mas também dos homossexuais, que – entre tertúlias literárias, alianças matrimoniais, desenvolvimento de poesias com conteúdo homossexual, publicações clandestinas de obras de caráter opositor à Revolução, a insistência em performar a feminilidade e a negação da delação – estabeleceram embate com a Revolução.

1.3 Entre *maricones* e *bugarrones*: a hierarquização da repressão e a manutenção de um modelo tradicional de relações de gênero

*[...]Me sentia envergonhado e aterrorizado. [...] Percebia que ser “entendido” em Cuba representava uma das maiores desgraças que podem acontecer a um ser humano.*⁹⁶

Reinaldo Arenas

Além de possibilitar a elucidação das formas de resistência dos homossexuais, os testemunhos de Arenas estabelecem uma classificação dos sujeitos desse grupo. Evidenciando que os mais afeminados sofriam as maiores repressões, mas que dentre estes alguns gozavam do direito de ser homossexual publicamente, o escritor revela uma grande complexidade no que diz respeito à concepção do que é ser homossexual em Cuba. Diferencia assim quatro tipos de homossexuais, os quais denomina: bicha de coleira, bicha comum, bicha enrustida e bicha régia.

De acordo com Arenas, a bicha de coleira era o tipo de homossexual que geralmente sofria denúncias por sua extravagância, chegando a ser preso várias vezes por escândalo público em saunas e praias. Através de uma linguagem metafórica expõe que “o sistema fazia com que ele usasse [...] uma coleira que estava permanentemente em seu pescoço; a polícia o prendia

⁹⁶ Ibidem, p. 73.

com uma espécie de gancho e ele era levado assim para os campos de trabalho forçado”⁹⁷. Nesse sentido, evidencia que as bichas de coleira pagavam um preço alto por sua sexualidade. Caracterizando seu amigo intelectual, Virgílio Piñera, como um desses homossexuais, revela que, após ele ter sido liberto da prisão – onde foi preso não só por seus escritos anticomunistas, mas também devido à sua sexualidade –, passou a ser olhado sempre com suspeição e sofreu constantes censuras e perseguições.⁹⁸ A bicha comum, por sua vez, consistia no homossexual que “tinha seus compromissos, ia a cinemateca, escrevia de vez em quando um poema, jamais corria grandes riscos”⁹⁹. Segundo Arenas, estes não sofriam grandes perseguições. A bicha enrustida, era o homossexual que passava intencionalmente para a sociedade a imagem de heterossexualidade. O intelectual afirma que muitos desses sujeitos eram casados com mulheres e apesar de terem relações sexuais com outros homens, condenavam a homossexualidade. Por fim, aponta que havia também a bicha régia, que por dispor de vínculos diretos com as autoridades revolucionárias, ou por ser recrutada pela segurança do Estado, gozava do privilégio de ser homossexual publicamente.¹⁰⁰

É claro que essas delimitações nas quais Arenas encaixa os homossexuais são limitantes, tendo em vista a impossibilidade dos representantes desse grupo se adequarem a essas categorias restritivas. Essas definições construídas por ele não tem a intenção de propor uma classificação rigorosa ou científica, mas sim de expressar a sua visão a respeito de como esses indivíduos se colocavam no período revolucionário. No entanto, os testemunhos do escritor são valiosos ao apresentar uma hierarquização da perseguição. Evidenciando que as repressões se davam de maneira mais intensa àqueles que abdicavam do padrão de masculinidade viril, Arenas oferece indícios de que a opressão – inclusive os encarceramentos em prisões e centros de trabalhos forçados – foram direcionados, sobretudo, àqueles homossexuais que feriam mais diretamente

⁹⁷ Ibidem, p. 107.

⁹⁸ Virgílio Piñera foi encarcerado no presídio de *El Príncipe* no dia 2 de outubro de 1961. Havia sido acusado de crimes políticos e morais e foi solto graças a intervenção de intelectuais como Carlos Franqui e Edith García Bucacha. No dia anterior, 1º de outubro de 1961, foi montada uma operação pela polícia no centro de Havana para prender prostitutas e possíveis homossexuais. Episódio que ficou conhecido como *La noche de las tres P* (prostitutas, pederastas e proxenetas). Ver mais em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 76.

⁹⁹ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 107.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 107-108.

um padrão normativo social. Ao exporem insistentemente as suas práticas, já declaradas pelos revolucionários como vícios da antiga Cuba capitalista, esses indivíduos evidenciariam as impotências da Revolução.

Esses homossexuais apresentados por Arenas assumiam na relação sexual uma posição de passividade e viviam na sociedade cubana sob o estigma de *maricones*. Além destes, os depoimentos de Arenas apresentam sujeitos que desempenhavam o papel de ativo na relação sexual e se autodenominavam *bugarrones*. Segundo o intelectual, muitas vezes, os *bugarrones* falavam abertamente que possuíam relações sexuais com outros homens e não eram vistos como homossexuais, não sofrendo, portanto, repressão. O próprio Arenas conseguiu o direito de deixar Cuba apenas após a afirmação de que era passivo, sendo inclusive obrigado a caminhar sobre uma linha, sob olhares de psicólogas, que avaliaram o seu modo de andar.¹⁰¹ A observação de episódios como esse levaram Arenas e outros cubanos a declararem que “*Los cubanos heterossexuales creen que la homosexualidad está limitada al homosexual visible*”¹⁰² e que a sociedade cubana rejeitava apenas os *maricones*. No entanto, em seus próprios testemunhos essa determinação pode ser complexificada, nos ajudando a entender além de uma hierarquização da perseguição ao homossexual, as construções sociais a respeito da homossexualidade.

Em um episódio o intelectual revela que após ter relações sexuais com um oficial, o agente apresenta um bloco de notas do Departamento da Ordem Pública e anuncia a sua prisão por homossexualidade. Quando Arenas é levado à delegacia expõe aos outros oficiais que havia se relacionado sexualmente com o seu acusador, que, por sua vez, acreditava não ter cometido qualquer delito por ser ativo. Perplexos diante da confissão, repreendem o acusador, afirmando que:

¹⁰¹ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 310. Esse relato se refere ao momento em que diversos indivíduos considerados inimigos internos do governo, passaram a receber licença para saírem de Cuba. A saída, até então inviabilizada, é concedida sob a justificativa de que estavam libertando a Revolução daqueles que eram responsáveis por seu atraso. Muitos homossexuais deixaram a ilha nesse momento. Estigmatizados de vermes, delinquentes, afeminados, antissociais pela imprensa de Cuba, os *marielitos* – como passaram a ser chamados depois –, foram considerados a escória da Ilha. Ver mais em: MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 170.

¹⁰² MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5, op. cit., p. 13. Tradução nossa: Os cubanos heterossexuais acreditam que a homossexualidade está limitada ao homossexual visível.

Era uma vergonha um policial fazer tais coisas; porque um homossexual, pensando bem, tem suas fraquezas, mas para ele, que era macho de verdade, o fato de se meter com um veado era realmente imperdoável.¹⁰³

Ao romperem os limites da heterossexualidade estável e oposicional – que estabelece a prática do sexo entre homem e mulher –, tanto o oficial quanto Arenas apresentam espectros de incoerência com a normalidade de gênero instituída.¹⁰⁴ Essa incoerência é rechaçada socialmente e pode ser observada pela possibilidade de Arenas ser preso e pela desaprovação do ato do oficial por seus colegas de trabalho. Desse modo, verifica-se a discriminação direcionada tanto a *maricones* quanto a *bugarrones*.

No entanto, a performance no sexo parece ter sido utilizada como fator de desempate para definir quem mais havia abdicado de sua masculinidade. O fato de Arenas ter desempenhado o papel de passivo foi interpretado como uma proximidade ao “papel da mulher” levando-o a ser representado como o “veado”. Por desempenhar o papel de ativo o oficial foi representado como “macho de verdade” e seu ato foi visto como desvio. Desse modo, deixam de ser julgados quanto à sexualidade e passam a ser submetidos a critérios de diferenciação de gênero que estabelecem, para além do sexo entre indivíduos oposicionais – homem e mulher –, uma performance oposicional – entre o masculino e o feminino –. Aquele que tem as práticas consideradas mais viris deixa, nesse momento, de sofrer preconceito e é “reciclado” à normalidade instituída, enquanto aquele que tem as práticas reforçadas como femininas, continua sendo discriminado. É possível notar a partir disso uma ideia de homossexualidade pensada a partir da própria *heterossexualidade institucional*¹⁰⁵ e cunhada dentro de uma noção binária limitante.

Em uma entrevista concedida por um cubano homossexual residente em Miami, veiculada na Revista Mariel, torna-se ainda mais evidente a existência dessa tradição intolerante

¹⁰³ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 127.

¹⁰⁴ De acordo com Judith Butler “[...] espectros de descontinuidade e incoerência [...] são constantemente proibidos pelas leis que buscam estabelecer linhas [...] de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente construído e a ‘expressão’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual”. Ver mais em: BUTLER, Judith. *Identidade, sexo e metafísica da substância...*, op. cit., p. 38-39.

¹⁰⁵ De acordo com Judith Butler “A heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema binário oposicional. Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo”. Ver mais em: *Ibidem*, p. 45.

a tudo que foge de uma padronização instituída. Repara-se uma lamúria de os homossexuais sentirem-se coagidos a interpretar papéis contrários, de forma a desempenhar – consciente ou inconscientemente – um dever social de manutenção da tradição:

*No se puede ser sencillamente homosexual; no basta; muchísimos latinos están metidos en el role playing, en la cosa de imitar los papeles tradicionales del hombre y la mujer latinos heterosexuales. Uno tiene que ser o muy afeminado o muy macho. No se puede ser natural, no se puede ser simplemente gente. En la comunidad cubana, latina, casi todo el mundo, heterosexual u homosexual, obedece a esos modelos de comportamiento, a esas normas que se supone que tenemos. [...] una de las cosas que más confundió y molestó a mi madre, cuando conoció a mi amigo Glenn, fue el que él luciese masculino, y yo también*¹⁰⁶

De acordo com o testemunho, parece ser incompreensível que um homem com hábitos, costumes e práticas consideradas sobretudo femininas se relacionasse com outro homem com as mesmas características, ou que um homem viril se relacionasse com outro homem que detivesse a mesma especificidade. Os relatos evidenciam que quando a sociedade se depara com a quebra de normalidade dos padrões de gênero – evidenciada acima pela relação entre indivíduos não oposicionais –, a dicotomia masculino/feminino é evocada como forma de reestabelecimento da normalidade. Tenta-se impor a noção de que “*el hombre homosexual activo es todavía macho. Al contrario, el hombre pasivo toma el papel femenino tradicional, y pierde su masculinidad*”¹⁰⁷. Dessa forma há uma cobrança social para que os homossexuais se encaixem no padrão dicotômico. No entanto, essa noção, que se manifesta nos diversos testemunhos como uma mutilação das experiências reais dos homossexuais e que é resultante da tentativa de reestruturação de uma *heterossexualidade institucional* – já rompida, inicialmente, pela própria relação homossexual –, parece configurar-se em um verdadeiro leito de Procusto.

Até mesmo em declarações de Arenas é possível identificar esse reflexo de uma tradição intolerante a tudo que foge do padrão masculino e feminino. O intelectual evidencia:

¹⁰⁶ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5, op. cit., p. 15. Tradução nossa: Você não pode simplesmente ser homossexual; não é suficiente; Muitos latinos estão envolvidos no role playing, imitando os papéis tradicionais de homens e mulheres latinos heterossexuais. É preciso ser muito efeminado ou muito macho. Você não pode ser natural, você não pode ser apenas gente. Na comunidade cubana, latina, quase todos, heterossexuais ou homossexuais, obedecem a esses modelos de comportamento, essas normas que supõe-se que devemos ter.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 13. Tradução nossa: O homem homossexual ativo ainda é macho. Pelo contrário, o homem passivo assume o papel feminino tradicional e perde sua masculinidade. O consideram um degenerado efeminado.

[...] percebi que as relações sexuais podem ser enfadonhas e pouco satisfatórias. Existe uma espécie de categoria ou divisão no mundo homossexual; a bicha-louca junta-se com outra e cada uma faz de tudo. [...]. Como pode haver prazer dessa maneira? Se o que se procura é justamente o contrário! A beleza das relações daquela época estava no fato de encontrarmos nossos opostos; [...]. Agora não é assim, ou é difícil que seja assim; tudo foi regularizado de tal forma que se criaram grupos e sociedades onde é muito complicado para um homossexual encontrar outro homem, isto é, o verdadeiro objeto do seu desejo.¹⁰⁸

Percebe-se no trecho acima que o vocábulo “bicha-louca” não é utilizado de modo a deslegitimar as práticas homossexuais. Nesse relato, o termo tem sobretudo, efeito de oposição à representação do masculino viril, identificada pela expressão “homem de verdade”. Desse modo, o “bicha-louca” pode ser entendido como referência aos trejeitos sensíveis, a dissimulação, desequilíbrio e passividade: características relacionadas aos estereótipos do feminino. O que chama a atenção, no entanto, não é a apresentação desta distinção, mas o fato de Arenas parecer não entender que uma relação homossexual possa ocorrer de forma satisfatória entre dois indivíduos cujas práticas se consideram femininas. Há, nesse sentido, uma resistência em aceitar as múltiplas formas de “existir” e de “ser” dos homossexuais dentro do discurso do próprio Arenas, o que descortina a presença do preconceito não só entre os revolucionários – como fazem acreditar os testemunhos –, mas também entre os dissidentes. É importante que se evidencie, porém, que esses preconceitos verificados não se restringem aos revolucionários, aos dissidentes ou a Arenas, eles se estendem à América Latina e, certamente, a todo o mundo ocidental.¹⁰⁹

Diante desses relatos, verifica-se uma violência aos homossexuais que os afeta, sobretudo, por negarem uma normalidade de gênero instituída, seja por suas práticas remeterem a relação sexual entre indivíduos não oposicionais, seja pela visível subversão do padrão dicotômico que estabelece uma coerência do homem como viril e da mulher como feminino.

¹⁰⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 137.

¹⁰⁹ De acordo com Rodrigues, a “conotação identitária [do homossexual], sobretudo de identidade desqualificada, é algo contingencial e histórico”. Segundo ela, “ao longo da maior parte do século XX, o que foi originariamente proposto como mecanismo supressor da perseguição criminal [a homossexuais] vem a se consolidar como fundamento da estigmatização, legitimando as ações de ‘tratamento’ e ‘cura’ desses indivíduos”. Observa-se diante disso, uma discriminação ampla aos representantes desse grupo e que as lutas de libertação do homossexual, insurgentes na década de 1960 e 1970 (que se soma a outras lutas, como a racial e a feminista) são resultantes de sistemas políticos e jurídicos, preconceituosos e anti-homossexuais, comuns a diversos países ocidentais. Ver mais em: RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. Homofilia e homossexualidades: recepções culturais e permanências. *História*, Franca, v. 31, n. 1, p. 381, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742012000100018>. Acesso em: 21 out. 2020.

Percebe-se também que a violência se estende do homossexual (indivíduo) à relação homoafetiva. Quando há vínculo entre dois homossexuais cujas práticas considera-se masculinas é apontada a ausência do feminino e tenta-se atribuir a um dos indivíduos os estereótipos direcionados à mulher.¹¹⁰ Quando a relação apresenta homossexuais cujas práticas são consideradas femininas é apontada a ausência do masculino e uma determinada ilegitimidade do desejo. Tal exigência ocorre por haver “uma oposição binária fixa que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino”¹¹¹ de forma a impor uma rigidez nas práticas desses indivíduos, fazendo com que o homem seja levado, cotidianamente, a atestar sua virilidade enquanto a mulher prova sua sensibilidade. Forja-se assim a necessidade de uma relação oposta e complementar entre o que se considera forte e fraco, brutal e doce, tornando-os interdependentes. Todavia, essa interdependência é ilusória. O que se observa, não só no contexto revolucionário, é uma gama complexa entre as relações, que não se definem por uma oposição dos sexos ou por um antagonismo dos gêneros, mas por uma multiplicidade de ser que ultrapassa as barreiras do binarismo. Por representarem, na Revolução, uma insubordinação a esse – cômodo – modelo binário adotado, os homossexuais causaram desconforto, foram perseguidos e mortos. Mas, ao escancararem a amálgama do masculino e do feminino e suportarem as consequências dessa transgressão, reivindicaram aquilo que foi posto como o princípio original dos revolucionários: a justiça a todos os povos de Cuba.

1.4 Ante as frias grades as almeçadas flores: disputas políticas e busca pela liberdade em território estrangeiro

A bússola apontando sempre para o norte era como um símbolo; tinha que ir para lá, para o norte; não importava a

¹¹⁰ As considerações deste trabalho sobre a homossexualidade são feitas a partir de uma reflexão sobre o homem homossexual, uma vez que as fontes analisadas apresentam, sobretudo, as experiências de Arenas e outros representantes do sexo masculino. Nas partes em que são feitas alusões a mulher homossexual, essa especificidade é apontada no corpo do texto.

¹¹¹ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica..., op. cit., p. 86.

*distância em relação à ilha, mas era preciso ir para o norte, sempre fugindo.*¹¹²

Reinaldo Arenas

Nos diversos relatos de Arenas observa-se uma sociedade em que os opositores ao poder estatal, além de perseguidos, eram mortos em uma estrutura que lhes dificultava a permanência na ilha e concomitantemente negava-lhes a saída. Fenômeno que ocorre, em diversos países, por haver uma interação oposta complementar entre a construção do nacionalismo e a prática do exílio. De acordo com Said:

O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos. Com efeito, a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana [...], opostos que constituem um ao outro. Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação. [...] Logo adiante da fronteira entre "nós" e os "outros" está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas.¹¹³

Como parte destes deslocados, Arenas passou por esse processo de separação, em que foi transformado em dissidente a partir da negação de sua identidade homossexual e de suas práticas literárias. Constituiu, portanto, um “outro” que, segundo os revolucionários, não condizia com os desígnios da Revolução. Habitando esse “território do não-pertencer” em sua própria pátria – que nega sua cultura e costumes –, o intelectual começa a almejar o exílio. Oferece assim um quadro complexo da Cuba revolucionária, permitindo reflexões acerca do desterro cubano e dos sentimentos experienciados por ele nesse processo de expatriação.

É possível verificar, através das cartas enviadas à Margarita e Jorge Camacho que desde meados da década de 1960 Arenas possuía embates com os revolucionários cubanos. Na primeira epístola, datada de 1º de dezembro de 1967, o intelectual já denunciava a perda dos direitos autorais dos escritores a partir das resoluções dos seminários do *Congreso Cultural de la Habana*¹¹⁴, apresentando um profundo descontentamento:

¹¹² ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 205.

¹¹³ SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 49-50.

¹¹⁴ O Congreso Cultural de la Habana foi uma reunião de intelectuais cubanos e estrangeiros, destinada a discussões sobre assuntos referentes a Ásia, África e América Latina. Ocorreu entre os dias 4 e 8 de janeiro de 1968. Os seminários preparatórios deste congresso, relatados por Arenas, ocorreram entre os dias 25 de outubro

*Creo que es conveniente decirte que en los seminarios del Congreso Cultural (que fueron tremendamente mediocres) se aprobó (sin contar con los escritores) por la alta burocracia, que jamás ha escrito una cuartilla, eliminar los derechos de autor. Esto, desde luego, estaba aprobado mucho antes por Fidel, y todo no fue más que una pantomima representativa.*¹¹⁵

A perda desses direitos autorais significava que os trâmites para a publicação de obras não estavam mais a cargo dos escritores. Os organismos revolucionários seriam, a partir de então, responsáveis por aprovar as publicações. Os relatos em *Antes que anoiteça* evidenciam também que em 1967, o intelectual já havia oferecido testemunhos aos amigos sobre diversas formas de repressão que ocorriam em Cuba:

O encontro com Camacho e Margarita marcou uma nova época em minha vida. Tinham aquela intuição (raríssima entre os convidados oficiais de um evento em país socialista) para enxergar a verdade por trás de um elogio, e até das constantes atenções para com eles. Tinham dúvidas em relação à situação real dos artistas em Cuba. Desiderio Navarro, Virgilio Piñera e eu nos encarregamos de revelar tudo: campos de concentração, perseguições, censura, prisões repletas.¹¹⁶

No entanto, mesmo oferecendo esses relatos opositores a Revolução, as epístolas não apresentavam nesse período qualquer referência ao exílio. Nas cartas enviadas entre 1969 e 1970, são observados, ainda, testemunhos sobre a impossibilidade de publicação de suas obras e denúncias de seu cansaço do trabalho revolucionário¹¹⁷, mas sem qualquer menção ao desterro:

e 2 de novembro de 1967. As resoluções do seminário podem ser observadas na íntegra no arquivo da Fundação Mário Soares: *Congreso Cultural de la Habana*. Reunion de intelectuales de todo el mundo sobre problemas de Asia, Africa y America Latina, Fundação Mário Soares / Arquivo Mário Pinto de Andrade. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10202.001.001#11>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

¹¹⁵ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho ...*, op. cit., p. 29. Tradução nossa: Eu acho conveniente dizer que nos seminários do Congresso Cultural (que foram tremendamente medíocres), foi aprovado (sem contar com os escritores) pela alta burocracia, que nunca escreveu uma página, a eliminação dos direitos autorais. Isso, é claro, foi aprovado muito antes por Fidel, e foi apenas uma pantomima representativa.

¹¹⁶ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p.148.

¹¹⁷ De acordo com Drummond, no ano de nos anos de 1969 e 1970 o plano de desenvolvimento econômico acelerado de Cuba apelou à maior capacidade de produção que possuía. Diante disso investiu-se todos os esforços na produção massiva de açúcar para obter recursos e nivelar o comércio exterior. Houve uma mobilização geral – de sindicatos, estudantes, militares, burocratas e o Partido – para alcançar o objetivo de uma safra de 10 milhões de toneladas. A colheita se deu entre novembro de 1969 e julho de 1970. Entretanto, a grande safra alcançou somente 8,5 dos dez milhões de toneladas projetadas, e o esforço esgotou a economia nacional. Ver mais em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 27.

*“Quisiera leer tanto y tengo tan poco tiempo. Quisiera escribir tanto y sin embargo estoy tan cansado”*¹¹⁸, *“yo acabo de regresar de la agricultura donde he pasado tres meses”*¹¹⁹.

Só a partir de 1971 surge para Arenas a necessidade de sair da ilha caribenha. Em sua autobiografia é possível observar que o intelectual começa, nessa data, a apresentar casos em que opositores políticos eram muitas vezes encarcerados e torturados. Vivenciava, por conseguinte, a ampliação de seus medos e descontentamentos com relação a revolução. Arenas apresenta, por exemplo, o evento em que o escritor Heberto Padilla¹²⁰, após ser encarcerado e agredido junto com a sua esposa Belkis Cuza Malé, foi obrigado a fazer uma confissão em meio a diversos intelectuais, denunciando todos os demais escritores que se empenhavam em obras críticas a revolução. De acordo com Reinaldo Arenas:

A noite em que Padilla fez sua confissão foi uma noite sinistra e inesquecível. Aquele homem vital, que escrevera lindos poemas, arrependia-se de tudo o que havia feito, de toda a sua obra anterior, renegando-se a si próprio, intitulando-se de covarde, miserável e traidor. Dizia que, durante o tempo em que estivera preso pela Segurança do Estado, entendera a beleza da Revolução e escrevera poemas dedicados à primavera. Padilla não só retratava-se de toda a sua obra anterior, como também delatava publicamente todos os seus amigos e até sua esposa, os quais, segundo ele, também tiveram uma atitude contrarrevolucionária. Padilla dava o nome de todas essas pessoas, uma por uma: José Yanes, Norberto Fuentes, Lezama Lima [...]¹²¹

Segundo os relatos, muitos desses escritores estavam na plateia e tiveram de ir até o microfone assumir a sua culpa e reconhecer que eram, também, abjetos traidores do sistema. Os testemunhos oferecem ainda, quadros em que escritores agraciados com prêmios nacionais de poesia eram subitamente condenados por diversionismo ou sentenciados por corrupção de menores, sendo posteriormente levados aos campos de trabalho forçado.¹²² A partir das leis da

¹¹⁸ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 40. Tradução nossa: Eu gostaria de ler muito e tenho muito pouco tempo. Eu gostaria de escrever muito e ainda estou tão cansado.

¹¹⁹ Ibidem, p. 47. Tradução nossa: Acabei de voltar da agricultura, onde passei três meses.

¹²⁰ Heberto Padilla tornou-se alvo das ações revolucionárias em 1967, por elogiar e defender exilados e inimigos do governo, denunciar os campos de internação e trabalhos forçados. Suas ações literárias levaram o intelectual a sofrer uma constante censura e repressão, levando-o a negar toda sua obra em 1971. Ver mais em: COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina...*, op. cit., p. 194-195.

¹²¹ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 168-169.

¹²² O próprio Heberto Padilla teve a premiação de seu livro *Fuera de juego* negada pela UNEAC. Após essa obra ter sido qualificada como tendo tendências contrarrevolucionárias, foi publicada com um prólogo explicativo, no qual o intelectual era julgado por seu distanciamento da Revolução, por sua crítica arbitrária sobre os objetivos e problemas da realidade cubana e por sua exaltação ao individualismo num momento em que a Revolução requeria

parametrage, que destituíram os cidadãos de seus cargos públicos e os excluíram do Partido Comunista Cubano por serem considerados contrarrevolucionários¹²³ e das leis do *diversionismo ideológico*, que condenaram o indivíduo pela oposição às ideias políticas e filosóficas oficiais, identifica-se uma repressão de proporções imensuráveis aos intelectuais em Cuba, nesse período. Muitos daqueles que não eram condenados tentavam, de inúmeras formas, partir para o exílio:

Quantos jovens não morreram afogados, tentando atravessar o estreito da Flórida ou, simplesmente, baleados pela guarda costeira da Segurança do Estado? Outros optaram por uma forma de fuga mais segura, ou seja, o suicídio. [...] Agora não tratava apenas de esconder os textos e mandá-los para o exterior no momento adequado; tratava-se também de sairmos do país.¹²⁴

Diante disso, Arenas desenvolve em 1971, juntamente com seus amigos Olga Neschein¹²⁵, Margarita e Jorge Camacho, estratégias específicas para sua fuga. Em diferentes cartas o intelectual solicita “*El libro de las flores*” que, de acordo com sua autobiografia, consistia em um código inventado por eles para planejar sua deserção, sem que fossem descobertos pelas autoridades revolucionárias.¹²⁶ Através dessa expressão, que continha significados secretos, consideraram diversas possibilidades para o exílio. Combinaram a saída de Arenas através de barcos de carga pelo porto de Havana, em outra ocasião pensaram em colocar uma embarcação em algumas das pequenas ilhas próximas a cuba, e ainda houve uma

ações coletivas para obter metas de transformação social. Ver mais em: COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina...*, op. cit., p. 195-196.

¹²³ As resoluções do Congresso Nacional de Educação e Cultura de 1971 atingiram diretamente os homossexuais, mas também afetaram a todos que eram considerados contrarrevolucionários. Em determinado momento, até mesmo os homens héteros foram retirados do Partido Comunista Cubano por não demonstrarem virilidade ou por estarem envolvidos em ações vistas como infiéis a luta de emancipação dos EUA. Ver mais em: CASTRO, Mariela. Uma nação socialista deve defender a igualdade de todos. 2 fev. 2013. Entrevista concedida a Opera Mundi. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sem-pre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

¹²⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 172-173.

¹²⁵ Olga Neschein era amiga de Reinaldo Arenas. Por ter nacionalidade francesa podia sair e entrar em Cuba, livremente. Durante essas viagens entrava em contato com Margarita y Jorge, portando cartas de Arenas e relatando a situação em que o intelectual se encontrava em Cuba. Ela foi a responsável por revelar a Margarita y Jorge o significado da frase “*El libro de las flores*”. Ver em: ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 58.

¹²⁶ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 190.

tentativa de sair pela base de Guantánamo.¹²⁷ Todas as possibilidades eram extremamente perigosas e todas as tentativas foram frustradas.

Apesar de não se mostrarem úteis para a fuga de Arenas essas cartas apresentam, junto as suas estratégias de deserção, representações extremamente sensíveis a respeito de Cuba. Através de metáforas, que visavam burlar a sondagem estatal a seus escritos, o intelectual constrói retratos da Revolução e ainda apresenta suas expectativas com relação ao exílio:

Un amigo mío trabaja para la radio, el programa consiste en tratar temas “curiosos”, los peces, las aves, por ejemplo. Así, leyendo sobre las aves descubrió un pájaro maravilloso, que hace unos nidos largos, mullidos y profundos a los cuales por lo mismo no llega nunca la luz exterior. Bien ¿pues sabes o que hace ese pájaro? Caza cucuyos¹²⁸, los hace prisioneros entre los hilos del nido, les busca comida y los tiene allí, sirviéndose de ellos como si fueran lámparas fluorescentes.¹²⁹

Nesse fragmento, observa-se que a Cuba revolucionária é significada como um regime extremamente autoritário. Ao ser apresentada sob a alegoria de um ninho inalcançado pela luz exterior, simboliza uma estrutura que protege os cubanos, mas que, em contrapartida, os prende, negando-lhes a saída. Essa mesma representação pode ser observada através do pássaro maravilhoso (o revolucionário) que alimenta o cucuyo (o cubano), mas que, ao mesmo tempo, o caça e explora sua bioluminescência. O cucuyo, por sua vez, sustenta todo o sistema do ninho (da Revolução); o seu brilho é o próprio brilho da dissidência e o seu sonho, a luz do exílio.

Percebe-se, diante disso, que Arenas representa uma Revolução que é pautada por uma política de manutenção da vida, mas que, por outro lado, ocasiona a morte massiva através da negação de identidades e práticas. Essa *biopolítica*¹³⁰ pode ser observada na repressão aos

¹²⁷ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 58.

¹²⁸ O cucuyo ou cucubano, conhecido cientificamente como *Pyrophorus* é um besouro de espécie bioluminescente.

¹²⁹ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 57. Tradução nossa: Um amigo meu trabalha para a rádio, o programa consiste em tratar temas curiosos, os peixes, as aves, por exemplo. Assim, lendo sobre as aves descobriu um pássaro maravilhoso, que faz uns ninhos largos, fofos e profundos, nos quais nunca chega a luz exterior. Bem, pois sabe o que faz esse pássaro? Caça cucuyos, os faz prisioneiros entre os fios do ninho, busca-lhes comida e os tem ali, servindo-se deles como se fossem lâmpadas fluorescentes.

¹³⁰ *Biopolítica* é um conceito foucaultiano utilizado para referenciar a transformação das formas de poder, sobretudo, a partir do final do século XVIII. Se antes visava-se a disciplina do indivíduo, a partir do advento da problemática da população a disciplinarização individual é substituída pela governança de um todo, mediante mecanismos globais. As vidas passam a ser administradas de modo a se obter estados de equilíbrio e de regularidade, considerando os aspectos biológicos do homem e assegurando sobre ele uma regulamentação. Normaliza-se assim os comportamentos, as formas de existência, a sociedade. Ver mais em: FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 293-294.

homossexuais, bem como, aos intelectuais, onde os sujeitos são levados, antes de tudo, a se arrepender de suas ideologias ou sexualidades em uma forma de governança que visa a homogeneização da população. Quando são vencidos pelos *dispositivos de controle*¹³¹ esses sujeitos vivem e são integrados a luta da Revolução. Passam de dissidentes a revolucionários, de delatados a delatores, de cucuyos a pássaros maravilhosos. O preço, porém, é a perda da integridade, individualidade e liberdade pessoal. Quando negam a normalidade instituída passam a representar um perigo iminente a sociedade, sendo muitas vezes eliminados sob a justificativa do bem comum. Nunca deixam de ser cucuyos e quando tentam sair do ninho, perdem mais do que o brilho: a existência.

Com o aumento crescente da perseguição e a falha em sair da ilha, os anseios do intelectual aumentam e o exílio parece tornar-se indispensável. Em carta datada de 17 de novembro de 1972 Arenas escreve: “*En cuanto al libro de las flores deben ponerse de acuerdo con Olga a fin de ver si ella ha hecho algún trámite para conseguirle algún editor. Es una obra de una importancia sin límites, como todas las grandes obras*”¹³². Em 30 de abril de 1973 expõe: “*En cuanto al Livre des fleurs, creo que lo mejor que se pueda hacer es ayudar a Olga, en cualquier aspecto, a fin de que ella pueda trabajar en él. Su inteligencia y el dominio de varias lenguas, le permitirán hacer una buena traducción que espero leer pronto*”¹³³. Em 13 de fevereiro de 1974 elabora: “*Siempre lo que he deseado es un lugar solo y quieto donde poder hojear sin mucha precipitación a Proust, Rimbaud o al maravilloso Livre des fleurs que espero*”¹³⁴. Ao representar o desterro como “maravilhoso” e “de uma importância sem limites”,

¹³¹ Os *dispositivos de controle* são aparelhos punitivos que separam o normal do anormal. Mecanismos de governamentalidade que penetram os corpos, os gestos, os comportamentos, em um esforço de disciplinarização. Ver mais em: FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: *Microfísica do Poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 151.

¹³² ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p.62-63. Tradução nossa: Quanto ao livro *das flores* devem pôr-se de acordo com Olga a fim de ver se ela tem feito algum procedimento para conseguir algum editor [alguém que o ajude a sair da ilha]. É uma obra de uma importância sem limites como todas as grandes obras.

¹³³ Ibidem, p. 64-65. Tradução nossa: Quanto ao livro *das flores* acredito que o melhor que se possa fazer é ajudar a Olga em qualquer aspecto a fim de que ela possa trabalhar nele. Sua inteligência e o domínio de várias línguas lhe permitirão fazer uma boa tradução, que espero ler em breve.

¹³⁴ Ibidem, p. 69. Tradução nossa: Sempre o que tenho desejado é um lugar solitário e quieto onde eu possa folhear sem muita pressa a Proust, Rimbaud, ou ao maravilhoso livro *das flores* que espero.

observa-se que Arenas o transforma, ante às repressões, perseguições e o grande medo experimentados, em um símbolo de salvação.

A tentativa de fuga pela estratégia do *livro das flores* está presente em quase todas as cartas enviadas entre 1971 e 1974 e só foi interrompida pela prisão de Arenas, que durou dois anos. Assim que o intelectual foi liberto, em janeiro de 1976, passa a viver sob circunstâncias precárias, com as condições física e financeira debilitadas.¹³⁵ Sem conseguir emprego, vê-se obrigado a pedir a seus amigos objetos básicos para sua sobrevivência. O mesmo escritor que é reconhecido no exterior por suas novelas – saídas de Cuba de forma clandestina –, sobrevive na ilha através da mendicância em uma constante tentativa de estabilizar sua existência.¹³⁶

É possível notar em seus testemunhos literários e epistolares, que o período que sucede o seu julgamento é marcado pela ampliação de seus medos com relação ao Estado, bem como pelo aumento de sua sensação de inexistência e impossibilidade de reconstrução de um local fértil para sua vida. Frases como “pensei que ele tinha sido mandado para verificar se eu continuava com minhas práticas sexuais”, “tudo era controlado pelo governo”, “toda a vida havia sido destruída pelo sistema”, “aparato inquisitorial de Fidel Castro”, passaram a referenciar os seus sentimentos quando mencionava os acontecimentos do seu cotidiano.¹³⁷ Diante disso, a estratégia do *livro das flores* é abandonada. Há ainda uma diminuição de suas correspondências bem como de assuntos relacionados ao exílio. Isso pode ser explicado pela nova situação em que Arenas se encontrava. Sem trabalho, ele se empenhava em sua sobrevivência, além disso, sentia-se ainda mais vigiado pelas estruturas revolucionárias.

É plausível que, como preso político recém-liberto, o intelectual tenha mesmo ficado sob maior vigilância. Relata, por exemplo, que o tenente que o interrogou na prisão havia lhe visitado para mostrar que encontrou manuscritos antirrevolucionários escondidos abaixo do

¹³⁵ Em seu julgamento, Arenas foi condenado a dois anos de prisão, os quais já havia cumprido parcialmente em El Morro. Segundo o escritor, sua pena foi ínfima pelo fato de as testemunhas terem negado a denúncia de abuso movida contra ele. A sanção remanescente foi cumprida em 1975 no exercício de construção de casas estatais e na edificação de uma escola secundária cubana. Arenas expõe em sua obra que não sabe o motivo pelo qual as testemunhas agiram em seu favor, negando o abuso que, segundo ele, realmente era inverídico. O escritor evidencia que talvez os jovens não quisessem que constassem em suas fichas qualquer relação com a homossexualidade. ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 241-242.

¹³⁶ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 72-75.

¹³⁷ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 249-257.

telhado de sua antiga casa e ameaçá-lo.¹³⁸ Em outra ocasião, Arenas declara que o mesmo tenente ligava para ele constantemente oferecendo um emprego em troca de uma literatura revolucionária e socialista.¹³⁹ No entanto, o escritor também apresenta um temor acentuado. Após a experiência de cárcere mostra-se excessivamente preocupado com o aparato policial da Revolução, apresentando em diversas partes de sua autobiografia todos a sua volta como vigilantes revolucionários em potencial. Acometido pelo autoritarismo estatal tem as percepções da realidade alteradas. Suas desconfianças inclinam-se a uma obsessão: “[...] Passei uma semana apavorado, esperando a visita da Segurança do Estado”¹⁴⁰.

Proporcionalmente a seu medo, o ressentimento também se amplia. Cada vez mais o intelectual questiona as ações revolucionárias e desconfia dos agentes comprometidos com a luta da Revolução. Sobre a morte repentina de seu amigo Virgílio Piñera, declarada como infarto em 18 de outubro de 1979, expõe:

Quando cheguei ao velório e não vi o corpo de Virgilio, desconfiei logo que aquela morte pudesse ter sido um crime. Fidel Castro sempre odiou os escritores, inclusive os que estavam a favor do governo, como Guillén e Retamar; mas, no caso de Virgílio, o ódio era ainda mais profundo; talvez por se tratar de um homossexual, e também porque sua ironia era corrosiva, anti-comunista [...]. Ele representava o eterno dissidente, o constante inconformado, o eterno rebelde. Com sua novela *Presiones y diamantes*, na qual descobre-se que um famoso diamante é falso e o jogam na latrina, Virgilio caiu na mais completa desgraça junto a Fidel Castro; a novela era simbólica demais. O diamante chamava-se Delfi, isto é, um anagrama do nome de Fidel.¹⁴¹

Percebe-se nesse trecho que Arenas não apresenta a morte de Piñera como uma fatalidade. O intelectual sugere um assassinato planejado pelo aparelho revolucionário. Em sua autobiografia denota que o corpo de Piñera não foi cedido para o enterro, e que oficiais haviam visitado sua casa há pouco tempo retirando seus escritos e proibindo-lhe de organizar leituras públicas. Ao apresentar um homicídio em função de ações políticas, os escritos de Arenas dão indícios do agravamento de seus ressentimentos à Revolução. Para além disso, esses retratos, do Estado cubano como um poder onipotente e de Fidel Castro como um líder que controla

¹³⁸ Ibidem, p. 258.

¹³⁹ Ibidem, p. 267.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 278.

¹⁴¹ Ibidem, p. 303.

individualmente uma teia coercitiva, revelam o trauma de um indivíduo privado de seus direitos e de suas garantias constitucionais em um Estado extremamente autoritário.

A saída de Arenas da ilha cubana ocorre apenas em 4 de maio de 1980, através do Porto de Mariel. Dois meses antes, cidadãos cubanos roubaram um ônibus e derrubaram os portões da Embaixada do Peru pedindo asilo político. Quando o embaixador peruano concedeu o asilo, Fidel deu ordem para que seus guardas fossem retirados do local com a intenção de pressionar a embaixada. No entanto, continuaram a receber aqueles que reivindicavam asilo político e dentro de dois dias quase 11.000 pessoas se refugiaram no local.¹⁴² Sobre o episódio Arenas relata:

Fidel e Raúl Castro vieram até os portões da Embaixada do Perú. Pela primeira vez, Castro ouviu o povo xingando, chamando-o de covarde e criminoso; pedindo liberdade. Temendo que tivesse início uma revolução popular Fidel Castro e a União Soviética decidiram que era necessário abrir uma brecha e deixar sair do país um grupo dos mais dissidentes; era como fazer uma sangria num organismo doente. Num discurso desesperado e irado, junto com García Márquez e Juan Bosch, que batiam palmas, Castro acusou todos aqueles coitados que se refugiaram na Embaixada do Peru de antissociais e depravados sexuais. [...] O porto de Mariel foi aberto [...].¹⁴³

Para saírem pelo porto de Mariel era necessário que deixassem a embaixada na qual se encontravam portando um salvo-conduto. Segundo Arenas, multidões ficavam do lado de fora das embaixadas e muitas vezes tiravam esses documentos das mãos dos asilados. Perdiam a condição de asilado e ainda eram agredidos. Além de terem ocorrido vários assassinatos que foram tratados pela imprensa como atos heroicos contra antissociais, as casas dos que aguardavam a saída de Cuba foram apedrejadas. Surgiram em toda a ilha cartazes que diziam “Vão embora, a plebe deve ir embora”, “que os homossexuais vão embora, que a escória vá embora”.¹⁴⁴ Para Arenas, estes foram dias em que o terror, que tinham passado durante vinte

¹⁴² Em maio de 1979, em meio a dificuldades econômicas e o endurecimento da vida cultural [...] alguns cubanos começaram a adentrar embaixadas latino-americanas em Cuba a fim de solicitar asilo político. As embaixadas peruana e venezuelana eram as mais escolhidas. Até março de 1980, aproximadamente 30 cubanos já haviam utilizado essa estratégia para deixar a ilha. Após o episódio de invasão embaixada, ocorrido em 4 de abril de 1980, tantas pessoas se refugiaram que dois dias depois o governo cubano retomou a guarda. Ver mais em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 28.

¹⁴³ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 307-308.

¹⁴⁴ Esses cartazes muitas vezes eram utilizados em manifestações a favor do regime castrista. Ver *Anexo II*.

anos, atingira seu pico.¹⁴⁵ No entanto, muitos também conseguiram o documento e consequentemente o exílio. Sobre a saída de seu amigo Lázaro, Arenas testemunha:

[...] fomos juntos de táxi até o local onde expediam os documentos, e Lázaro disse: ‘Não se preocupe, vou tirar você daqui, Reinaldo’. Quando ele saiu do táxi, vi a multidão dar-lhe porretadas nas costas, enquanto ele corria sob uma chuva de pedras e frutas podres; em meio àquela cena, vi Lázaro desaparecer em direção à liberdade, enquanto eu permanecia ali, sozinho.¹⁴⁶

De acordo com Arenas, em nenhum momento o porto de Mariel foi aberto para quem quisesse sair da ilha. Afirma que aqueles que poderiam contribuir para uma imagem negativa de Cuba tinham a passagem negada: “não deixava sair os profissionais com nível universitário, nem os escritores com livros publicados no exterior, como era o meu caso”¹⁴⁷. Saíam aqueles que eram considerados os indesejáveis. Não podendo sair como escritor, Arenas utiliza de um registro comprobatório de que havia sido preso por perturbação da ordem pública.¹⁴⁸

Mandaram-me assinar um documento no qual eu afirmava sair do país por problemas estritamente pessoais e por ser indigno de viver em meio a uma Revolução tão maravilhosa quanto a cubana. Deram-me um número e mandaram que não saísse de casa. [...] Minha saída do país fora tratada a nível de bairro, de delegacia de polícia, os mecanismos de perseguição em Cuba não estavam ainda tão sofisticados, do ponto de vista técnico. Foi por essa razão que consegui sair sem que a Segurança do Estado ficasse sabendo; saí como mais uma bicha-louca, e não como escritor; os tiras que me deram a autorização, no meio de tanta confusão, não sabiam absolutamente nada de literatura, nem podiam conhecer minha obra, quase totalmente inédita em Cuba.¹⁴⁹

Percebe-se diante deste testemunho, que as estratégias de saída de Cuba elaboradas por Arenas estão apoiadas justamente naquilo que o transformou em dissidente dentro da Ilha: a literatura e a homossexualidade. Antes de sua prisão, o *livro das flores* foi o meio encontrado para estabelecer diálogo com seus amigos e planejar a sua fuga. Depois de sua prisão, ele utiliza o próprio processo movido contra ele a respeito de sua homossexualidade. Estes são exemplos que, somados a outras formas de resistência apresentadas nos relatos, mostram a possibilidade de ação da população e o enfrentamento às imposições instituídas.

¹⁴⁵ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 308-310.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 309.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 310.

¹⁴⁸ Para verificar o modelo da carta de liberdade entregue aos contrarrevolucionários após o cumprimento de pena, ver *Anexo III*.

¹⁴⁹ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 311.

Antes de sair de Cuba, porém, era necessário mostrar o passaporte a um dos agentes do aparato policial. Todos os nomes eram checados em um livro no qual estavam listadas as pessoas que não poderiam sair da ilha. Aqueles que constavam no livro ficavam retidos em território cubano.

Rapidamente, pedi uma caneta a um vizinho na fila; como meu passaporte tinha sido feito à mão, e o “e” de Arenas estava muito fechado, transformei a letra em “i” e meu nome passou a ser Arinas; foi esse nome que o oficial procurou no livro e nunca encontrou. [...] Antes de subirmos nos barcos, fomos divididos em grupos: um era formado por débeis mentais, em outro iam os assassinos e marginais irrecuperáveis, em outro mais, as prostitutas e os homossexuais. [...] Os barcos foram lotados com pessoas dos diferentes grupos [...], a maioria constituída de gente como eu, que queria apenas morar num mundo livre, trabalhar e recuperar sua dignidade perdida.¹⁵⁰

Observa-se através desses relatos que muitos dos dissidentes da Revolução, ao serem categorizados nas embarcações, saíram de Cuba sob estigmas extremamente pejorativos, que os perseguiram não só dentro da ilha, mas também no exílio.¹⁵¹ É necessário pensar que essa tipificação da dissidência é feita sob a ótica daqueles que se enquadravam no padrão normativo instituído pela ideologia revolucionária. Desse modo, muitos dos que foram rotulados como antissociais eram, na verdade, opositores políticos; muitos dos classificados como marginais eram artistas e os imorais eram homossexuais. Logo, esses estigmas difundidos pelos revolucionários escondiam uma dimensão social de extrema repressão, perseguição e censura. A caracterização desses dissidentes foi mais uma forma – dentre outras – de deslegitimação da oposição política ao governo revolucionário cubano.

Diante dos expostos, verifica-se que na experiência de Arenas a busca pelo exílio é reafirmada em decorrência das repressões sofridas, referentes a seus escritos e sua sexualidade. A necessidade do desterro surge em 1971 – provavelmente em decorrência do agravamento da perseguição proveniente das resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura – e é reafirmada pela sua experiência na prisão. Com o aumento de seus medos e ressentimentos a Revolução, o intelectual almeja a saída de Cuba como forma de recomposição de seu mundo que havia sido inviabilizado. A segurança, a dignidade e a liberdade passam a ser vistas por

¹⁵⁰ Ibidem, p. 312-313.

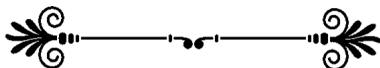
¹⁵¹ Os discursos oficiais tratavam esses dissidentes como “indesejáveis” e indignos da revolução. A imprensa também foi utilizada como meio de produzir uma imagem pejorativa dos que sofreram desterro. Ver mais em: MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 156-174.

Arenas como direitos que só seriam concedidos em uma realidade distinta daquela que experimentou. Assim, os Estados Unidos passam a representar uma possibilidade de refazer a sua identidade perdida, reelaborar a sua existência, de sentir-se novamente completo e livre: *“Tengo muchas cosas que decir y espero poder decirlas”*¹⁵².

¹⁵² ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 40. Tradução nossa: Tenho muitas coisas a dizer e espero poder dizê-las.

Capítulo 2:

Liberdade condicionada e fragmentação identitária: a experiência de Reinaldo Arenas do outro lado do campo simbólico (1980-1990)



*Pero si algún día me ofrecen dos lugares: uno donde puedas gritar y otro donde puedas comer, no vacilaré nunca en escoger el primer sitio.*¹⁵³

Reinaldo Arenas

Ao chegar no exílio, Reinaldo Arenas vivencia uma profunda liberdade e sensação de segurança. Apresenta em suas cartas, enviadas aos seus amigos, que sua nova realidade era convidativa e fértil, relatando uma determinada “paz para escrever”¹⁵⁴ que não encontrava em Cuba. Dessa forma, “as liberdades individuais proporcionadas pela vida nos Estados Unidos configuravam o exílio como um movimento de libertação de um passado autoritário e de ‘asfixia existencial’”¹⁵⁵. Empenha-se, por conseguinte, na publicação de suas obras e em novas criações literárias, documentos que para ele transpunham a sua experiência e sua luta na Revolução. Eram, para o autor, seu grito de resistência. Surgem então diversos livros – como por exemplo, *El color del verano* em 1982, *Otra vez el mar*¹⁵⁶ em 1982, *El asalto* em 1990 –¹⁵⁷, o grande projeto cultural da Revista de Literatura e Arte Mariel (1983-1985), e ainda sua autobiografia,

¹⁵³ Ibidem, p. 49. Tradução nossa: Mas se algum dia me oferecem dois lugares: um onde eu possa gritar e outro onde eu possa comer, não vacilarei nunca em escolher o primeiro lugar.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 109.

¹⁵⁵ DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 83.

¹⁵⁶ Esta novela foi reescrita três vezes enquanto Arenas ainda estava em Cuba. As duas primeiras versões chegaram às mãos dos oficiais cubanos. O primeiro manuscrito foi confiado a seu amigo Aurélio Cortés em 1973, no entanto, Cortés entrega a versão aos policiais cubanos. O segundo manuscrito foi encontrado pela polícia em 1976 abaixo do telhado da antiga casa de Arenas. O intelectual o havia escondido em momento anterior a sua prisão. Conferir em: ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 366.

¹⁵⁷ Estas três obras compõem uma série de cinco romances, que apesar de ficcionais são denunciativos. Juntamente com *Celestino antes del alba* publicado em 1966 e *El Palacio De Las Blanquissimas Mofetas* de 1977, esses escritos caracterizam o regime cubano como miserável e repressivo. Além desse conjunto de romances, intitulado por Arenas de “Pentagonia”, o intelectual publicou um livro de ensaios sobre a realidade cubana, *Necesidad de libertad* em 1986 e uma peça de teatro com o título *Persecución* dividida em cinco atos, também em 1986. Conferir em: ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 10.

finalizada em 1990. Nesses escritos o intelectual, além de denunciar a Revolução, compõe a sua memória e seu “eu dissidente”.

No entanto, com o passar do tempo, esses testemunhos entusiasmados sobre a sua liberdade e felicidade nos Estados Unidos sofrem flutuações e dão lugar a sentimentos de incerteza e dúvida. A Cuba revolucionária recebe representações nostálgicas – ainda que não deixe de ser exposta como a responsável por suas desgraças – enquanto a experiência no desterro passa a ser representada de forma ambígua ou negativamente. As próprias obras de Arenas revelam a guinada de seus pensamentos sobre os Estados Unidos. Em *El portero* (1987), por exemplo, o intelectual compõe em alegorias uma representação sarcástica da vida nos Estados Unidos, denunciando o moralismo, a hipocrisia e a solidão; sentimentos que também são verificados em suas cartas e em sua autobiografia.

Diante do exposto, estrutura-se o segundo capítulo também em quatro partes. Na primeira parte, intitulada *Experiências exílicas: alternância intelectual entre o trauma e a inexistência*, são abordadas as impressões de Arenas a respeito das terras estadunidenses já a partir de seu espaço de experiência. Questiona-se: quais as aproximações e distanciamentos entre as expectativas construídas em Cuba e sua vida no exílio? De que modos as questões de identidade e liberdade perpassam seus testemunhos?

Na segunda parte, intitulada *A criação irreverente: literatura como vingança e salvação*, debate-se: como o intelectual representa a sua literatura? De que forma ele passa a significar a escrita de outros escritores cubanos exilados?

Na terceira parte, denominada *Além da vingança, a negociação do “Eu”*, são analisadas, a partir dos escritos exílicos de Arenas, as representações do autor sobre seu “eu” dissidente. Busca-se responder às seguintes questões: quais construções são feitas pelo intelectual acerca de sua oposição? Como ele representa sua trajetória de exclusão?

Na quarta parte, intitulada *Da repressão a omissão: embates narrativos no campo da memória*, promove-se reflexões acerca das disputas de memória estabelecidas por Arenas por meio de seus relatos. Questiona-se: de que modo ele representa a Revolução e seus opositores políticos? Quais os embates estabelecidos entre suas memórias e as memórias revolucionárias?

É importante ressaltar ainda que, além da autobiografia, neste capítulo são utilizadas com maior frequência as epístolas enviadas por Arenas à Margarita e Jorge Camacho. Apesar de não serem consideradas um gênero literário, elas são estudadas como práticas discursivas por

possibilitarem uma atitude reflexiva no momento de sua produção, e por promoverem uma auto-referencialidade e alusões sobre o contexto social.¹⁵⁸ O sujeito textual das epístolas propiciam, uma melhor compreensão dos medos, angústias e anseios de Arenas ao revelar mais diretamente os detalhes de sua vida privada. Como gênero do *discurso primário*, as epístolas permitem o estudo do “Eu narcísico” do escritor em uma relação mais imediata com a realidade.¹⁵⁹ As oito edições da Revista Mariel, veiculadas entre a primavera de 1983 e o inverno de 1985, também são analisadas de forma a complementar a compreensão da trajetória do intelectual.

2.1 Experiências exílicas: alternância intelectual entre o trauma e a inexistência

*No fim das contas, o exílio não é uma questão de escolha:
nascemos nele, ou ele nos acontece.*¹⁶⁰

Edward Said

Mario Sznajder e Luis Roniger evidenciam que o exílio em sua forma moderna tem suas raízes em uma tradição hispânica de desterro que remonta ao período colonial. No entanto, o exílio só passa a ter maior visibilidade a partir do século XX, quando se torna massivo em decorrência do aumento das lógicas de exclusão política. Os autores argumentam que o banimento consistiu em uma ferramenta de colonização, defesa, e reforço das fronteiras coloniais e ao mesmo tempo serviu para a regulação de elementos entendidos pelo poder hegemônico como perigosos para a paz social. Diante disso, é possível pensar que o exílio moderno se constitui como uma prática que foi internalizada pela cultura latino-americana e que é utilizada como tecnologia de poder e como mecanismo de exclusão institucional.¹⁶¹ Nesse

¹⁵⁸ DOLL CASTILLO, Darcie. La carta privada como práctica discursiva..., op. cit.

¹⁵⁹ As cartas têm uma função pragmática comunicativa e se configuram em um diálogo escrito atrasado pelo distanciamento entre emissor e receptor. Desse modo, classificá-las como gênero do discurso primário implica que são menos mediadas que os gêneros do discurso secundário (novelas, dramas, investigações científicas) e assim possibilitam um contato mais direto com a realidade. No entanto, isso não significa que as epístolas sejam ausentes de mediação. Ao possibilitarem a representação do mundo dos interlocutores, oferecem espaço a autorreflexão e a construção subjetiva, estando sujeita a elementos ficcionais. Ver mais em: Ibidem, p. 39.

¹⁶⁰ SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio..., op. cit., p. 57.

¹⁶¹ JENSEN, S. (1). Sobre La política del destierro y el exilio en América Latina de Mario Sznajder y Luis Roniger. Hacia un enfoque sociopolítico, macrohistórico y teórico-analítico del problema. *Historia, Voces Y Memoria*, p. 15, 2015. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/HVM/article/view/1660>>. Acesso em: 19 maio 2020.

sentido, entende-se que a Cuba revolucionária adota a prática do exílio como forma de estabelecer os domínios do socialismo em um período de disputa no mundo bipolarizado. O desterro cubano no período da Revolução não é resultado de uma colonização física e territorial, mas se estende aos domínios do simbólico e do ideal, enquadrando-se em um exercício de afirmação da ideologia socialista em um país de tradição capitalista. No esforço de se livrar dos controles do imperialismo estadunidense, os revolucionários buscam estabelecer sua soberania e reforçar as fronteiras do sistema através da exclusão e supressão dos dissidentes políticos.

De forma complementar Said apresenta que a condição do exílio é uma mutilação do exilado a partir da separação entre o indivíduo e aquilo que lhe é familiar: cultura, língua, costumes e tradições.

O exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico; é produzido por seres humanos para outros seres humanos e [...] arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia. [...] Na escala do século XX, o exílio não é compreensível nem do ponto de vista estético, nem do ponto de vista humanista: na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão.¹⁶²

Diante disso, observa-se que para além do exílio como prática concreta, também há uma dimensão trágica e de sofrimento daqueles que o experienciam e é sobre essa dimensão que se torna possível a análise nos testemunhos de Reinaldo Arenas. Essa angústia, mencionada por Said, permeia não só a obra autobiográfica *Antes que anoiteça*, mas está expressa em grande medida nas correspondências do escritor. No período anterior ao desterro, a saída de Cuba é apresentada como uma possibilidade de reconstrução de sua identidade e recomposição de sua liberdade, no entanto, seus relatos a partir de 1980 ainda apresentam as dificuldades do autor em reestabelecer sua vida.

Em carta enviada de Miami, datada de 26 de junho de 1980, Arenas expõe: “*El mundo ya no es una esfera imposible sino una invitación infinita*”.¹⁶³ Em 6 de junho de 1981, em Nova Iorque, expressa: “*Es realmente una suerte poder aún dar algún grito, correr por un parque o zambullirse en algún sitio agradable*”¹⁶⁴. Em 8 de janeiro de 1982, também em Nova

¹⁶² SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio..., op. cit., p. 47.

¹⁶³ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho*..., op. cit., p. 106. Tradução nossa: O mundo não é mais uma esfera impossível, mas um convite infinito.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 129. Tradução nossa: É realmente uma sorte poder ainda dar algum grito, correr por um parque ou nadar em algum lugar agradável.

Iorque, manifesta: “*Qué alegría poder haber volado de aquella jaula siniestra*”.¹⁶⁵ Desse modo, Arenas contrapõe a realidade cubana a sua nova vida nos Estados Unidos, de forma a conferir ao local de seu nascimento um estigma de prisão, emudecimento e inospitalidade em oposição a uma vivência livre, ressonante e convidativa.

Todavia, essa nítida demarcação de liberdade ocorre, quase sempre, entre pesares. Em carta enviada de Miami e datada de 15 de junho de 1980, Arenas escreve: “*Miami no es un lugar para quedarse definitivamente [...]. No hay soledad ni hay compañía...hay, sí, un trajín interminable, y automóviles que se desplazan enloquecidos de un lado a otro en una llanura asfixiante. Pero tengo el consuelo inmenso de ser libre y de poder viajar más adelante*”.¹⁶⁶ Na epístola de 1982, citada anteriormente e enviada da cidade de Nova Iorque, assinala ainda: “*Toda la soledad del mundo y toda la nostalgia del mundo valen la pena ante este cielo sin fronteras que tengo ante mí y ante la posibilidad de que esta carta se pueda enviar libremente [...]*”.¹⁶⁷

Esses fragmentos demonstram que a liberdade, tão procurada por Arenas enquanto estava em Cuba, reduz-se em território estrangeiro àquilo que é ante o que não foi. Uma liberdade que está sempre acompanhada de um “porém” e que por esse motivo configura-se em uma libertação incompleta ou *un consuelo*. A Cuba caracterizada como uma jaula é concomitantemente lembrada com nostalgia enquanto a liberdade exílica mostra-se asfixiante e solitária. Por estar acometido por uma existência descontínua, característica do desterro, Arenas mostra-se incapaz de reconstruir sua vida rompida. Mesmo que ele apresente a nova realidade como livre e agradável, observa-se que o escritor se agarra a sua antiga vida, insistindo em recusar, mesmo que discretamente, o pertencimento ao novo lugar.¹⁶⁸

¹⁶⁵ Ibidem, p. 138. Tradução nossa: Que alegria ter voado daquela jaula sinistra.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 104. Tradução nossa: Miami não é um lugar para ficar definitivamente [...]. Não há solidão nem há companhia... há sim uma agitação sem fim e carros que se deslocam enlouquecidos de um lado a outro em uma planície asfixiante. Mas tenho o consolo imenso de ser livre e de poder viajar adiante.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 138. Tradução nossa: toda a solidão do mundo e toda a nostalgia do mundo valem a pena diante deste céu sem fronteiras que tenho diante de mim e diante da possibilidade de que essa carta seja enviada livremente.

¹⁶⁸ De acordo com Said, o exilado “agarra-se à diferença como a uma arma a ser usada com vontade empedernida. Ele insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar”. Ver em: SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio..., op. cit., p. 55.

Simultaneamente à busca pelo “sentir-se livre”, observa-se nos relatos do escritor uma tentativa de reconstituição de sua identidade. Uma identidade que já se fragmentava desde Cuba – quando tinha suas práticas homossexuais negadas e seus escritos censurados –, mas que no desterro parece ainda mais fracionada em função da separação de suas raízes. As questões de sexualidade também continuam atingindo-o no exílio, impedindo a superação de sua crise identitária.¹⁶⁹ Na edição número cinco da Revista Mariel é possível verificar, por exemplo, que Arenas e outros diretores do periódico denunciam uma falta de solidariedade aos homossexuais cubanos. Afirmando a existência de diversos elementos retrógrados no país norte-americano e uma campanha do terror aos asilados de Cuba, evidenciam que o último suicídio de um homossexual cubano havia acontecido em Miami, e não na ilha.¹⁷⁰

Além disso, por ter saído de Cuba com um nome falso, sem documentos que atestem sua existência, Arenas procura uma identidade não apenas subjetiva – relacionada a uma compreensão interna e definição de sua função social – mas uma identidade burocrática. Quando o intelectual é convidado, por Octávio Paz, a sair do EUA para ir ao México revela: “*Deseo, primero que nada, arreglar mi estatus legal aquí, es decir, tener una documentación que dé fe de mi existencia*”.¹⁷¹ Em outra ocasião, quando é convidado para ir a Europa, lamenta: “[...] *no es conveniente abandonar USA sin tener una residencia, o algún tipo de credencial que me permita existir como ciudadano normal, no puedo llegar a Europa indocumentado*”.¹⁷² Essa regularização de seus documentos nunca se efetivou. Ainda que fosse um escritor prestigiado e reconhecido internacionalmente, passou os dez anos de seu exílio em situação irregular.

¹⁶⁹ Os homossexuais haviam sido formalmente excluídos de entrarem nos Estados Unidos desde o início da década de 1950. Em 1952 os homossexuais eram listados pelo Serviço de Imigração e Naturalização (INS) dos EUA como tendo “personalidade psicopática” e por isso eram rejeitados nas terras estadunidenses. Entre 1965 e 1979 eram ainda classificados como “desviados sexuais”. Somente em setembro de 1980 – sete anos após a Associação Americana de Psicologia decidir retirar a homossexualidade como doença de seu *Manual de Diagnóstico e Estatística de Desordens Mentais* –, o INS estabeleceu uma nova política em relação à exclusão de homossexuais, deixando de sondar a vida sexual dos exilados durante a inspeção primária. Ver mais em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel"*..., op. cit., p. 101-103.

¹⁷⁰ Ver Anexo IV.

¹⁷¹ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho*..., op. cit., p. 109. Tradução nossa: Desejo, antes de tudo, colocar em ordem meu status legal aqui, quer dizer, ter uma documentação que ateste minha existência.

¹⁷² Idem. Tradução nossa: [...] não é conveniente abandonar os Estados Unidos sem ter uma residência, ou algum tipo de credencial que me permita existir como cidadão normal, não posso chegar à Europa indocumentado.

Aos poucos Arenas deixa de apresentar a nova realidade como sinônimo de liberdade e passa a referenciá-la como “*un sitio horrible y deshumanizado donde se vive entre la intriga, el tráfico y la envidia*”¹⁷³: “*estoy muy solo, y esta ciudad cada día es más cruel*”¹⁷⁴. Se na ilha caribenha via-se perseguido pela moral, em terras exílicas não foi diferente. Em carta de 1990 afirma: “*Estoy casi seguro que El color del verano no pasará la censura de la burguesía que se titula liberal siempre y cuando no los critiquen a ellos, que ocupan las casas editoriales*”¹⁷⁵. A vida, antes vista como convidativa e acolhedora, torna-se de novo impossível:

Hoje, passados dez anos, percebo que para um exilado não existe nenhum lugar onde possa viver; não existe nenhum lugar, porque aquele com o qual sonhamos, onde descobrimos uma paisagem, lemos o nosso primeiro livro, tivemos a primeira aventura amorosa, continua sendo o lugar sonhado. No exílio ele não passa de um fantasma, a sombra de alguém que nunca consegue alcançar sua completa realidade. Deixei de existir quando cheguei no exílio; a partir de então, comecei a fugir de mim mesmo¹⁷⁶

Observa-se, a partir dos trechos destacados, que Reinaldo Arenas não consegue reconstruir seus sentimentos de completude. Na verdade, eles são inviabilizados duas vezes, primeiro em Cuba por meio de uma amarração seletiva que o transforma em dissidente, e depois no exílio em decorrência da separação de sua terra e de seu passado. Há inicialmente, como demonstrado pelas análises de Saíd sobre o exilado, uma recusa de pertencer ao novo lugar.¹⁷⁷ Mesmo que Arenas tenha almejado por tantos anos o exílio, quando se viu nele, o intelectual insistiu ciosamente em seu direito de rejeitá-lo. No entanto, os relatos apresentam, também, que a censura e a perseguição pela moral sofridas em Cuba são estendidas ao novo território, inviabilizando os sentimentos de pertencimento e de liberdade, tão almejados por Arenas. É possível pensar, diante disso, que o conservadorismo moral – experienciado por Arenas em Cuba – consiste em uma base comum aos diversos países. Por mais que a Revolução tenha intensificado a perseguição aos homossexuais entende-se que essas formas de opressão também

¹⁷³ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 214. Tradução nossa: Um lugar horrível e desumanizado onde se vive entre a intriga, o tráfico e a inveja.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 241. Tradução nossa: Estou muito sozinho e esta cidade é cada dia mais cruel.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 309. Tradução nossa: Estou quase seguro que *El color del verano* não passará pela censura da burguesia que se titula liberal desde que não lhes critiquem, que ocupam as editoras.

¹⁷⁶ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 323.

¹⁷⁷ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio...*, op. cit., p. 55.

são identificadas em terras estadunidenses, não por meio de uma regulamentação jurídica, mas por estarem difusas amplamente nas sociedades ocidentais.

Impedido de experienciar uma liberdade plena dentro de seu país e se vendo novamente alvo de censura e de perseguição, Arenas insiste na literatura como forma de construir um novo mundo e de compensar a sua perda desorientadora. Vivendo a história “como indeterminação, como incerteza, como necessidade cotidiana de intervir para tornar real o devir que lhe interessa”¹⁷⁸, apegase aos recursos literários como sua forma de sobrevivência e de transformação da realidade. Empenhasse, naquele momento, no único lar que lhe era possível: sua escrita.

2.2 A criação irreverente: literatura como vingança e salvação

*En fin, aquí estamos leyendo mis sonetos espléndidamente acompañados por Jorge con su pintura que ya ilumina el mito de la isla para quedarse aun cuando ella y nosotros ya hayamos desaparecido ... ésa es la venganza, la esperanza de la creación.*¹⁷⁹

Reinaldo Arenas

Quando chega em terras estadunidenses, Arenas mostra em suas epístolas uma extrema preocupação em recuperar os manuscritos que havia enviado para fora de Cuba. Estes documentos, que eram impossíveis de serem recriados, transpunham a sua experiência e sua luta no período revolucionário; eram, para ele, a prova de sua existência.

A primeira carta enviada no exílio, datada de 19 de maio de 1980, já demonstra a urgência de Arenas de ter as suas obras em mãos. Escreve: “[...] *si algún sentido ha tenido mi supervivencia en Cuba es la esperanza de poder encontrarme con esos papeles, escritos, ya saben ustedes, bajo tanto terror y cautela que resulta imposible hasta recordar*”.¹⁸⁰ Entre os

¹⁷⁸ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 9.

¹⁷⁹ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho ...*, op. cit., p. 109. Tradução nossa: Enfim, aqui estamos lendo meus sonetos esplendidamente acompanhados por Jorge com sua pintura que já ilumina o mito da ilha, para permanecer mesmo quando ela e nós já tivermos desaparecido... essa é a vingança, a esperança da criação.

¹⁸⁰ Ibidem, 92. Tradução nossa: [...] se minha sobrevivência em Cuba teve algum significado, é a esperança de poder me encontrar com esses papéis, escritos, vocês sabem, sob tanto terror e cautela que é impossível até lembrar.

dias 20 de maio de 1980 e 07 de junho de 1980, o escritor redige e envia mais 9 cartas quase idênticas solicitando a entrega de suas criações: “*Tengo que recobrar mi existencia [...] Los manuscritos que les pido me envíen urgentemente*”¹⁸¹, “*Estoy muy preocupado por el destino de mis manuscritos. Ya sabes que para mí el único sentido de mi vida es saber que están seguros y que nada se ha extraviado*”¹⁸²; “*Esos papeles son mis hijos, mi propia vida*”¹⁸³. Verifica-se assim, que o intelectual recorre a seus manuscritos como forma de recomposição de sua existência e de sua identidade; suas obras passam a simbolizar sua própria vida. São a sua voz e a representação de sua verdade em um novo mundo.

Após ter passado por várias situações que quase o levaram à morte e após ser atingido por uma política que o condenava ao ostracismo dentro de Cuba, Reinaldo Arenas vislumbra em suas criações a possibilidade de tornar sua vida memorável. Em 29 de julho de 1980 escreve: “[...] *hay que encerrarse y trabajar, de lo contrario nos diluimos sin habernos antes concretizado en algo perdurable*”¹⁸⁴. Para além dessa eternização, seus escritos também parecem se converter em uma forma de suportar a realidade do exílio, que se mostrava árdua: “*Creo que sólo en el trabajo creador está nuestra salvación, o al menos el consuelo de no morirnos o enloquecer*”¹⁸⁵. Sua escrita torna-se, assim, o meio de fazer lembrar as lutas e embates que ele e tantos outros intelectuais e homossexuais travaram. São, para o autor, sua autêntica “*venganza enfurecida*”¹⁸⁶.

Além de significar a suas próprias produções literárias, Arenas também representa e constrói significados sobre a escrita e a vida de outros literatos homossexuais cubanos, que assim como ele, tornaram-se opositores políticos em função da repressão revolucionária. Essas representações, que demonstram quais as concepções do intelectual sobre a dissidência, estão

¹⁸¹ Ibidem, p. 93. Tradução nossa: Tenho que recuperar minha existência. [...] Me enviem urgentemente os manuscritos que lhes peço.

¹⁸² Ibidem, p. 94. Tradução nossa: Estou muito preocupado com o destino dos meus manuscritos. Você sabe que, para mim, o único significado da minha vida é saber que eles estão seguros e que nada se perdeu.

¹⁸³ Ibidem, p. 94-95. Tradução nossa: Esses papéis são meus filhos, minha própria vida.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 109. Tradução nossa: [...] temos que nos trancar e trabalhar, caso contrário nos diluímos sem ter antes nos concretizado em algo perdurável.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 150. Tradução nossa: Creio que só no trabalho criador está nossa salvação, ou ao menos o consolo de não morreremos ou de enlouquecer.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 124. Tradução nossa: Vingança enfurecida.

expressas em grande medida nas páginas da *Revista de literatura y arte Mariel*. Todavia, antes de apresentá-las é preciso contextualizar a revista.

O primeiro exemplar do periódico é lançado na primavera de 1983. A partir da coluna *Editorial*, é divulgado que o público-alvo são os artistas e escritores da Geração Mariel nos EUA e que se pretende lançar os números da revista trimestralmente. Pelo fato de seu público-alvo concentrar-se principalmente no extremo sudeste da Flórida, a revista que era editada em Nova Iorque tinha as impressões realizadas em Miami.¹⁸⁷ Nesta mesma coluna, os editores esclarecem que o objetivo da revista consiste em elucidar o fenômeno do Porto de Mariel, apresentando a injustiça, os horrores e descontentamentos dos dissidentes com o governo cubano. Tendo em vista que grande parte da imprensa mundial atribuía aos exilados significações próximas àquelas oferecidas pelo governo revolucionário – de que eram criminosos e antissociais – os produtores do periódico intencionaram a problematização desses estigmas ao apresentar as férteis produções dos dissidentes:

*Si toda la verdad de Mariel, como parte de la más minuciosa y mutilante pesadilla del castrismo, tomará largo tiempo en hacerse palpable en todos sus detalles, ya es hora de que comencemos a lanzar sobre la inteligencia y la sensibilidad de los hombres libres las piezas más abrumadoras de esa verdad [...]*¹⁸⁸

Os editores evidenciam, ainda, que rechaçam toda teoria política ou literária que restrinja a crítica e a imaginação e que se opõem a uma arte mercantil na qual os artistas tornam-se produtores em série.¹⁸⁹ Estabelecem assim que as pretensões da revista consistem na veiculação de “verdadeiras criações”:

¹⁸⁷ A partir do quarto número da revista, ela passa a ser impressa em Nova Iorque, visando uma unificação da recepção dos conteúdos a serem publicados, no entanto, parte dos editores ficam em Miami a coletar materiais para as publicações.

¹⁸⁸ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 1, p. 2. Primavera 1983. Disponível em: <<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 19 mar. 2020. Tradução nossa: Se toda a verdade de Mariel, como parte do pesadelo mais detalhado e mutilador do castrismo, levará muito tempo para se tornar palpável em todos os seus detalhes, é hora de começarmos a lançar sobre a inteligência e a sensibilidade dos homens livres as peças mais esmagadoras dessa verdade [...]

¹⁸⁹ É possível observar que desde 1983 Arenas e os outros editores já tinham críticas ao sistema capitalista. Ao exporem a oposição a arte mercantil, demonstram questionar um organismo cujas bases se firmam no lucro e na competição. No entanto, de acordo com Drummond os marielistas valorizavam a experiência nos Estados Unidos, por este ter sido o lugar em que foi possível realizar as suas obras. A nova realidade era interpretada como democrática e frutífera quando comparada à Revolução. Logo, as críticas ao capitalismo eram ínfimas. Ver mais em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 82.

*No hemos venido al exilio con esquemas de bienestar, o a detenernos en anécdotas pueriles o en chismorreos de salón. Hemos venido a realizar nuestra obra. [...] La literatura no es siquiera un oficio; es un sacrificio y una fatalidad, un placer y una maldición. Toda obra de arte es un desafío, y por lo tanto, implícita o explícitamente, es una manifestación – y un canto – de libertad.*¹⁹⁰

Diante disso, a revista apresenta uma visível oposição à perseguição e à censura sofridas no contexto revolucionário e volta-se para o confronto dos parâmetros discriminadores estabelecidos pela Revolução. Funciona também “como espaço de oposição a medidas autoritárias em relação à produção intelectual”¹⁹¹.

Observa-se no periódico três seções permanentes, nomeadas de *Experiências*, *Confluências* e *Urgências*, que perpassam os oito números da revista. Na seção *Experiências* coletava-se crônicas, memórias e materiais autobiográficos que revelavam aspectos da vida cubana, sobretudo as vivências no governo revolucionário. Apesar de muitos dos relatos nessa cessão terem pertencido aos próprios produtores da Revista Mariel e a escritores profissionais, os leitores eram encorajados a enviarem seus testemunhos. Os editores por sua vez solicitavam o direito de modificar o texto de acordo com as próprias opiniões.¹⁹² Na seção *Confluências* resgatava-se obras cubanas que haviam sido censuradas ou modificadas no contexto revolucionário. Essas obras eram seguidas de ensaios que buscavam esclarecê-las ou completar seus sentidos. A seção *Urgências*, por sua vez, veiculava os comentários e críticas dos editores no que dizia respeito aos acontecimentos mais recentes. Publicava também documentos que se referiam a situação de Cuba ou aos abusos contra os Direitos Humanos em geral, mostrando-se assim mais engajada e denunciativa que as outras seções. A revista buscava ainda um diálogo com os leitores. As críticas e elogios do público leitor eram publicadas na subseção *Cartas*, de

¹⁹⁰ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 1, op. cit., p. 2. Tradução nossa: Não nos exilamos com esquemas de bem-estar, nem para nos debruçarmos sobre histórias infantis ou fofocas de salão. Viemos para realizar nosso trabalho. [...] Literatura nem mesmo é um comércio; é um sacrificio e uma desgraça, um prazer e uma maldição. Toda obra de arte é um desafio e, portanto, implícita ou explicitamente, é uma manifestação - e um canto - de liberdade.

¹⁹¹ DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 85.

¹⁹² O periódico não esclarece como era feita essa edição dos escritos dos leitores. Como a revista tinha um caráter bastante denunciativo e engajado, imagina-se que priorizavam os relatos mais críticos à Revolução, de forma a fundamentar a oposição política dos marielistas.

forma a estabelecer um debate. Todavia, os testemunhos que não estavam alinhados ao anticomunismo e ao anticastrismo eram respondidos com grande reprovação.¹⁹³

O preço do exemplar variou entre US\$2,00 e US\$2,50 quando comprados individualmente. A inscrição anual era feita pelo valor de US\$10,00 para particulares e US\$15,00 para instituições nos EUA. Fora do território estadunidense o custo da inscrição anual foi de US\$20,00 tanto para particulares quanto para instituições. Havia ainda a categoria “Inscritos de honra” para homenagear aqueles que colaboravam com US\$50,00 anuais. Estes colaboradores tinham seus nomes expostos em cada edição e essa categoria somou, até o último número da revista, apenas 17 inscritos.¹⁹⁴ O último número foi veiculado no inverno de 1985 com uma nota de que já haviam cumprido grande parte dos objetivos iniciais e que deixavam uma mensagem de esperança e a prova de que era possível fazer uma revista literária e dinâmica no exílio.

Apresentadas algumas das características e as aspirações dos criadores do periódico – dentre os quais estava o próprio Arenas, que compunha o conselho de direção e o conselho de edição –, voltemos para as significações construídas pelo intelectual no interior deste excepcional projeto político e cultural.

Na seção *Confluências*, Arenas escreve – entre outros textos – ensaios sobre a vida e a obra de Lezama Lima e de Virgílio Piñera, ambos falecidos na década de 1970. Nesses dois ensaios, presentes na primeira e na segunda edições da revista, os escritores homossexuais foram representados como detentores de uma honestidade e um heroísmo intelectual inigualáveis. Apresentando as diversas obras que eles criaram – e que na maioria das vezes foram proibidas pelo regime revolucionário –, Arenas concebe seus amigos como exemplos de intelectuais que não se renderam às coações da Revolução, que se negaram a fazer propagandas do regime e que não foram, como tantos outros, oportunistas políticos. Segundo Arenas, Lezama Lima demonstrou sua bravura e heroísmo “*yendo en contra de todos los engranajes asfixiantes y de los que dirigen esos engranajes, de los encapuchados de siempre que siempre rechazarán toda*

¹⁹³ Ver, por exemplo: MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5, op. cit., p. 28.

¹⁹⁴ Para observar o bilhete de inscrição da Revista Mariel, ver *Anexo V*. Para observar os bilhetes de outras revistas e jornais veiculados, ver *Anexo VI*.

innovación creadora”¹⁹⁵ e Virgílio Piñera, através de uma constante resistência ao aparelho revolucionário:

*Aunque generalmente los escritores sólo mueren dos veces, primero cuando dejan de escribir, luego cuando abandonan este mundo, también en este sentido Virgilio Piñera fue diferente. Hasta ahora podemos registrarle seis muertes. Aunque tal vez sería más adecuado llamar a esas muertes asesinatos.*¹⁹⁶

Desse modo, observa-se que Arenas não só denuncia as diversas formas de repressão empreendidas em Cuba contra esses intelectuais homossexuais, como também legitima seus escritos dissidentes por meio da valorização e reconhecimento de suas obras, entendidas como frutos da bravura e da resistência.¹⁹⁷

Na seção *Urgencias*, Reinaldo Arenas exhibe ainda uma produção textual chamada *Elogio de las furias*. Apresentando a necessidade de expor a verdade sobre os acontecimentos revolucionários, bem como a utilidade de uma determinada fúria – como uma dolorosa, intensa e sensível maneira de sentir – para a elucidação dessa verdade, o escritor exprime que só a franqueza é capaz de controlar a barbárie e a hipocrisia do mundo contemporâneo:

Decir la verdad ha sido siempre un acto de violencia. [...] La verdad, la simple, la escueta, la pura verdad se ha convertido en una palabra subversiva, prohibida o de mal gusto. Se prefiere la caballería canallesca en lugar de la sinceridad. [...] Sin embargo habiéndolo perdido casi todo, aún un dios invulnerable nos inspira y sostiene, el dios de la cólera. Él nos ha alentado en los momentos de mayor espanto. Gracias a él hemos tenido y tendremos fuerzas para decir eso que no permiten decir y somos nuestro íntimo e intransferible desasosiego, nuestro inexpugnable estupor... Que nos aliente siempre en un mundo contaminado por la estupidez, el oportunismo,

¹⁹⁵ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5, op. cit., p. 20. Tradução nossa: O heroísmo intelectual se manifestou aqui, indo contra todas as engrenagens sufocantes e contra aqueles que as comandam, os encapuzados de sempre que sempre rejeitarão toda inovação criativa.

¹⁹⁶ Estes assassinatos sobre os quais Arenas relata são metáforas para as diversas formas de repressão sofridas por Piñera e são atribuídos, quando não à Segurança do Estado, ao aparelho revolucionário. Dizem respeito às ocasiões em que: as obras de Piñera foram censuradas e retiradas das estantes das livrarias cubanas; o escritor teve seus manuscritos confiscados; viu-se obrigado a parar de ler suas obras publicamente; foi rigorosamente interrogado e preso; entre outras. Ver em: MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 2, p. 22. Verano 1983. Disponível em: <<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 19 mar. 2020. Tradução nossa: Embora os escritores geralmente morram apenas duas vezes, primeiro quando param de escrever e depois quando deixam o mundo, também nesse sentido Virgílio Piñera era diferente. Até agora, podemos registrar seis mortes. Embora talvez seja mais apropriado chamar essas mortes de assassinatos.

¹⁹⁷ De acordo com Drummond, Reinaldo Arenas localizava Lezama Lima e Piñera como representantes da criação e da transgressão frente ao autoritarismo e os inseria como representantes de uma história do continente americano marcada pela dicotomia liberdade/opressão. Para saber mais sobre a trajetória dos intelectuais e suas representações na Revista Mariel ver em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 151-167.

*la cobardía, la vileza, la bobería y el crimen, la dicha de perecer prisioneros de una indignación legendaria y heroica.*¹⁹⁸

Em uma narrativa que remete às fúrias da antiguidade clássica grega, Arenas evidencia como as maiores obras já existentes foram escritas de forma a expor a violenta ira do eu-lírico. Na *Iliada* de Homero (século VIII a.C.) cita a fúria de Aquiles; no poema de Ludovico Ariosto (1516) destaca a raiva de Orlando; em *Macbeth* de Shakespeare (século XVI) realça o trecho em que se diz que “*la vida no es más que un cuento lleno de ruido y fúria*”¹⁹⁹. Passa assim pela antiguidade e pela idade média até chegar à contemporaneidade, na qual cita as obras de Sartre, Rimbaud, Dostoiévski e enfim a poesia e a literatura cubana. Observa-se, diante disso, que Arenas equipara as produções dos diversos autores dissidentes às mais renomadas obras de literatura e poesia e, concomitantemente, justifica a escrita agressiva dos contrarrevolucionários. Ao representar os escritores dissidentes como portadores de uma indignação e cólera heroicas, evidencia que esse é o modo de esclarecerem uma verdade que só eles entendem.

A seção *Experiências*, apresenta ainda no número cinco do periódico o tema da homossexualidade, de forma a denunciar uma perseguição sofrida não só por intelectuais, mas também por aqueles que foram considerados antissociais incorrigíveis. Sob o título *Los cubanos y el homosexualismo* os editores revelaram as leis instituídas em Cuba que visavam a criminalização de indivíduos cujas práticas destoavam da heteronormatividade. Além de exporem que a lei intitulada de *Delitos contra el normal desarrollo de las relaciones sexuales y contra la familia, la infancia y la juventud* encontrava-se ainda vigente desde 23 de junho de 1973 – quando foi publicada na *Gaceta oficial* –, afirmam que a *Ley de peligrosidad* também definia os homossexuais como indivíduos incoerentes com a moral socialista, pela “*explotación o el ejercicio de ‘vicios socialmente reprobables*”²⁰⁰ Evidenciam ainda que a partir do artigo

¹⁹⁸ Ibidem, p. 31. Tradução nossa: Dizer a verdade sempre foi um ato de violência. [...] A verdade, o simples, o conciso, a pura verdade se tornou uma palavra subversiva, proibida ou de mau gosto. É preferida a desonestidade à sinceridade. [...] No entanto, tendo perdido quase tudo, ainda um deus invulnerável nos inspira e sustenta, o deus da raiva. Ele tem nos encorajado nos momentos de maior medo. Graças a ele, tivemos e teremos forças para dizer o que eles não permitem dizer, e somos nossa inquietação íntima e intransferível, nosso estupor inexpugnável ... Que nos encoraje sempre – em um mundo contaminado por estupidez, oportunismo, covardia, vileza, tolice e crime –, a alegria de perecer prisioneiros de indignação lendária e heroica.

¹⁹⁹ Idem. Tradução nossa: a vida não é mais que um conto cheio de ruído e fúria.

²⁰⁰ MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 1, op. cit., p. 8. Tradução nossa: exploração ou exercício de ‘vícios socialmente condenáveis’.

84 dessa lei, os homossexuais seriam submetidos a medidas reeducativas que consistiam em: “internamento em estabelecimento de trabalho especializado ou entrega a um grupo de trabalho, para controlar e orientar o comportamento do sujeito em situação de perigo”²⁰¹. Verifica-se, diante disso, um cuidado do projeto editorial em tratar além da perseguição à intelectualidade as imposições sobre a sexualidade.²⁰²

Constata-se assim que os testemunhos veiculados na revista anticomunista denunciaram a repressão revolucionária e corroboraram para a contestação de uma “verdade oficial” discriminadora veiculada não só dentro de Cuba, mas também no exílio. Ao exporem os embates e as lutas travadas na Revolução, os marielistas ofereceram relatos literários de forma a auxiliar na modificação da imagem negativa que foi projetada sobre os refugiados cubanos. Obtendo espaço privilegiado nas páginas da revista, Reinaldo Arenas ofereceu suas contribuições literárias sobretudo em duas das três seções permanentes do periódico – *Confluências* e *Urgências*²⁰³ –. Entre contos e ensaios, o intelectual utilizou os espaços do periódico para denunciar as repressões sofridas por ele e por outros homossexuais cubanos, mas sobretudo para legitimar e valorizar as obras desses dissidentes. Além de apresentar os escritos dos opositores políticos a Revolução como heroicos, fundamentou-lhes a “intransigência, que não é ignorada com facilidade”²⁰⁴. Desse modo, seus escritos no periódico podem ser percebidos não só como parte de sua *venganza enfurecida*, mas sobretudo como uma forma de salvação, não apenas de si mesmo, por meio da tentativa de reconstrução de sua identidade, mas também de uma memória dissidente que ressignifica em variados níveis o contexto revolucionário cubano.²⁰⁵ A

²⁰¹ Essas informações podem ser verificadas no código penal cubano. Ver em: Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba..., op. cit.

²⁰² Além das leis repressivas esta seção apresenta ainda uma entrevista da escritora Ana María Símó com o militante cubano gay Alex Oyanguren; um ensaio de Haidy G. Moller sobre o conceito de homossexualidade para os cubanos e as vivências de mulheres homossexuais em Cuba; escritos de René Cifuentes sobre a perseguição dos homossexuais nas universidades cubanas; e ainda, textos de Juan Goytisolo e Scott Tucker. Ver em: MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5, op. cit., p. 8-15.

²⁰³ As contribuições de Arenas na seção *Experiências* são verificadas em comunicados e textos, que pertencem não só a ele, mas a todos os editores.

²⁰⁴ SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio..., op. cit., p. 55.

²⁰⁵ Em perspectiva semelhante Drummond evidencia que “a presença contundente de elementos autobiográficos nas narrativas dos marielitos não é aleatória, mas exerce função cara a esses sujeitos, não somente a fim de criticar e denunciar o regime revolucionário cubano, mas também na construção de um ‘eu’ em meio às crises de identidade e à suspensão do universo de referências familiares do exílio abordadas. No caso desses intelectuais, essa questão é reforçada pelas rejeições e desencontros que enfrentaram, tanto dentro da ilha, como entre a comunidade de exilados cubanos estabelecidos anteriormente em Miami, e por parcela da sociedade e da mídia

vingança adotada, por conseguinte, é a própria vitalidade criadora, a necessidade de viver manifestando.

Observa-se ainda, que ao exporem suas mágoas com relação à Revolução, Reinaldo Arenas e os demais editores da revista cumpriram por meio do periódico um papel de “porta-vozes no interior dos movimentos sociais e das sensibilidades comuns”²⁰⁶, agindo “como artesãos na formação do ressentimento”²⁰⁷. Nesse sentido as páginas de *Mariel* apresentam um ideal destrutivo do socialismo e do governo castrista em função das ações repressivas cometidas em Cuba. No entanto, acima disso, a revista – que em seu início foi custeada exclusivamente pelos editores e produtores do periódico²⁰⁸ – passou a oferecer uma fundamental visibilidade aos escritores e aos artistas silenciados, configurando-se, também, em um projeto construtivo e criativo. Apresenta assim, a fertilidade e o potencial da literatura e da arte como forma de confrontar a repressão.

2.3 Além da vingança, a negociação do “Eu”: a construção da oposição política nos escritos exílicos de Arenas

*[...]sentia-me reconfortado em saber [...] que as denúncias que fazia contra o regime de Fidel Castro eram absolutamente verídicas, que tudo aquilo era verdade, mesmo quando tive de negar num certo período da minha vida; sabia que a hora da minha retratação haveria de chegar.*²⁰⁹

Reinaldo Arenas

estadunidense.”. Ver em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel..."*, op. cit., p. 87.

²⁰⁶ ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos..., op. cit., p. 20

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ As propagandas na Revista *Mariel* só aparecem a partir do 2º número e algumas tinham vínculos diretos com os próprios editores da revista. O editorial Argos Vergara S.A., por exemplo, é o responsável pela propaganda do livro *Otra vez el mar* de Reinaldo Arenas e a propaganda do jornal literário *Unveiling Cuba* mostra o próprio Arenas como editor. Além das propagandas, as edições apresentam ainda diversas ilustrações, sobretudo de artistas cubanos. Para apreciar algumas das ilustrações da revista, ver *Anexo VII*.

²⁰⁹ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 236-238.

Segundo Pollak, há uma ligação estreita entre memória e identidade, visto que a partir das vivências e lembranças compartilhadas têm-se referências do Eu e do Outro, tornando nossas ações coerentes. A memória trata-se, portanto, de um elemento constituinte da identidade, individual e coletiva. Para Pollak:

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas [...]²¹⁰

O autor afirma também que “se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”.²¹¹ Isto posto, é viável pensar que a construção identitária de Arenas em sua obra exílica é edificada, sobretudo, a partir das aproximações e distanciamentos estabelecidos entre ele e os demais agentes cubanos no processo revolucionário.

Em sua autobiografia, o intelectual afirma que quando recebeu a notícia que Fulgêncio Batista havia fugido de Cuba, ele, que já estava integrado à luta revolucionária, foi tomado de uma imensa alegria:

Descemos das colinas e éramos recebidos como heróis; no meu bairro em Holguín, deram-me uma bandeira do 26 de julho e fiquei correndo pelo quarteirão com aquela enorme bandeira na mão. Senti-me um tanto ridículo, mas havia muita alegria, os hinos ecoavam e toda a cidade saía para a rua. Os rebeldes não paravam de chegar com crucifixos e correntes feitos de sementes; eram os heróis. [...], eu só tinha quinze anos.²¹²

Evidencia que naquele período pensava que não tinha nada a perder, “aliás parecia que tinha tudo a ganhar”²¹³, podia estudar e melhorar as condições de sua vida. Quando começou a estudar em *La Pantoja* apresenta que teve que ocultar sua homossexualidade para sobreviver a depurações de caráter moral, político e religioso e para não ser expulso, no entanto confessa

²¹⁰ POLLAK, Michael. Memória e identidade social..., op. cit., p. 204.

²¹¹ Idem.

²¹² ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 69.

²¹³ Ibidem, p. 71.

que “o entusiasmo suplantava a decepção”²¹⁴: “sem dúvida, éramos doutrinados, mas também nos alimentavam e estudávamos de graça; o governo nos vestia, educava-nos à sua maneira e era dono do nosso destino”²¹⁵.

A oposição do intelectual constrói-se gradualmente, a partir do agravamento da repressão não só à homossexualidade, mas também à intelectualidade. Se erguem progressivamente, na medida em que ele se vê atingido pelo Estado. Em 25 de fevereiro de 1981, Arenas relata:

*De todo lo que una vez fue un círculo lleno de amistad, estímulos y creación, ya no queda en Cuba más que un infierno policial y un absoluto silencio. Virgilio, Lezama, Oscar Hurtado, Maria Luisa, José Cid, todos los escritores que tenían talento se han muerto en un plazo alarmante.*²¹⁶ *Un día yo también habría aparecido muerto “repentinamente”.*²¹⁷

Observa-se nesse trecho que Arenas testemunha uma ruptura em suas expectativas em relação ao ambiente revolucionário. A vida estimulante e criativa experienciada por ele, inicialmente, logo é substituída por uma sociedade extremamente vigiada, que segundo o escritor foi responsável pela morte de vários de seus amigos e de outros intelectuais cubanos, assim como pelas diversas repressões que sofreu. Dessa forma Arenas refaz seu posicionamento e imagem, tornando-se, frente à limitação da liberdade individual instituída na ilha, um opositor político. Primeiro por imposição, diante da impossibilidade de se encaixar no padrão de *homem novo*, depois por opção, assumindo a dissidência e a defesa de intelectuais e homossexuais em cuba e no exílio. Ao recordar, problematiza:

Por que a imensa maioria do povo e os intelectuais não se deram conta de que começava outra vez uma nova tirania, ainda mais sangrenta que a anterior? Talvez nos déssemos conta sim, mas o entusiasmo de saber que vivíamos agora numa revolução, a qual havia derrubado uma ditadura, e que chegara a hora da vingança, todos esses sentimentos eram superiores às injustiças e aos crimes que estavam sendo

²¹⁴ Ibidem, p. 75.

²¹⁵ Ibidem, p. 76.

²¹⁶ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho* ..., op. cit., p. 124. Tradução nossa: De tudo que já foi um círculo cheio de amizade, encorajamento e criação, nada resta em Cuba, exceto um inferno policial e um silêncio absoluto. Virgílio, Lezama, Oscar Hurtado, Maria Luisa, José Cid, todos os escritores que tinham talento morreram em um tempo alarmante.

²¹⁷ Ibidem, p. 138. Tradução nossa: Um dia eu também teria aparecido morto "de repente".

cometidos. Além do mais, não se cometiam apenas injustiças. Os fuzilamentos eram realizados em nome da justiça e da liberdade, principalmente em nome do povo.²¹⁸

Seus testemunhos começam a partir disso a demonstrar um forte rancor em relação aos revolucionários:

Todos esses figurões que sonham em aparecer nas telas de televisão de mãos dadas com Fidel Castro [...] devem ter sonhos mais realistas: devem sonhar com uma corda na qual ficarão pendurados no parque Central de Havana, pois o povo de Cuba, com toda a sua generosidade, ao chegar o momento da verdade, irá enforcá-los. [...] Talvez esse ato de justiça sirva de exemplo para o futuro, pois Cuba é um país que produz canalhas, marginais, demagogos e covardes, numa relação desproporcional à sua população.²¹⁹

Ao desejar que o povo cubano tome consciência da tirania e enforque os líderes revolucionários e seus agentes de confiança, Arenas manifesta uma enorme mágoa em relação àqueles que, pela instituição de leis, possibilitaram a intensificação da violência sofrida por ele e por outros dissidentes. Ao apresentar as ações dos cubanos como imposições governamentais, Arenas parece querer negar a si mesmo que as formas de violência foram adotadas amplamente pelas massas nacionais. Os escritos em sua autobiografia direcionam visivelmente os ressentimentos do escritor a Fidel Castro, como se o líder revolucionário fosse responsável individualmente pelas violências aos opositores políticos. Ao escrever sobre a censura aos intelectuais em sua autobiografia, explicita: “naquele período, a revista era mais um instrumento nas mãos de Fidel Castro e de seu novo regime. A imprensa estava quase toda sob o seu controle.”²²⁰; quanto aos tribunais revolucionários, que julgavam e condenavam pessoas à morte por fuzilamento, expressa: “eram feitos com a grandiloquência e a teatralidade, características de Fidel Castro”²²¹; ainda na carta escrita antes de seu suicídio, denuncia: “nenhuma das pessoas que me cercam estão comprometidas nesta decisão. Só há um responsável: Fidel Castro.”²²². Os relatos sobre a perseguição em sua obra são sempre precedidos por escritos como “o governo de Fidel”, “os militares de Fidel” e “a Cuba de Fidel”.

²¹⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 71.

²¹⁹ Ibidem, 13-14.

²²⁰ Ibidem, p. 88.

²²¹ Ibidem, p. 87.

²²² Ibidem, p. 350. Para observar a reprodução da carta deixada por Arenas antes de seu suicídio, ver *Anexo VIII*.

Nota-se, assim, que Reinaldo Arenas monta a sua narrativa em um processo de oposição aos revolucionários, mas principalmente, aos seus líderes. No entanto, esse antagonismo não se fundamenta pela recusa dos ideais políticos e socioeconômicos do sistema, não se alicerça também no desprezo pelo estabelecimento de uma sociedade igualitária. Muito pelo contrário, seus testemunhos questionam o preconceito, a repressão e a censura, confrontando não as bases ideológicas do comunismo, mas as falhas dos revolucionários em promover um ambiente social justo e menos excludente.

2.4 Da repressão à omissão: embates narrativos no campo da memória

*[...] mirar hacia allá [al pasado] sería convertirnos en estatuas de sal. [...]. Las formas que le damos a esos espacios en blanco son las únicas cosas que la muerte no nos podrá llevar.*²²³

Reinaldo Arenas

Ao considerar que na estruturação de uma memória nacional algumas lembranças são escolhidas e tendem a ser perpetuadas enquanto outras são esquecidas, entende-se que Arenas rememora e veicula em seus escritos episódios que retratam uma Cuba revolucionária diferente daquela da narrativa oficial, a fim de edificar uma memória mais representativa de sua experiência. Através de seus escritos exílicos, o intelectual expõe que a perseguição aos homossexuais não ocorreu de forma alheia às políticas governamentais. Muito pelo contrário, era resultado direto das próprias ações revolucionárias. Dessa forma, Arenas coloca em xeque em seus testemunhos as memórias construídas pelo Estado cubano, que buscou apontar a repressão aos homossexuais não como um ato consciente, mas como uma omissão.

De modo a representar a Revolução e os revolucionários como perpetuadores de preconceitos e demonstrar como as políticas repressivas foram institucionalizadas, o escritor usa sua literatura como forma de denúncia contra as ações empreendidas pelo Estado cubano. Considerando que durante toda a vida de Arenas, o governo castrista não havia se pronunciado a respeito das injustiças cometidas contra os homossexuais ou assumido qualquer

²²³ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho ...*, op. cit., p. 150. Tradução nossa: [...] olhar para lá [para o passado] nos transformaria em estátuas de sal. [...]. As formas que damos a esses espaços em branco são as únicas coisas que a morte não pode nos levar.

responsabilidade pelos atos praticados e entendendo que talvez a situação dos homossexuais na ilha não mudasse sem as denúncias desse grupo, Arenas apresenta em sua obra narrativas produzidas até o ano de sua morte, em 1990, que intencionam contrariar a versão oficial. No entanto, observa-se que as representações dissidentes elaboradas por esse intelectual extrapolam a data de seu suicídio, estabelecendo até hoje embates com a narrativa oficial.

Em entrevista concedida no ano de 2010 – vinte anos após o suicídio de Arenas – ao periódico *La Jornada*, Fidel Castro expõe que as décadas de 1960 e 1970 foram momentos de muita injustiça contra os homossexuais, responsabilizando-se pelas ações discriminatórias. No entanto, ao ser questionado se havia entidades específicas destinadas à opressão dos homossexuais, o líder cubano afirma que não. Relata que Cuba passava por problemas tão urgentes que os dirigentes revolucionários não puderam impedir o que ocorria, lamentando-se por não prestarem a atenção suficiente à questão.²²⁴ Em 2013, em entrevista concedida ao site *Opera Mundi*, Mariela Castro²²⁵, que tem realizado atualmente diversos trabalhos na defesa dos direitos dos homossexuais à frente do CENESEX²²⁶, declara:

É curioso que o processo da Revolução Cubana, em cujo programa político se reivindicava a luta contra desigualdades, racismos e diferentes formas de discriminação contra mulheres, além do fim de injustiças e brechas entre a cidade e o campo, não tenha se interessado pelos homossexuais e os considerado vítimas de discriminações de todos os tipos.²²⁷

Nota-se que enquanto se afirma que a repressão ocorreu por negligência, os testemunhos de Arenas evidenciam a ampliação das hostilidades e a institucionalização da discriminação aos homossexuais. O intelectual relata que os agentes da Revolução, bem como as instituições

²²⁴ CASTRO, Fidel. Soy el responsable de la persecución a homosexuales que hubo en Cuba: Fidel Castro. 31 ago. 2010. Entrevista concedida ao jornal *La Jornada* de México, Espanha, América Central e América do Sul. Disponível em: <<https://www.jornada.com.mx/2010/08/31/mundo/026elmun>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

²²⁵ Mariela Castro é uma ativista pelos direitos da comunidade LGBT. Filha da engenheira química Vilma Espín e do ex-presidente de Cuba Raúl Castro, trabalha em campanhas de prevenção contra a AIDS e pela aceitação de direitos relacionados à homossexualidade, bissexualidade, travestilidade e transexualidade.

²²⁶ O Centro Nacional Cubano de Educação Sexual (CENESEX) foi criado em 1972 pela Federação de Mulheres Cubanas (FMC). No entanto, o CENESEX só passa a fazer parte do Ministério da Saúde Pública em 1989, voltando-se para questões relativas às discriminações de gênero e à aceitação da diversidade sexual. Ver mais em: CASTRO, Mariela. Uma nação socialista deve defender a igualdade de todos..., op. cit.

²²⁷ CASTRO, Mariela. Sobre homofobia, Fidel sempre assumiu responsabilidades, diz Mariela Castro. 2 fev. 2013. Entrevista concedida a *Opera Mundi*. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

emergentes na luta contra o imperialismo, buscaram fortalecer o processo revolucionário através de uma homogeneização do povo e exclusão desses grupos eleitos como inimigos internos. Como reflexo da tradição machista e homofóbica, os homossexuais foram oprimidos por serem representados como detentores dos vícios da Cuba burguesa anterior ao governo revolucionário, mas foram ainda mais oprimidos pelo fato de a ideologia do *homem novo* ter sido utilizada como mecanismo legitimador da repressão.

Nas próprias resoluções do 1º Congresso Nacional de Educação e Cultura é possível visualizar um discurso que afirma a necessidade de manter a unidade ideológica e eliminar os desvios e as “manifestações extravagantes” da população:

Mesmo considerando que algumas manifestações de extravagância, exibicionismo, etc., não constituam motivo de atenção da Revolução, por se restringirem a grupos minoritários e geralmente marginais, a necessidade de manter a unidade ideológica e o combate a qualquer forma de desvio entre os jovens, impõe a implementação de medidas para sua erradicação. [...] Distinguiu-se a aberração extravagante, produzida algumas vezes pela assimilação acrítica de manifestações similares de grupos de estrangeiros – com atitudes da corrompida sociedade burguesa –, e, outras vezes, pela atitude contrarrevolucionária de microgrupos, que a utilizam como mecanismo de identificação interna e contestação à Revolução. Em ambos os casos é necessário o confronto direto e a eliminação.²²⁸

Observa-se diante disso, uma negação de práticas que contestaram a Revolução, bem como de representações que foram identificadas como próprias da burguesia, entre elas a homossexualidade considerada uma patologia:

A respeito dos desvios homossexuais, definiu-se seu caráter de patologia social. Estabeleceu-se o princípio de rechaçar e não admitir, de forma alguma, essas manifestações, nem sua propagação [...]. Estabeleceu-se que o homossexualismo não deve ser considerado como um problema central ou fundamental de nossa sociedade, mas que é necessário solucioná-lo.²²⁹

É importante observar, ainda, que apesar de afirmarem nesses fragmentos que a homossexualidade não constitui motivo de atenção da Revolução, ela foi debatida extensamente na seção “Sobre a sexualidade”, e foi citada na seção “A atividade Cultural”. Além disso, o fato de os homossexuais serem representados como uma comunidade minoritária ou um microgrupo

²²⁸ Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura..., op. cit., p. 21.

²²⁹ Ibidem, p. 28.

parece constituir uma tentativa de apagá-los da história do processo revolucionário, reforçando a efetividade da revolução contra práticas consideradas capitalistas.

Verifica-se que as representações presentes nos discursos de Arenas reforçam essa institucionalização do preconceito. Ao demonstrar que a Revolução se prende às ações homofóbicas tão presentes nas sociedades ocidentais, o escritor enfatiza a intolerância e a diminuição das liberdades individuais. Através de uma invocação literal de elementos, definidos por Pollak como apoiadores da anamnese (pessoas, acontecimentos e lugares), Arenas constrói a sua leitura sobre o período revolucionário de modo a fundamentar o seu antagonismo.²³⁰ Entende-se assim, a partir do preceito de que a memória consiste em um fenômeno “[...] construído e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes”²³¹, que os testemunhos do intelectual realizam o trabalho de desconstruir alguns blocos da construção revolucionária. Como práticas sociais, seus relatos apresentam posicionamentos e intencionalidades que denunciam as permanências do preconceito e da desigualdade e que permitem mudar a visão que se tem a respeito do próprio fenômeno em relação ao qual propõe a mudança.

Tendo em vista que os poderes triunfantes atribuem a verdade exclusivamente às suas próprias narrativas e relegam a falsidade às narrativas dos outros, os testemunhos opositores de Arenas consistem em uma tentativa de reparação social por meio da elucidação de uma verdade antagônica à oficial, configurando-se em práticas culturais e sociopolíticas. Por meio de uma seleção retórica, o intelectual recria seu universo íntimo e a realidade que o envolveu de modo a desvelar as pegadas da luta empreendida entre os homossexuais e o Estado cubano. Transpõe, dessa forma, palavras e imagens que suscitam as lembranças da perseguição, silenciadas e deslegitimadas pelas políticas revolucionárias.

Ao ser questionada, ainda em 2013, sobre as atuais políticas contra a discriminação em Cuba, Mariela Castro apresenta mudanças no projeto revolucionário no que diz respeito à inclusão dos homossexuais. Evidenciando uma clara incompatibilidade do preconceito com os desígnios da Revolução, assegura:

²³⁰ POLLAK, Michael. Memória e identidade social..., op. cit., p. 202.

²³¹ Ibidem, p. 201.

Hoje em dia existe um consenso na sociedade cubana na consideração de que a homofobia e a “transfobia” são formas de discriminação incoerentes com o projeto emancipador da Revolução. Optamos por uma estratégia educativa e comunicacional, pois se trata de um processo de transformação cultural profundo. É imperativo adotar elementos de análise para eliminar os preconceitos que se estabeleceram historicamente para dominar as pessoas, sua sexualidade e seu corpo. A mudança de consciência social é um processo muito grande e complexo, mas imprescindível.²³²

Em 17 de junho de 2014 também estabeleceu-se no Código do Trabalho Cubano a Lei 116, que no artigo 2º da primeira seção afirma a igualdade de direitos entre pessoas com orientações sexuais diversas.²³³ A formação da *Alianza Manos* constituída por organizações LGBT da sociedade civil cubana em 2015 simboliza ainda um aumento dos direitos dos gays, lésbicas, transexuais, bissexuais e intersexuais na Ilha.²³⁴ Além disso, em 22 de dezembro de 2018 *La nueva Constitución de la República de Cuba* foi aprovada pelos deputados na *Asamblea Nacional del Poder Popular* contendo o seguinte artigo:

*ARTÍCULO 42. Todas las personas son iguales ante la ley, reciben la misma protección y trato de las autoridades y gozan de los mismos derechos, libertades y oportunidades, sin ninguna discriminación por razones de sexo, género, orientación sexual, identidad de género, edad, origen étnico, color de la piel, creencia religiosa, discapacidad, origen nacional o territorial, o cualquier otra condición o circunstancia personal que implique distinción lesiva a la dignidad humana.*²³⁵

No ano de 2020 realizou-se ainda a 13ª Edição das *Jornadas Cubanas contra la Homofobia y la Transfobia*, organizada desde 2008 pelo CENESEX.²³⁶ Observa-se, desse modo,

²³² CASTRO, Mariela. Sobre homofobia, Fidel sempre assumiu responsabilidades..., op. cit.

²³³ Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba, Ley No. 116 - Código de Trabajo. Disponível em: <https://www.gacetaoficial.gob.cu/sites/default/files/go_x_029_2014.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

²³⁴ A Aliança Manos é formada por membros da comunidade LGBTI, membros de diferentes organizações como: Arco Iris Libre de Cuba, Fundación Cubana Cristiana LGBTI “Divina Esperanza”, Red Trans Fantasía, Universitarios Diversos, Alianza Afro-Cubana e ativistas independentes dos direitos humanos. O objetivo geral da coalizão é tornar visível, promover e defender os direitos humanos da comunidade LGBTI em Cuba, por meio de treinamentos, grupos de discussão, apresentação de relatórios e participação em campanhas pró-direitos. Ver mais em: Alianza Cubana Manos. Quiénes somos. Disponível em: <<https://www.alianzamanos.org/>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

²³⁵ Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba - Constitución de la República de Cuba. Disponível em: <<http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/Nueva%20Constituci%C3%B3n%20240%20KB-1.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2020. Tradução nossa: Artigo 42. Todas as pessoas são iguais perante a lei, recebem a mesma proteção e tratamento das autoridades e gozam dos mesmos direitos, liberdades e oportunidades, sem qualquer discriminação com base no sexo, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, idade, origem étnica, cor da pele, crença religiosa, deficiência, origem nacional ou territorial ou qualquer outra condição ou circunstância pessoal que implique uma distinção que seja prejudicial à dignidade humana.

²³⁶ Em função da pandemia da COVID-19, esta edição ocorreu virtualmente entre os dias 5 e 31 de maio. Contou com foros de discussão e streaming. Ver mais em: El espacio virtual será el principal escenario de las jornadas contra la homofobia y la transfobia en Cuba. 8 maio 2020. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/noticias>>

que os embates travados pelos movimentos sociais LGBT culminam em mudanças políticas, ocorridas em função de revisões do passado. Verifica-se também que se, inicialmente, a censura revolucionária ocasiona memórias não reveladas, as publicações e testemunhos posteriores dos dissidentes desnudam a repressão. Ao passarem do não-dito à contestação, as lembranças dos dissidentes permanecem vivas e as suas “memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, carregando consigo reivindicações múltiplas”²³⁷, possibilitando, assim, a transformação dos arranjos estatais.

É importante ressaltar, por fim, que apesar desses avanços, ainda são visíveis muitas violações dos direitos homossexuais em Cuba, assim como nos diversos países ocidentais. Em 2017 a *Alianza Manos* denunciou a permanência da perseguição institucional e o descumprimento estatal das obrigações de proteger os representantes da comunidade LGBT. Os ativistas afirmaram que a população não tinha qualquer acesso aos registros de homicídios cometidos contra LGBT’s e que a maioria dos casos de assassinatos eram publicados em canais não oficiais. Segundo eles, o abuso policial a homossexuais também era frequente, sendo um dos grandes responsáveis pela perpetuação do preconceito.²³⁸ A nova constituição cubana de 2019, que substitui a de 1976, apesar de aprovar a igualdade entre heterossexuais e homossexuais perante a lei, vetou o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo mediante consulta popular. Com mais de 80% dos votos o artigo 68 que definia o matrimonio como união entre duas pessoas foi recusado majoritariamente pela sociedade civil e será votado novamente apenas em 2021.²³⁹ Isso mostra que a violação dos direitos homossexuais se estende até a atualidade como um prejuízo social de um processo histórico que se mostrou extremamente excludente.

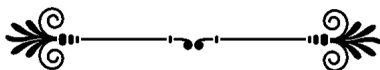
/2020/05/08/el-espacio-virtual-sera-el-principal-escenario-de-las-jornadas-contra-la-homofobia-y-la-transfobia-en-cuba/#.X0q0KnKjIU>. Acesso em: 29 ago. 2020.

²³⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 5, 1989. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

²³⁸ Alianza Cubana Manos. Informe as Nações Unidas sobre a situação de repressões aos homossexuais em Cuba. Disponível em: < <https://uprdoc.ohchr.org/uprweb/downloadfile.aspx?filename=4875&file=SpanishTranslation> >. Acesso em: 28 ago. 2020.

²³⁹ El mundo. Cuba elimina el artículo que avalaba el matrimonio gay del borrador de su nueva Constitución. Disponível em: < <https://www.elmundo.es/internacional/2018/12/19/5c1982a5fdddf7b68b45cc.html> >. Acesso em: 29 ago. 2020.

Considerações finais



Neste trabalho buscou-se compreender a política de repressão aos homossexuais na Revolução Cubana, no período compreendido entre 1959 e 1990, a partir dos testemunhos do intelectual Reinaldo Arenas. Por meio dos relatos por ele produzidos, tanto em Cuba quanto no exílio, discutiu-se as formas de perseguição empreendidas pelo Estado após o triunfo revolucionário, as relações desta perseguição com a ideologia do homem novo, as formas de resistência da homossexualidade e os sentimentos experimentados pelos dissidentes no processo de desterro.

A partir dos testemunhos de Arenas é possível observar que, quando aliada à tradição de intolerância, a ideologia do homem novo passou a ser utilizada como justificativa e meio para a perseguição aos homossexuais, intensificando-a. O trabalho – elemento básico na formação do revolucionário ideal – foi empregado de modo a conferir aos sujeitos que se enquadravam em um padrão heteronormativo um caráter formativo, enquanto os homossexuais foram obrigados a trabalhar em campos agrícolas como forma de punição e reeducação do comportamento sexual. Já a delimitação moral – também essencial na construção de um homem novo –, excluiu significativamente aqueles que foram associados, equivocadamente, a uma tradição capitalista. Por terem suas representações e práticas sexuais consideradas próximas ao feminino, passaram a ser vistos no modelo patriarcal sob o estigma da fraqueza e da covardia. Foram tratados como traidores indignos da Revolução. Assim, os homossexuais sofreram profundas perseguições e depurações das escolas, das universidades, dos cargos públicos e educacionais. Chamados de aberrações, corruptores da juventude revolucionária, depravados reincidentes, antissociais incorrigíveis, tiveram sua condição considerada como uma patologia e foram perseguidos, agredidos, presos e mortos. A negação de suas identidades e práticas foi, surpreendentemente, afirmada em um regime que propunha a libertação, a igualdade e a justiça a todos os povos cubanos, demonstrando assim a abrangência e a gravidade dessa tradição discriminatória difusa em todo o mundo ocidental.

Verifica-se que os homossexuais foram enérgicos na rejeição dessas imposições, agindo de modo a deslegitimar as formas de preconceito que lhes eram direcionadas e a resistir às medidas repressivas. É possível notar nos testemunhos de Arenas que os representantes desse

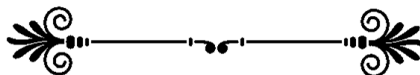
grupo recorreram a alianças matrimoniais com pessoas do sexo oposto para usufruir de direitos que só eram cedidos a casais heterossexuais; desenvolveram poesias e obras com conteúdo homossexual e, quando não conseguiram publicá-las dentro da ilha, as veicularam clandestinamente; insistiram na performatividade do feminino mesmo em situações de extrema repressão; e negaram a delação de outros homossexuais. Arenas demonstra também que utilizou o próprio documento comprobatório de que foi preso por sua homossexualidade para a fuga do ambiente repressivo.

Constata-se ainda a existência de uma hierarquização da perseguição daqueles que não agiam em conformidade com o modelo de gênero dicotômico, amplamente difundido no mundo ocidental e adotado pelos revolucionários. Observou-se que houve perseguições direcionadas aos próprios homens heterossexuais quando suas práticas e representações eram lidas socialmente como femininas e que os homossexuais sofreram repressões tanto por terem práticas lidas como femininas quanto pelo fato de sua sexualidade ter despertado no imaginário dos sujeitos de uma sociedade machista uma potencial passividade. Nesse sentido, a relação afetiva entre dois homens – ou duas mulheres – foi rechaçada, independentemente do papel sexual – ativo ou passivo – desses sujeitos. No entanto aqueles homossexuais que eram mais desviantes das normas instituídas sofreram de forma mais acentuada os preconceitos e punições na Revolução. Logo, identifica-se que o modelo patriarcal, machista e inflexivelmente dicotômico foi mantido pelos revolucionários e culminaram em repressões a todos os civis, homossexuais ou não, e que aqueles que insistiram em performar a feminilidade foram ainda mais atacados.

Além de permitir reflexões sobre o contexto revolucionário, os testemunhos de Reinaldo Arenas mostram grande parte de suas subjetividades, essenciais para entender o clima ideológico cubano e os efeitos da Revolução sobre os dissidentes. Ao expor as experiências e expectativas do intelectual, revelam seus anseios, suas estratégias, e suas representações no ambiente autoritário e na sobrevivência exílica. Nos seus relatos é possível notar uma fragmentação identitária, que se inicia ainda em Cuba por meio da repressão à sua identidade homossexual e da censura a seus escritos, mas que também se estende em território estrangeiro, não só pelo sentimento da continuação da perseguição moral, mas pela impossibilidade de se inserir em uma nova realidade separada de suas raízes. Diante disso, Arenas e muitos outros intelectuais homossexuais dissidentes adotaram uma posição de combate ao socialismo, mais pela

associação do sistema ao fortalecimento do preconceito, do que pela recusa do plano político ideológico. Suas críticas foram feitas sobretudo pelo não cumprimento das proposições revolucionárias de igualdade e liberdade a todos os povos cubanos. A literatura e os escritos testemunhais destes sujeitos foram adotados como forma de estabelecer embates com as ações discriminatórias populares e oficiais e cumpriram essa função ao atingir as políticas institucionais.

Fontes



Discursos

CUBA. Primeiro Ministro (1959-1976: Fidel Castro). Discurso pronunciado para comemorar o VI aniversário do assalto ao palácio presidencial. Universidade de Havana, 13 mar. 1963. Disponível em: < <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html> >. Acesso em: 05 dez. 2019.

Edições de revista

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 1. Primavera 1983. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 2. Verano 1983. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 3. Otoño 1983. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 4. Invierno 1984. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5. Primavera 1984. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 6. Verano 1984. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 7. Otoño 1984. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 8. Invierno 1985. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

Entrevistas

CASTRO, Fidel. Soy el responsable de la persecución a homosexuales que hubo en Cuba: Fidel Castro. 31 ago. 2010. Entrevista concedida ao jornal *La Jornada* de México, Espanha, América Central e América do Sul. Disponível em: < <https://www.jornada.com.mx/2010/08/31/mundo/026e1mun> >. Acesso em: 20 jan. 2020.

CASTRO, Mariela. Sobre homofobia, Fidel sempre assumiu responsabilidades, diz Mariela Castro. 2 fev. 2013. Entrevista concedida a Opera Mundi. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CASTRO, Mariela. Uma nação socialista deve defender a igualdade de todos. 2 fev. 2013. Entrevista concedida a Opera Mundi. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Legislações

Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba, Ley No. 21 - Código Penal. G.O.Ord. No.3 (1-3-79). Disponível em: <<http://www.parlamentocubano.gob.cu/index.php/documento/codigo-penal/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba, Ley No. 116 - Código de Trabajo. Disponível em: <https://www.gacetaoficial.gob.cu/sites/default/files/go_x_029_2014.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba - Constitución de la República de Cuba. Disponível em: <<http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/Nueva%20Constituci%C3%B3n%20240%20KB-1.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

Livros

ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Antes que anoiteça*/ Reinaldo Arenas. _2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967- 1990)*. Sevilla: Point de lunettes, 2010.

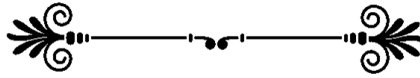
Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura. São Paulo: ed. Livramento, 1980.

Sites

Alianza Cubana Manos. Informe as Nações Unidas sobre a situação de repressões aos homossexuais em Cuba. Disponível em: <<https://uprdoc.ohchr.org/uprweb/downloadfile.aspx?filename=4875&file=SpanishTranslation>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

El mundo. Cuba elimina el artículo que avalaba el matrimonio gay del borrador de su nueva Constitución. Disponível em: <<https://www.elmundo.es/internacional/2018/12/19/5c1982a5fdddf7b68b45cc.html>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

Referência bibliográfica



Artigos em revistas

AROSA, Guido Vieira. Pierre Seel e Reinaldo Arenas: homossexualidade e cânone da literatura de testemunho. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 172-188, 2016. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35002> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

BARATA ZICMAN, Renée. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 4, p. 89-102, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. A correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. *Historiae*, Rio Grande, n. 1, v. 1, p. 61-74, 2010. Disponível em: < <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2339> >. Acesso em: 08 abril 2020.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S.l.], v. 35, p. 253-270, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2221>>. Acesso em: 12 abril 2020.

DOLL CASTILLO, Darcie. La carta privada como práctica discursiva: algunos rasgos característicos. *Signos*, Valparaíso, v. 35, n. 51/52, p. 33-57, 2002. Disponível em: < https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342002005100003 >. Acesso em: 23 mar. 2020.

HINTZE, Gloria; ZANDANEL, María Antonia. Algunas nociones sobre el género epistolar a propósito de las cartas de Francisco Romero. *Cuyo*, v.29, n. 2, p. 13-33, 2012. Disponível em: <<https://bdigital.uncu.edu.ar/app/navegador/?idobjeto=5585>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

JENSEN, S. Sobre La política del destierro y el exilio en América Latina de Mario Sznajder y Luis Roniger: hacia un enfoque sociopolítico, macrohistórico y teórico-analítico del problema. *Historia, Voces Y Memoria*, (8), p. 13-20, 2015. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/HVM/article/view/1660>>. Acesso em: 19 mai 2020.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

MESA, Sergio Chaple. A literatura cubana na época da Revolução. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 131-144, Aug. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142011000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MISKULIN, Silvia Cezar. O ministro Che Guevara e a gestão econômica e empresarial em Cuba. *Novos Rumos*, São Paulo, n. 45, p. 45-48, 2006. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2126>>. Acesso em: 28 abril 2020.

NICOLAZZI, Fernando. História: memória e contramemória. *Metis: História & Cultura*, v. 2, n. 3, p.217-234, 2003. Disponível em: < <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1050/716> >. Acesso em: 19 out. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

RODRIGUEZ, Justo Alberto Chávez. A educação em Cuba entre 1959 e 2010. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 45-54, Aug. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2020.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. Homofilia e homossexualidades: recepções culturais e permanências. *História*, Franca, v. 31, n. 1, p. 365-391, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742012000100018>. Acesso em: 21 Out. 2020.

SANCHIS, Antonio Mestre. La carta, fuente de conocimiento Histórico. *Revista de História Modern*, Universidad de Valência, n. 18, p. 13-26, 2000. Disponível em: < https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4743/1/RHM_18_01.pdf >. Acesso em: 07 abril 2020.

SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, (16), p. 297-325, 1998. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/71721/40667> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. O local do testemunho. *Tempo e argumento*. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894/1532> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

SERRANO LORENZO, Yanesy de la Caridad. La Federación de Mujeres Cubanas y su labor con las familias. *Trab. soc.*, Bogotá, v. 20, n. 2, p. 55-75, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2256-54932018000200055&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2020.

Capítulos de livros

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: Stella Bresciani; Marcia Naxara (orgs.). *Memória (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-36.

BUTLER, Judith. Identidade, sexo e metafísica da substância. In: *Problemas de Gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 37-48.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: *A história contada*: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7-15.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura – A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 61-92.

FOUCAULT, Michel. A Governamentalidade. In: *Microfísica do Poder*. 4.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 277-293.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285-315.

FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: *Microfísica do Poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 146-151.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado*: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. 5. ed. Trad. Bernardo Leitão [et.al] Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

MISKULIN, Sílvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba: o caso de Virgílio Piñera. In: COSTA, Adriane Vidal e BARBO, Daniel (Orgs.) *História, literatura e homossexualidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 129-153.

PROST, Antoine. As questões do historiador. In: *Doze lições sobre a história*; [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira] – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 75-93.

PROST, Antoine. Os fatos e a crítica histórica. In: *Doze lições sobre a história*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 53-73.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 27-33.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.) *Por uma história política*; trad. Dora Rocha. 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-271.

Livros

PRADO, Giliard S. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

Teses e dissertações

AZEVEDO, Tarcio Vancim de. *Reinaldo Arenas e Heberto Padilla: memórias dissidentes à Revolução Cubana no caso do Socialismo Soviético*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Franca, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/121964> >. Acesso em: 19 fev. 2020.

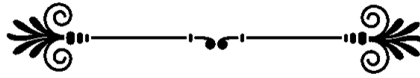
COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre a revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. 2009. 413 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/VCSA-9NBHUX>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel - Revista de Literatura y Arte" (1983-1985)*. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9BHNZ>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

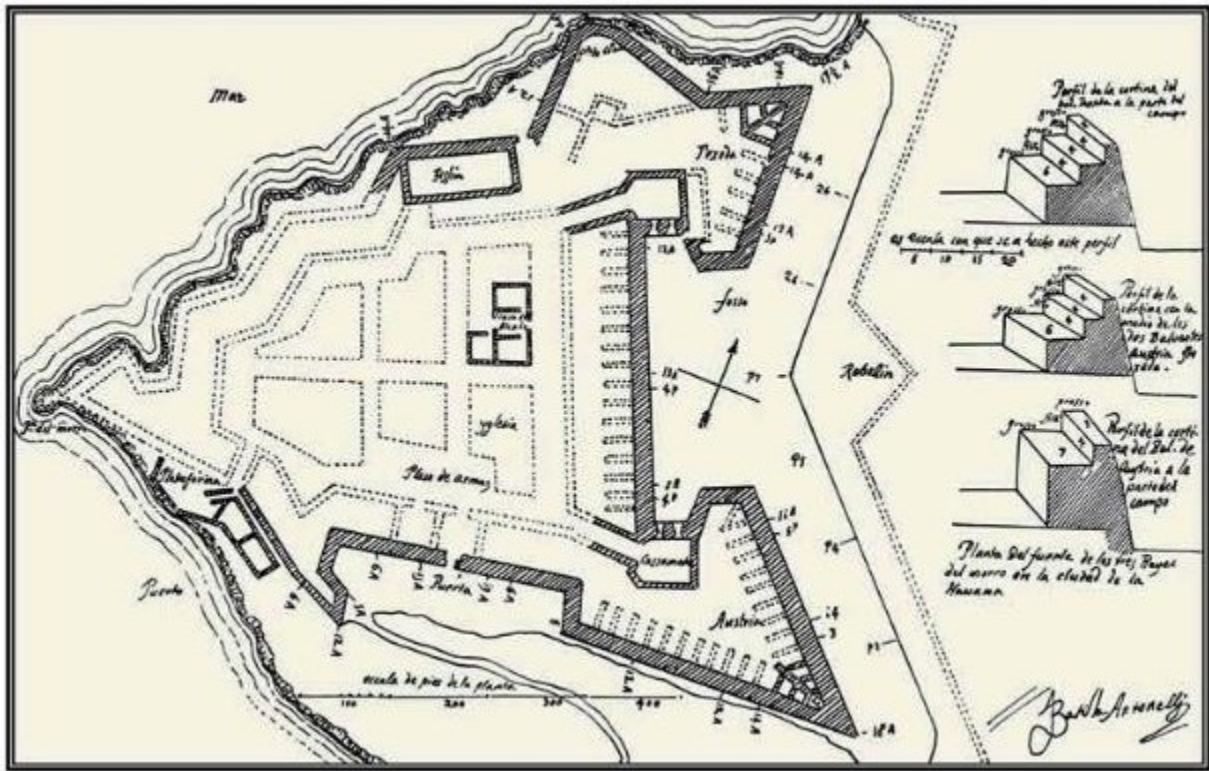
MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4253/1/2009_RickleyLeandroMarques.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. *Reinaldo Arenas: revolução, nação e homossexualidade em Cuba (1959-1980)*. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNIMONTES, Montes Claros, 2018. Disponível em: <<https://www.posgraduacao.unimontes.br/ppgh/2018/06/13/defesa-de-dissertacao-jorge-luiz-ribas/>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

Anexos



Anexo I: *Planta da Fortaleza de El Morro, Havana. Desenho de Bautista Antonelli. 1600, Archivo Graziano Gasparini. In: Los Antonelli, arquitectos de Gatteo. Licença: Domínio Público.*



A “Fortaleza de Los Tres Reyes del Morro” localiza-se na cidade de La Habana, em Cuba. Foi projetada nas últimas décadas do século XVI pelo engenheiro militar Bautista Antonelli com a função de defesa da cidade de San Cristóbal de La Habana. A sua posição estratégica, à entrada do canal que dá acesso ao porto, permitia-lhe vigiar o oceano e a cidade. Situado em um rochedo elevado, a sua planta desenvolve-se como um polígono irregular orgânico, adaptado à língua de terra que se debruça sobre o mar, na margem direita da entrada do canal de acesso ao porto. Pelos seus três lados o conjunto possui um perímetro de 664,50 metros.


Informações retiradas das obras 1. *Antonelli, un nombre en la piedra*; 2. *Castillo de los Tres Reyes del Morro de La Habana* e 3. *La arquitectura colonial cubana*. Os dois primeiros trabalhos são de Juana Tamara Blanes Martín e Sandra Valdés e o último pertence a Joaquín Weiss. Disponível em: < http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=457&muda_idioma=ES >. Acesso em: 18 abril 2020.

Anexo II: Manifestação favorável ao governo castrista durante o Êxodo de Mariel. Imagem veiculada na Revista La Nación, Número 569, 1º de junho de 1980. Autor desconhecido.



Mod. 4-4-54

**DIRECCION DE ESTABLECIMIENTOS
PENITENCIARIOS**




MINISTERIO DEL INTERIOR	
Unidad Ejecutora	C.R.P.
No. Frente de "penales" <u>Penal Militar</u>	
Provincia	<u>Matanzas</u>
Censuero	<u>202362</u>

Ser. Apellido Vifanate		Edn. Apellido Dominquez		Nombre Max	
Alias NO		Hijo de Benjamin		y de Julia	
Natural de Guantanamo		Fecha de nacimiento dia 13 mes 3 año 55		Ciudadania Cubano	
Sexo masculino		Color de la piel blanco		Color del pelo rubio	
Color ojos pardos					
Peso 180	Talla 5,8	Otras señas particulares NO			
Dirección: Calle 22 # 3000 e/s. 13 y 15 Vedado Habana					

Que se encontraba guardando prisión desde el día 12 de Septiembre 19 74,
 sujeto a la Causa N° 588/78 del Tribunal Revolucionario # 1 Camaguey
 por delito de U.I.R.M. y S.I. P en, que resultó condenado a 5 años.
 se ha puesto en libertad por condicional el día 9 de noviembre
 de 19 74, extinguiendo la sanción el día 30 de agosto de 19 75
 y para dejar constancia extirpo y firmo la presente.


PULGARES


IZQUIERDO



PULGARES

DERECHO




Roberto María Rodríguez,
 DIRECTOR DEL CENTRO
 (Firma y Coto Oficial)

Las alteraciones, traslados a una tercera persona con fines de proporción la evasión de la responsabilidad penal o cualquier otro hecho relacionado con la alteración de este documento oficial, serán juzgados según lo previsto en el Título VII, Capítulo III del CDS

Anexo IV: Anúncio do desfile de 20 de agosto de 1977 diante das Nações Unidas em Nova Iorque, organizado por um grupo de homossexuais cubanos. A manifestação intencionava uma oposição a homofobia do governo cubano e solicitava exílio aos homossexuais que queriam sair da ilha, bem como, solidariedade do país-anfitrião. Revista de literatura y arte Mariel. Nova York, v. 1, n. 5, Primavera 1984, p. 15.

FIN A LA PERSECUCION DE HOMOSEXUALES CUBANOS

Los homosexuales cubanos, durante los últimos quince años, hemos sido las víctimas de una persecución institucionalizada e implacable sin paralelo en la historia americana. Comenzando en el 1965 con las internamientos en masa en los campos de concentración de la UMAP, el gobierno castrista nos ha sometido al encarcelamiento, a experimentos biológicos, a la tortura. El homosexual ha sido expulsado de todas las instituciones nacionales. Sus derechos al trabajo, al estudio, al arte han sido negados. En 1971, el Congreso de la Educación de La Habana oficialmente consolidó y delimitó esta política de aniquilamiento. Formularon "medidas preventivas". Entre ellas, el "aseanamiento de focos" y el "control y reubicación de casos aislados". Usando un lenguaje eufemístico, plantearon una solución final evocadora de la solución final de esos otros grandes asesadores, los Nazis.

Como para tantos otros cubanos, el exilio ha sido nuestra única salvación. Para el joven homosexual que dentro de Cuba se enfrenta a su homosexualidad, la situación no tiene salida. Confronta una política de "aseanamiento" en la cual se usan todos los recursos de una psiquiatría cómplice del régimen, y no bastando este enfoque "médico", la mano menos sutil de los carneiros castristas. Muchos han optado por el suicidio.

Desgraciadamente, el exilio no se ha solidarizado con nuestra causa. El último suicidio ocurrió en Miami, no en Cuba. Ovidio Ramos, joven militante homosexual cubano, se quitó la vida en Junio cuando ciertos elementos retrógrados del exilio, aliados a la campaña de terror de la Anita Bryant, se ensañaron contra él, aislándolo hasta de su propia familia.

Ha llegado la hora de que exijamos que el exilio reconozca nuestra persecución, y que cualquier solución política con respecto a Cuba incluya nuestros plenos derechos civiles y humanos.

No nos dejaremos aislar, o arrinconar, ni en Cuba ni en Miami.

Únete a la marcha del 20 de Agosto a las Naciones Unidas.

Cuba sólo será libre cuando todos seamos libres.

EL SÁBADO 20 DE AGOSTO TODAS LAS ORGANIZACIONES GAY HETERÓSEXUALS MARCHARÁN EN MASA A LAS NACIONES UNIDAS. NOSOTROS TENEMOS QUE HACER ACTO DE PRESENCIA. LA MARCHA COMIENZA A LAS 12 DEL DÍA EN WASHINGTON SQUARE. BUSCA NUESTRA PANCARTA. PARA MAS INFORMACIÓN LLAMA AL 242-6651 FUERA DE HORAS DE TRABAJO. TE ESPERAMOS.

marcha a la o.n.u. 20 de agosto 1977

Anexo V: *Bilhete de inscrição e contribuição. Revista de literatura y arte Mariel. Nova York, v. 1, n. 5, p. 15, Primavera 1984, p. 32.*

BOLETA PARA SUSCRIPCIONES Y CONTRIBUCIONES

NOMBRE:

DIRECCION:

CIUDAD: **ESTADO/ZONA** **POSTAL:**

PAIS:

Por favor, marque el cuadro correspondiente:

☐ Suscripción individual en E.U.A. (US\$ 10.00 al año)

☐ Suscripción de instituciones en E.U.A. (US\$ 15.00 al año)

☐ Suscripción individual en el extranjero (US\$ 20.00 al año)

☐ Suscripción de instituciones extranjeras (US\$ 20.00 al año)

☐ Contribución monetaria por US\$.....

ADJUNTE LA CANTIDAD INDICADA EN CHEQUE O GIRO POSTAL.
POR FAVOR, NO ENVIAR EFECTIVO.

Haga los cheques o los giros a nombre de: **MARIEL PUBLICATIONS**

Sólo se aceptan pagos en dólares de Estados Unidos. Los precios que aparecen
arriba corresponden a cuatro números de la revista.

Por favor, aclarar si:

Esto es para renovar su suscripción, a partir del Número

Esto es para suscribirse por primera vez, a partir del Número

NOTA: Si su contribución monetaria es por US\$ 50.00 o más, la revista **MARIEL**
lo considerará **SUSCRIPTOR DE HONOR**. Una lista de los suscriptores
de honor aparece en cada número de la revista. Si usted quisiera que su
nombre aparezca en esa lista, firme a continuación.

**AUTORIZO A QUE MI NOMBRE SEA PUBLICADO EN LA LISTA DE
SUSCRIPTORES DE HONOR DE MARIEL**

Firmado:

Llene esta boleta y envíela hoy mismo a:
MARIEL, P.O.BOX 2788, New York, NY 10185

O preço do exemplar variou entre US\$2,00 e US\$2,50 quando comprados individualmente. A inscrição anual era feita pelo valor de US\$10,00 para particulares e US\$15,00 para instituições nos EUA. Fora do território estadunidense o custo da inscrição anual foi de US\$20,00 tanto para particulares quanto para instituições. Havia ainda a categoria “Inscritos de honra” para homenagear aqueles que colaboravam com US\$50,00 anuais. Estes colaboradores tinham seus nomes expostos em cada edição. Essa categoria somou, até a último número 17 inscritos.

Anexo VI: Bilhetes de inscrição em revistas e jornais veiculados na Revista Mariel.



Figura 1: Revista Oveja Negra. v. 1, n. 2. Verano 1983, p.24.



Figura 2: Revista Término. V. 1, n. 4. Invierno 1984, p.12

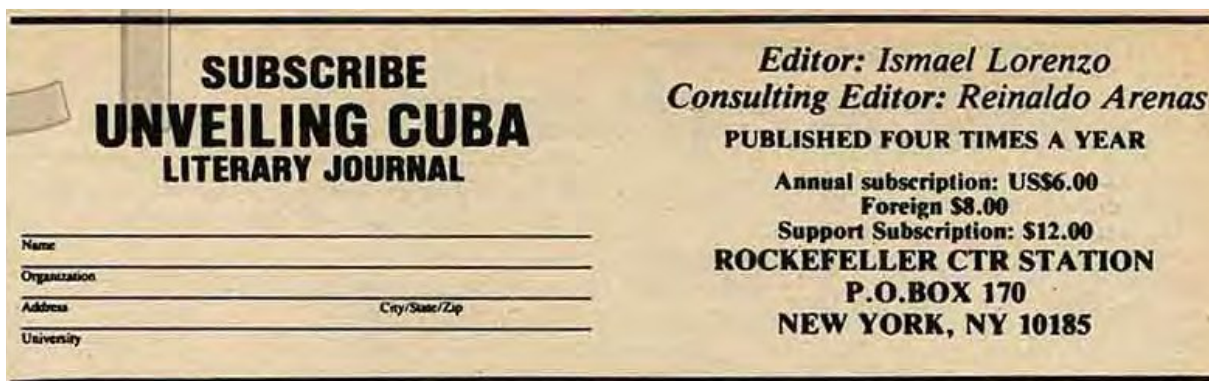


Figura 3: Jornal Unveiling Cuba. v. 1, n. 2. Verano 1983, p.11.



Figura 4: Enlace. v. 1, n. 8. Invierno 1985, p.39



Figura 5: Guangara Libertaria. v.1, n. 8. Invierno 1985, p.38.

Anexo VII: Algumas das ilustrações veiculadas na Revista Mariel.

Edição nº6, p. 8, p. 9.



Figura 1: Carlos José Alfonso. Sem título. Tinta sobre papel - 1984.

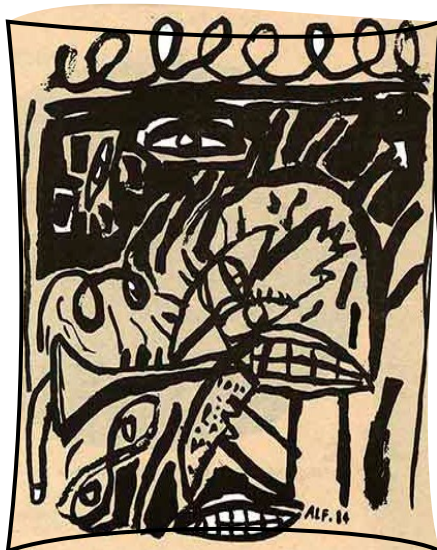


Figura 2: Carlos José Alfonso. Sem título. Tinta sobre papel - 1984.



Figura 3: Carlos José Alfonso. Sem título. Tinta sobre papel - 1984.

Edição nº 8, p. 30, p. 31.

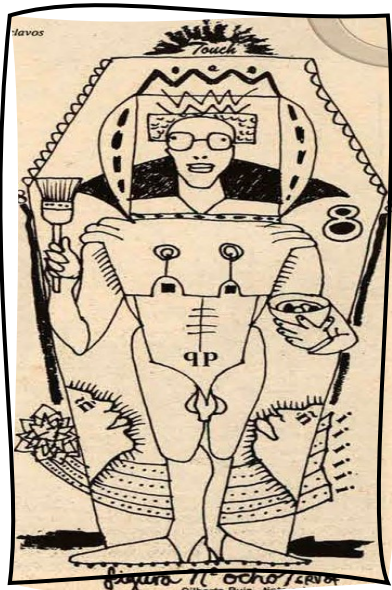


Figura 4: Gilberto Ruiz – “Figura nº ocho”. Tinta sobre papel - 1984



Figura 5: Gilberto Ruiz – “Figura nº trece”. Tinta sobre papel - 1984

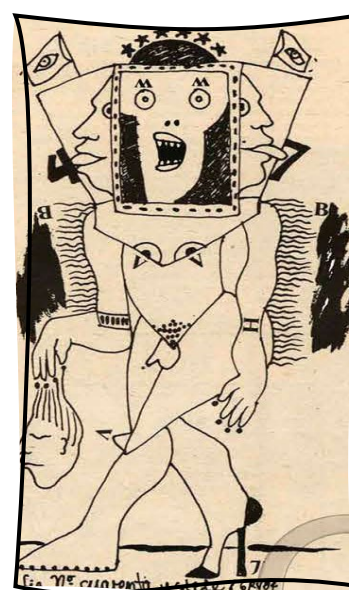


Figura 6: Gilberto Ruiz – “Figura nº 47”. Tinta sobre papel - 1984

Anexo VIII: *Cópia da carta redigida por Reinaldo Arenas antes de seu suicídio. Foi publicada na última página de sua obra autobiográfica. Antes que anoiteça, 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 351.*

Queridos amigos:

Devido ao meu precário estado de saúde e à terrível depressão emocional que me impossibilita de continuar a escrever e a lutar pela liberdade de Cuba, estou pondo um fim a minha vida. Nos últimos anos, mesmo me sentindo muito doente, pude terminar minha obra literária, na qual trabalhei por quase trinta anos. Deixo-lhes, pois, como legado todos os meus terrores, mas também a esperança de que em breve Cuba será livre. Sinto-me satisfeito por ter contribuído, mesmo que modestamente, pelo triunfo desta liberdade. Ponho fim a minha vida voluntariamente porque não posso continuar trabalhando. Nenhuma das pessoas que me cercam estão comprometidas nesta decisão. Só há um responsável: Fidel Castro. Os sofrimentos do exílio, a dor de ter sido banido, a solidão e as doenças contraídas no desterro - certamente não teria sofrido isto se pudesse ter vivido livre em meu país.

Conclamo o povo cubano, tanto no exílio quanto na Ilha, a seguir lutando pela liberdade. Minha mensagem não é uma mensagem de derrota, mas sim de luta e esperança.

Reinaldo Arenas
PARA SER PUBLICADA